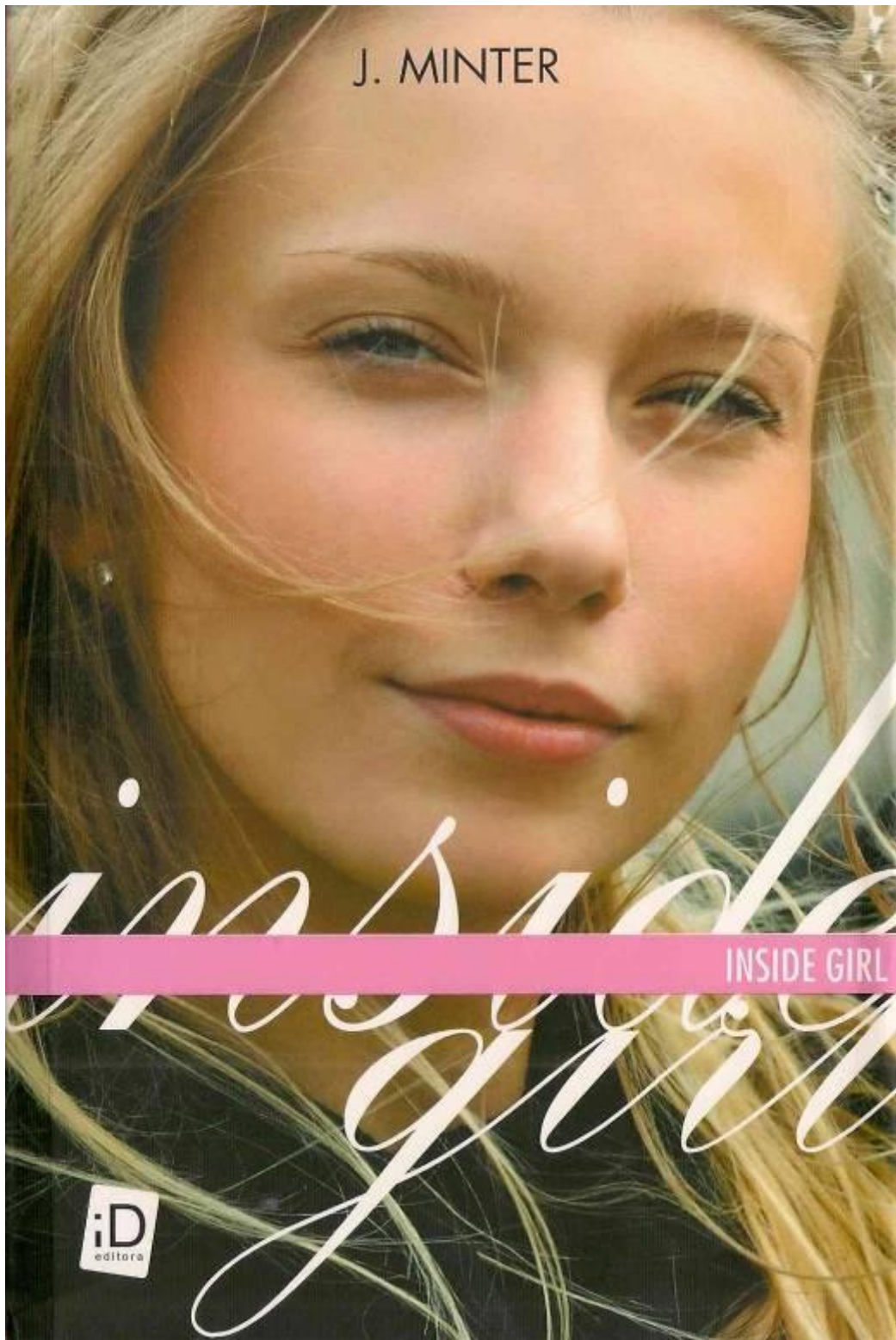


J. MINTER



INSIDE GIRL

iD
editora



inside girl

COLEGIAL DE DIA,
SOCIALITE À NOITE.

Flan Flood podia reclamar de muitas coisas, menos de nunca ter ido às festas mais legais, vestido as roupas mais exclusivas, frequentado os colégios mais caros e conhecido os mais belos garotos. Mas agora ela se cansou de tudo isso e resolveu dar uma guinada em sua vida: ela vai se matricular em uma escola pública e começar a levar uma vida de garota comum. Será que esta adorável *inside girl* vai se transformar em uma... *outsider*?

✦ Você se *i*Dentifica com este livro? Leia a página 54.



De um exclusivíssimo colégio particular para uma escola pública de Nova York:

“ – É isso. Eu vou para a Stuyvesant. Eles guardaram uma vaga pra mim. Eu vou para a escola pública. ”

Uma nova escola, novos ares e novas amigas...

...E um novo garoto:

“ – Quem é ele? – eu sussurrei.
– Bennett Keating. – Meredith deu uma risadinha. – Ele é o segundo menino mais bonito do segundo ano. ”

“ Eu gostaria de ter conhecido Flan Flood no colegial — e não só porque ela tem um irmão mais velho gatíssimo (embora isso ajude bastante) — esta é uma menina que você precisa conhecer, já! ”

Lisi Harrison, autora da série Alfas

Mas que fazer com as velhas amigas acampadas na sala?

“ No que a minha casa estava se transformando? O lar Flan Flood para Meninas Desajustadas? ”

J. Minter é o autor da série *inside girl*, da qual este livro é o primeiro volume, e da série *insiders*, sobre os popularíssimos irmãos de Flan Flood.

Copyright © 2007 by J. Minter
And 17th Street Productions, an Alloy company

Coordenação editorial - Lenice Bueno da Silva
Assistente editorial - Richard Sanches
Tradução - Marcos Maffei
Edição de arte - Camila Fiorenza
Coordenação de revisão - Elaine C. del Nero
Revisão - Afonso N. Lopes, Ana Cortazzo
Coordenação de Iconografia - Ana Lucia Soares
Foto de capa - © Andrey Arkusha/Shutterstock
Ilustração do mapa - Thiago Cruz
Coordenação de Bureau - Américo Jesus
Tratamento de imagem - Fábio P. Novaes
Pré-impressão - Helio P. de Souza Filho, Mareio H. Kamoto
Impressão e acabamento - Wilson Aparecido Troque

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Minter, J.
Inside girl / J. Minter ; tradução de Marcos
Maffei. – São Paulo : Moderna, 2010.

Título original: Inside girl.
ISBN 978-85-16-067-44-1
1. Literatura infantojuvenil I. Título.

10-05921

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados no Brasil pela
Editora Moderna Ltda.
Rua Padre Adelino, 758, Belenzinho - 03303-904 - São Paulo, SP
Vendas e atendimento: Tel.: (11) 2790-1500
Fax: (11) 2790-1501
www.moderna.com.br
Impresso no Brasil, 2010

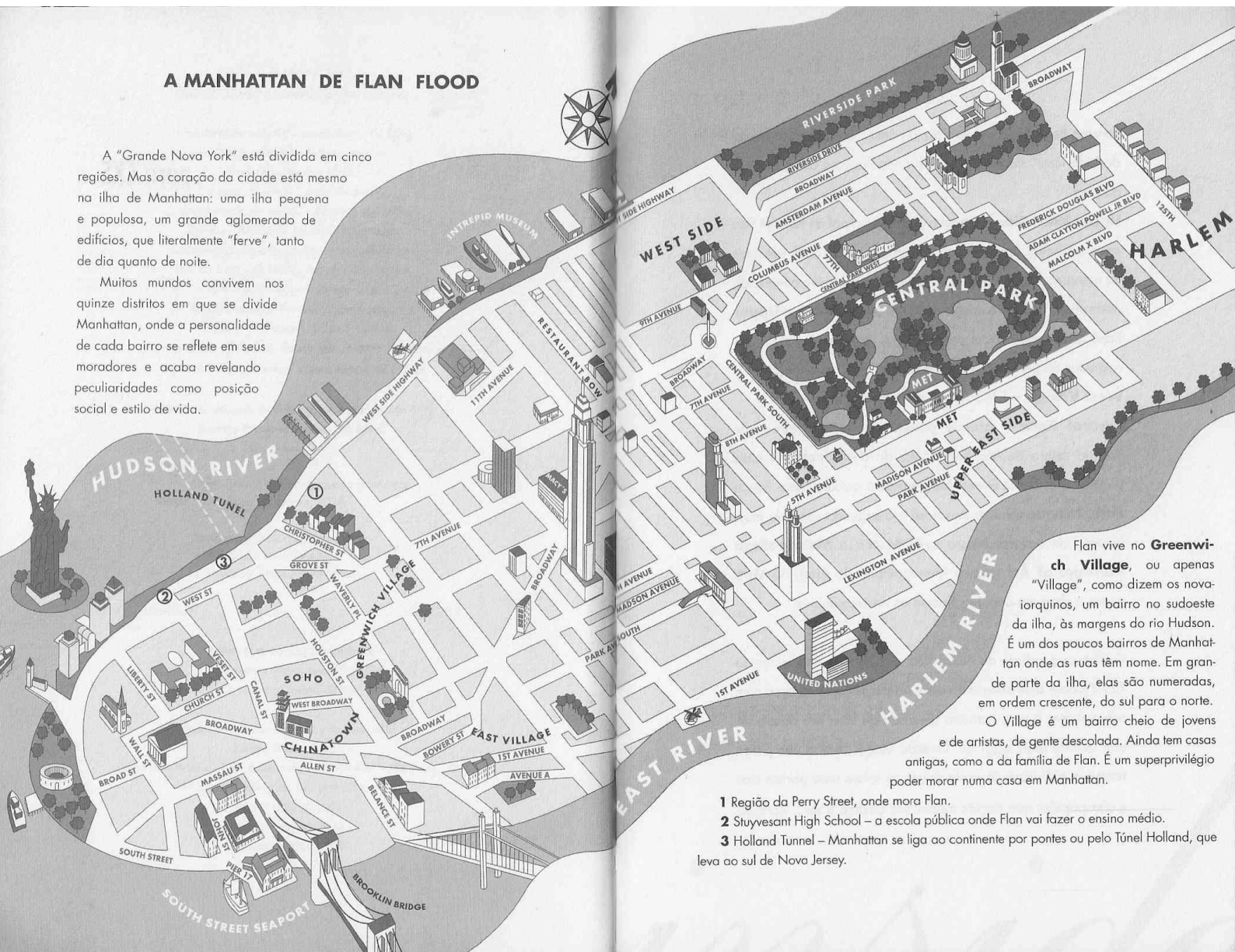


para CKS

A MANHATTAN DE FLAN FLOOD

A "Grande Nova York" está dividida em cinco regiões. Mas o coração da cidade está mesmo na ilha de Manhattan: uma ilha pequena e populosa, um grande aglomerado de edifícios, que literalmente "ferve", tanto de dia quanto de noite.

Muitos mundos convivem nos quinze distritos em que se divide Manhattan, onde a personalidade de cada bairro se reflete em seus moradores e acaba revelando peculiaridades como posição social e estilo de vida.



Flan vive no **Greenwich Village**, ou apenas "Village", como dizem os nova-iorquinos, um bairro no sudoeste da ilha, às margens do rio Hudson. É um dos poucos bairros de Manhattan onde as ruas têm nome. Em grande parte da ilha, elas são numeradas, em ordem crescente, do sul para o norte. O Village é um bairro cheio de jovens e de artistas, de gente descolada. Ainda tem casas antigas, como a da família de Flan. É um superprivilégio poder morar numa casa em Manhattan.

- 1 Região da Perry Street, onde mora Flan.
- 2 Stuyvesant High School – a escola pública onde Flan vai fazer o ensino médio.
- 3 Holland Tunnel – Manhattan se liga ao continente por pontes ou pelo Túnel Holland, que leva ao sul de Nova Jersey.

Lower East Side - como diz o nome, "a parte mais ao sul do lado leste" da ilha. O bairro onde ficava a antiga escola de Flan.

Upper West Side - o bairro onde vive o pai de Bennett fica entre o Central Park e o rio Hudson, acima da 58th até mais ou menos a 120th Street. É um bairro residencial e comercial, onde vivem artistas e intelectuais, em contraste com o **Upper East Side**, onde vivem pessoas ricas ligadas ao mundo dos negócios ou pertencentes à tradicional elite nova-iorquina.

West Village - o lado oeste do Village, onde vive Flan.

Central Park - grande parque de 340 hectares que fica no centro de Manhattan. Vai da 59th Street até mais ou menos a 101st Street. Margeando-o ao lado leste fica a **Fifth Avenue** (Quinta Avenida) - a segunda avenida mais luxuosa do mundo. Nessa avenida fica o **Metropolitan Museum of Art** (Museu Metropolitano de Arte), ou **Met**, como o chamam carinhosamente os nova-iorquinos.

Conhecer a cidade de Nova York através das peripécias de Flan Flood e seus amigos na série *inside girl*, que começa com este volume, é uma maneira divertida de ficar por dentro do que rola de mais legal na "Grande Maçã". Então não perco tempo e embarque já nesta aventura sobre uma garota rica e ultrapopular que decide mudar seu destino e ser... normal!

Capítulo 1

DE VOLTA À CIDADE

Nosso Mercedes conversível amarelo dobrou a esquina na Perry Street, e eu dei um suspiro de alívio. Eu tinha passado um longo verão naquela chatice de Connecticut, mas agora, graças a Deus, estava enfim de volta à cidade.

E, ainda mais importante, eu estava livre.

Meu irmão Patch estava guiando, e minha irmã Feb, supostamente em algum lugar na cidade, mas nossos pais iam ficar em Connecticut mais umas duas semanas para irem a um torneio hípico, velejar e fazer coisas do tipo enquanto o tempo ainda estivesse bom. Depois eles possivelmente iriam para Marrakech, ver algum palácio de sultão ou coisa parecida. Eu costumava ficar irritada por eles ficarem viajando semanas a fio sem nós, mas àquela altura eu já havia me acostumado. Dessa vez, estava até contente por eles ficarem fora um tempo. Por mais que eu os ame, eles são tão desmiolados e envolvidos com a própria vida que às vezes me deixam meio doida. Além disso, eu estava com catorze anos e ia começar o meu primeiro ano no colegial. Achei que já era velha o bastante para me virar sozinha. Afinal, Patch e Feb começaram a se virar quando eram alunos do primeiro ano, e dava para ver que tinham se saído bem.

- Parece que algumas de suas amigas estão aqui para te dar as boas-vindas, Flan - Patch disse ao desligar o motor depois de estacionar em fila dupla em frente à nossa casa.

As três garotas que eu menos queria encontrar estavam esperando bem ali na calçada com os olhos fixos em nós: Angelica, Camille e Beverly. Não estavam com o uniforme da escola, mas era quase como se estivessem. Beverly e Camille estavam usando essas *leggings* que não chegam até o pé e que tinham acabado de voltar à moda, e todas as três estavam com essas camisetas sem mangas pseudoclássicas transparentes em tons pastel. Tínhamos todas estudado juntas nessa escola particular para meninas no East Side desde pequenas - até agora. Eu não ia voltar para a Miss Mallard's Day este ano. Mas claro que elas ainda não sabiam disso.

- Flan! É tão bom vê-la de volta! - exclamaram, se precipitando sobre mim. Depois de um tornado de beijinhos no ar, eu recuei, encostei no carro, e contei os milésimos de segundo até as perguntas começarem.

- Então - disse Camille, aproveitando para dar um olhada em Patch, que estava descarregando o porta-malas -, estamos *morrendo* de curiosidade pra saber como foi o seu verão! Aonde você foi? O que você fez? Quem você encontrou?

Eu dei de ombros.

- Sei lá. Foi como eu disse em maio, só fiquei em nossa casa em Old Greenwich o verão todo.

- Mas e o seu irmão, a sua irmã? A que festas eles te levaram? - Angelica insistiu. Ela sentou nos degraus da escada de nossa casa, como se estivesse disposta a uma longa conversa.

- Eu realmente não fui a nenhuma festa. A maior parte do tempo só fiquei andando de bicicleta, nadando, e coisas do tipo. No Quatro de Julho, vi os fogos de artifício do veleiro dos meus pais. Sério - na verdade, eu tinha ido a algumas festas na

praia com Feb; e houve essa realmente doida em que alguns caras da casa ao lado da nossa fizeram churrasco de cabra, mas eu não estava disposta a contar para elas. Uma só história e elas iriam ficar me pressionando para saber os detalhes pelos quinze minutos seguintes. E eu não estava com vontade de recapitular todo o meu verão naquele momento.

- Bom, e quanto a Patch? - Beverly sussurrou. Um pingo de água caiu de um ar-condicionado direto na cabeça dela, mas ela nem pareceu notar. - Foi bom o verão dele? Ele... está saindo com alguém?

- Não sei - respondi num tom de voz normal, bem quando Patch estava passando por nós carregando um par de malas. - Por que você não pergunta direto pra ele?

Angelica, Camille e Beverly ficaram só me olhando fixamente como se eu tivesse assassinado o Papai Noel. E era exatamente essa a razão pela qual eu não ia voltar a Miss Mallard's Day.

Você provavelmente já ouviu falar dos Floods: February e Patch, minha irmã e meu irmão mais velhos. Suas festas, seus amigos entre as celebridades, seus passes VIP. Ambos são bonitos (não que eu queira me gabar, mas a boa aparência é uma característica da família), e na época que tinham a minha idade, eram tão populares quanto é possível um adolescente de uma escola particular em Manhattan ser - o que, pode acreditar, é muito, muito popular.

Você poderia achar que ter os dois como irmãos seria a coisa mais legal do mundo, e sob certos aspectos até estaria certo: não é à toa que todo mundo gosta tanto assim deles. Mas deixe eu te contar uma grande novidade: não há nada menos legal no mundo do que ter seus amigos mais interessados em seus irmãos do que em você. Claro, eu até podia dar uma festa num clube legal que nem o Lotus, como fiz no meu aniversário no começo do verão. Como se fizesse alguma diferença: em julho, a única amiga que se deu ao trabalho de ligar para mim foi a minha velha amiga Liv, e tudo o que ela queria era extrair de mim o que Patch andava fazendo, pois ela - como a maioria das garotas que conheço - é tão obcecada por ele que se ilude acreditando que é amor.

- Então - disse Camille, para preencher o silêncio desconfortável que ficara no ar -, você ouviu falar das novas diretrizes para o uniforme? A mãe de Ramona Wood está no comitê, e ela disse que eles votaram para que a saia seja seis centímetros mais curta.

- Até que enfim! - disse Angelica. - Graças a Deus, não vamos ter de começar o colegial parecendo freiras.

- Escutem, meninas - eu disse, porque agora parecia ser uma hora tão boa quanto qualquer outra. - Eu tenho uma coisa para dizer para vocês. Eu não vou continuar na Miss Mallard's este ano.

- O quê?- as três gritaram ao mesmo tempo.

- Eu vou para a Stuyvesant. Eu teria contado para vocês na primavera, mas eu não tinha certeza do que ia fazer, e a Stuyvesant guardou uma vaga pra mim. Mas é isso. Eu vou para a escola pública.

As garotas pareceram confusas, quase assustadas, como se eu tivesse dito a elas que ia me internar num hospital psiquiátrico.

- Mas, Flan, você é uma Flood! - Camille ofegou. Eu podia ver que ela estava perturbada porque, mesmo com um cara bonito usando jeans Diesel saindo de uma casa do outro lado da rua, ela não tirou os olhos de mim nem por um segundo.

- E daí?

- Sua irmã é uma figura lendária na Miss Mallard's. Seu irmão foi eleito o garoto mais atraente das escolas particulares. Você tem um legado de popularidade. Por que desistir disso? E por uma escola pública?

Eu balancei a cabeça.

- Bom, se vocês ainda não entenderam, não acho que vou conseguir explicar.

E com isso tomei o rumo de casa. A verdade é que eu vinha ensaiando para esse momento fazia dois meses e, agora que acontecera, eu estava delirantemente feliz, e quase meio que em estado de choque. Eu tinha conseguido! A primeira nova fala dita pela nova Flan!

De modo que fiquei contente por me livrar daquelas três. Mas assim que entrei em casa, ela de repente me pareceu terrivelmente grande e vazia.

- Feb? - gritei, largando minhas malas no *hall*. Entrei na sala de estar. - Tem alguém em casa?

Minha irmã mais velha, February, supostamente esteve morando no sótão a maior parte do verão, mas exceto por um copo de vinho manchado de batom na mesa de centro, que parecia estar ali há semanas, não vi sinal dela em lugar nenhum. Patch largou sua mochila ao lado da minha e olhou em volta com ar de incerteza.

- Acho que vou dar uma saída pra comer um sanduíche -ele disse, tentando conter um bocejo. - Tudo bem você ficar sozinha aqui?

- Claro - eu disse; eu meio que não queria ficar por ali sem companhia, mas não era como se eu nunca tivesse ficado sozinha em casa antes. - Tudo bem.

- OK, bom, me liga se precisar de alguma coisa. Volto logo.

Quando Patch saiu, ele nem se deu ao trabalho de fechar a porta atrás dele. E o problema de Patch dar uma saída para um sanduíche era que podia ser por uma hora, um dia ou uma semana. Ele podia dar uma saída para um sanduíche e acabar no topo de uma montanha no Nepal ou surfando na costa da Austrália. Por isso nem pensei em pedir que me trouxesse um iogurte de café.

Depois de trancar a porta e passar a corrente só por garantia, dei uma olhada ao redor. Nossa casa é realmente legal - três andares se o sótão for incluído, quatro com o porão - e a sala de estar é um dos melhores lugares dela. Sempre me faz sentir bem ficar sentada lá. Mamãe e papai não são grandes colecionadores de arte, mas alguns anos atrás eles estiveram em Florença e descobriram esse grande artista italiano que faz esses desenhos de tinta sobre papel meio-que-cubistas-mas-não-de-verdade. Eles compraram a exposição inteira e a despacharam para casa, e agora os quadros dele cobrem todas as paredes: pequenas formas e linhas sinuosas coloridas. Então tem esse grande sofá supermoderno, com estofado de couro e na forma do símbolo da Nike, mas diferente de um monte de mobília de *designer*, é realmente confortável, e é coberto por todas essas peles de lhama que eles acharam no Peru alguns anos atrás. Há uma mesa de centro de vidro, geralmente coberta pelos controles remotos da TV e de todos os diferentes aparelhos de videocassete, *microsystem* e DVD, sem falar em alguns de *video game*. Do outro lado da sala, fica nosso sistema de *home theater*. Passando pela porta, no outro lado da sala fica nossa cozinha, que em geral está reluzente de tão limpa. Agora, no entanto, a casa toda parecia sombria, desabitada e de certa forma muito menos acolhedora do que eu lembrava.

O que é que eu ia fazer o resto da tarde? Eu podia ficar encolhida no sofá e assistir a meu DVD novo de *Quanto mais quente melhor*, mas eu já havia tido uma *overdose* de filmes antigos lá em Connecticut, e parecia bobeira continuar fazendo isso agora que estava de volta a Nova York. Eu devia estar fazendo algo divertido, algo diferente e independente, algo adulto. Ou pelo menos eu não podia ficar ali parada. Talvez eu devesse ter saído para um sanduíche com o Patch e ver aonde isso me levaria.

Mas antes que eu pudesse sair da entrada, a campainha tocou com urgência, três vezes seguidas. Eu imaginei que fosse Patch, tendo simplesmente esquecido seu dinheiro, ou qual era sua missão ou qualquer coisa assim, de modo que abri a porta sem espiar pelo olho mágico. Agora que tinha voltado, talvez me levasse junto com ele. Claro, seria ficar na cola dele, mas e daí? Eu não estava com vontade de ficar sozinha naquela casa enorme e escura. Quando abri a porta, entretanto, o que vi não foi meu irmão.

O rostinho dela estava quase oculto por uns óculos de sol enormes com armação preta redonda que me fizeram pensar nas orelhas do Mickey Mouse, e mesmo estando um calor sufocante lá fora, ela estava embrulhada num casaco de *mink* cinza que era uns dez números maior do que ela. Ela tinha posto uma peruca esquisita de velha, toda branca e fofa. Debaixo dela, mechas de seu cabelo escuro e curto escapavam, parecendo suado e grudado. E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela me empurrou de volta para dentro e trancou a porta atrás dela.

Capítulo 2

ELA É UMA ESTRELA... DO ESPAÇO SIDERAL

- Sara-Beth Benny - eu respirei fundo -, o que você está fazendo aqui?

Sara-Beth jogou seu casaco de pele no chão e o chutou para longe dela. Sem o casaco, ela estava usando um vestido de melindrosa que parecia ser feito inteiramente de lantejoulas e penas de avestruz, como algo que Catherine Zeta-Jones usaria em *Chicago*. Assim é a Sara-Beth: mesmo quando ela está usando suas próprias roupas, parece que está fantasiada.

- Ah, Flan, eu sabia que você ia me reconhecer sob meu disfarce. Por isso que você é mesmo uma amiga de verdade. Você conhece meu eu verdadeiro melhor até do que eu mesma.

Eu balancei a cabeça. Duvido que tivesse sido a única a reconhecê-la. Turistas deviam ter ficado atrás dela pelo West Village, tirando fotos a tarde toda. Caso você não saiba, Sara-Beth Benny é uma das mais famosas meninas de dezessete anos que há. Após ter crescido na televisão nacional como a mais adorável estrela de *Mike's Princesses*, ela começou a obter papéis em todos os tipos de filmes realmente legais - como naquele *thriller* realmente horripilante chamado *Blenophobia*, e em um *remake* de um filme da Nouvelle Vague francesa. Ela chegou até mesmo a fazer uma experiência na comédia com *Uma virgem de dezessete anos*. Eu mesma sempre preferi filmes antigos, mas acho que Sara-Beth Benny é realmente uma boa atriz, e diria isso mesmo se não fôssemos amigas. Quando seus olhos ficam bem grandes e seu lábio inferior começa a tremer, ela consegue fazer você acreditar no que ela quiser.

- Mas espere, eu ainda não sei o que você está fazendo aqui. Não era para você estar fazendo um filme em Gdansk¹ ou coisa parecida? - Sara-Beth realmente tinha uma desculpa decente por não ter me ligado durante todo o verão, já que ela estava a meio mundo de distância nos dois últimos meses.

- Ah, Ric Roderickson, aquele diretor idiota... Ele me deixa tão furiosa que não consigo nem falar no assunto. O pessoal da produção não conseguiu arrumar minhas pílulas de *uva-ursi*², e então é claro que minha cara começou a inchar feito um balão. Então, o que, ele faz? Ele acha um acupunturista para mim? Não. Ele corta duas das minhas cenas. E eu tenho de voltar para casa mais cedo para um apartamento completamente tóxico.

- Mas espere, o que um acupunturista...

- Bom, isso foi outra história. - Ela se atirou no sofá com um suspiro. - Ah, Flan, eu simplesmente não posso mais falar nisso. É tão bom estar em casa, com meus amigos de verdade. Eu não conseguia falar com aquela gente no *set*, de qualquer jeito. Os caras eram todos tão estranhos e exagerados, e as garotas todas primas-donas. Você tem algum pregador de roupa? Tem ou não?

Sara-Beth jogou a peruca de velha senhora atrás do sofá e passou os dedos pelos cabelos curtos. Ela é tão pequena e nervosa que às vezes me lembra um chihuahua. Quando a conheci, na festa de debutante de nossa amiga Liesel Reid, nós

¹ Cidade localizada na região norte da Polônia (N.E.).

² Medicamento diurético homeopático (N.E.).

estávamos na fila do banheiro, e eu achei que ela estava tão inquieta porque estava apertada de verdade. Mas no fim esse era só o jeito dela de sempre mesmo.

- Não sei. - Olhei em volta. Não conseguia imaginar ninguém em minha família comprando pregadores de roupas, e eu não queria saber para que tipo de remédio holístico esquisito Sara-Beth precisava deles.

- Bom, tudo bem, isso pode esperar. - E de repente ela estava de pé de novo, e se precipitou na minha direção e segurou minhas mãos. Ela olhava fixamente nos meus olhos.

- Como você está, Flan? Quero dizer, de verdade. Você sentiu saudade de mim?

Eu podia ver duas Flans minúsculas refletidas em seus olhos enormes. As Flans retomaram o olhar, um pouco nervosas.

- Claro. Sem dúvida. É que eu acabei de voltar de Connecticut, então, na verdade...

- Ah, que ótimo! Porque eu fiquei com saudades também. Quando estava em Gdansk, cercada por todos aqueles... vampiros de energia, ficava pensando naquela maravilha de festa do pijama que você organizou para mim em maio, e no quanto você é simples.

- Bem, obrigada.

Eu não tinha certeza do que achava quanto a ser chamada de "simples", mas, como eu disse, Sara-Beth é muito convincente, e eu podia ver que seu coração estava no lugar certo. Além disso, foi divertido convidá-la para aquela festa do pijama, mesmo ela tendo se recusado a comer qualquer coisa que não fosse o saco de biscoitos de arroz que ela trouxe. Foi também um pouco esquisito quando a campainha tocou e ela entrou em pânico e se escondeu debaixo da cama. Era só uma das amigas de Feb, mas demorou quase uma hora para convencer Sara-Beth de que não eram *paparazzi*.

- E é por isso que eu acho que posso lhe pedir um favor. Não é nada de muito grande, e eu sei que você vai entender.

- Claro - me peguei dizendo. - Gostaria muito de ajudá-la, Sara-Beth.

- Ah, que ótimo! Nossa, fabuloso! - Sara-Beth suspirou com alívio e me abraçou. Eu pude sentir seus cotovelos ossudos pressionando minhas costas antes de ela finalmente me largar. - Maravilhoso. Deixe-me só ir pegar minhas malas.

- Malas? Mas...

- Veja você, como eu acabei de mencionar meia dúzia de vezes, meu apartamento está completamente *tóxico*. Tudo é tão... reto, e frio, e vazio, e metálico. E muito solitário...

Era verdade. A única vez que eu estive lá, fiquei espantada em ver como ela tinha poucas coisas. O apartamento dela era basicamente quatrocentos metros quadrados que continham uma cadeira de Mies van der Rohe³, um tubo de *gloss* para os lábios, uma garrafa de Dom Perignon, e uns oito armários cheios de roupas.

- E eu não posso ficar com o David de novo, nem mesmo se ele implorar. - Sara-Beth ficou com o olhar sonhadoramente perdido no nada. - David, doce e gentil. Ele teve de deixar Gdansk antes que eu. Ele deve estar com o coração partido por ficar tanto tempo longe de mim. Eu adoraria ficar com ele, de verdade, mas tenho que pensar nos pais dele. É pedir demais de seus sogros, sabe.

- Sei - eu disse. David era um amigo do meu irmão, e a certa altura, Sara-Beth viveu com a família dele por uns seis meses. Os pais dele são psiquiatras, então acho que ficaram fascinados com Sara-Beth, porque ela sempre foi uma celebridade e nunca realmente teve a oportunidade de ser apenas uma criança. Eles até escreveram um artigo sobre ela para a coluna de saúde da revista do *Neto York Times*, com o título "Impossível de ajudar? Um estudo de caso da estrelinha favorita da América".

³ Arquiteto e *designer* alemão naturalizado norte-americano. Foi professor da Bauhaus, escola alemã de *design*, arquitetura e artes plásticas de vanguarda (N.E.).

- Eu estou tentando achar um lugarzinho legal perto de onde Liesel mora, no Upper West Side, naquele prédio charmoso com toda aquela... madeira, sabe, e vista para o parque. Eu preciso ficar perto da natureza. É como eu sou. Mas esse conselho ridículo do condomínio tem de me aprovar antes. Eles se acham tão exclusivos, só porque o prédio foi o local de nascimento de Shakespeare ou a embaixada australiana ou algo assim... é muito histórico. Eu fico furiosa. Flan... - e agora ela agarrava meus pulsos de novo com os ossos duros de suas mãos, e seus olhos ficaram alguns graus maiores e começaram a se encher de lágrimas. - Flan, posso passar a noite aqui? Eu só preciso de um tempo para nossas conversas de meninas.

Eu hesitei.

- Bom, quer dizer, eu tenho escola amanhã, mas acho que...

- Ah, obrigada, obrigada, obrigada! Você não faz ideia do que isso significa para mim. Vai ser tão divertido. Eu posso ajudar você a se aprontar para o seu primeiro dia!

Balançando a cabeça e sorrindo, eu voltei à cozinha e me servi um copo de água de uma das garrafas na geladeira. Era ótimo ver SBB de novo - ela realmente é divertida e doce, além de ser glamorosa - e eu estava contente de não estar mais sozinha naquela casa. Imaginei nós duas ficando acordadas até tarde, arrumando uma o cabelo da outra e conversando sobre como Gdansk pode ser totalmente nojenta em agosto. Ainda assim, a situação toda era um pouco engraçada. Afinal, meu primeiro dia numa escola pública era amanhã, e agora havia uma estrela de cinema em minha casa para passar a noite e que, mesmo nos seus melhores dias, não tinha um pé lá muito firme na realidade.

Capítulo 3

SE ARRUMANDO PAR A ESCOLA, ESTILO SARA-BETH

Naquela noite, enquanto eu punha na minha mochila as coisas para a escola - canetas, papel, um fichário -, Sara-Beth Benny estava deitada em minha cama, brincando com a peruca nas mãos e me dando conselhos sobre o colegial.

- A coisa mais importante é não demonstrar que está com medo - ela disse. - E também tente se vestir de um jeito mais velho do que você é. Você tem sorte de ser alta e tudo o mais, mas talvez devesse colocar umas meias extras em seu sutiã, só para garantir.

Eu fechei o zíper da mochila.

- Sara-Beth?

- Hmm?

- Sem querer ofender, mas você alguma vez de fato *frequentou* o colegial?

- Claro. Em algumas das últimas temporadas eu frequentei. É assim que fiquei sabendo das meias. Porque teve esse episódio em que eu usei esses potes Tupperware debaixo da blusa...

- Não, não em *Mike's Princesses*. - Eu enfiei uma calculadora no bolso da frente da mochila. - Você alguma vez frequentou o colegial na vida real?

Sara-Beth bocejou.

- Bom, a vida imita a arte, não?

- É, faz sentido, acho. - Peguei minha mochila e a coloquei numa cadeira, e então me virei para meu armário. - OK, agora eu só preciso descobrir o que vou vestir.

- Essa é a minha parte favorita! - Sara-Beth levantou-se com um pulo. - Adoro ver o que tem no seu armário!

- Mesmo?

- Claro. A última vez que eu passei a noite aqui, não conseguia dormir, então experimentei todas as suas roupas e fingi que era você. Você tem coisas ótimas aí. E você nem mesmo tem um estilista!

- Espere aí, você... o quê?

Ela ficou radiante.

- Atuar seguindo o método.

Assim, Sara-Beth e eu inspecionamos meu armário. Experimentei meia dúzia de roupas antes de acharmos uma que satisfizesse as duas. Eu estava um pouco confusa quanto ao que seria o certo, pois eu sempre usei uniforme para ir à escola na Miss Mallard's Day. Eu sabia o que usar numa vernissagem numa galeria, numa festa de lançamento de um disco, num clube noturno, e na inauguração de um novo restaurante de *tapas*, mas de algum jeito a *haute couture*⁴ para a aula de inglês no segundo horário parecia menos óbvia. Basicamente, eu apenas queria algo que ficasse bonito, mas também não chamasse demais a atenção se não fosse exatamente o certo.

Sara-Beth, por outro lado, ficava me desviando para as coisas mais estranhas e vistosas que ela conseguia achar nas profundezas de meu armário. Ela me fez experimentar um vestido Miu Miu verde-grama que eu comprei para usar no casamen-

⁴ Do francês, "alta costura" (N.E.).

to do meu primo, um suéter de *cashmere* amarelo-canário que eu tinha desde o quinto ano, e um par de *moon boots*, entre outras coisas. Então ela começou a falar que a gente devia ir para o centro e saquear o armário dela, já que ela tinha estado na lista das mais bem vestidas da *People* por dois anos seguidos. Mas, por mais que eu fosse adorar usar um dos vestidos dela, eram exagerados demais e provavelmente todos também muito pequenos para mim. De modo que por fim me decidi por um top *vintage* de crochê, que tinha um quê de hippie mas de um jeito limpo, e um desses jeans com *lycra* que combinam realmente bem com salto alto.

Um pouco depois, eu pus meu pijama e nós ficamos deitadas no chão olhando revistas. Foi legal, só ficar ali com ela, comendo os biscoitos de arroz que ela tinha trazido e bebendo água mineral. Se eu não prestasse muita atenção à pele perfeita dela ou às fotografias de moda com ela nas revistas que estava lendo, eu poderia até ter esquecido que ela era uma estrela de cinema. E, mais importante ainda, ela também.

Quer dizer, se eu achava que crescer em minha casa era um tanto estranho, como não deveria ter sido muito mais estranho para Sara-Beth crescer no *set* de um programa de TV de sucesso? Se eu pudesse fazer com que ela se sentisse um pouco mais normal deixando-a passar a noite em meu quarto, bom, pra isso servem as amigas. Além disso, ter ela ali me distraía das minhas preocupações. Às vezes, quando estou entrando em pânico, é mais fácil para mim pensar nos problemas dos outros do que nos meus. E Sara-Beth definitivamente tinha seus próprios problemas.

- Fico contente que você tenha vindo - eu disse a ela, pegando um biscoito de arroz. - Sabe, eu tenho de ir à escola amanhã, mas se você quiser dar um tempo aqui e convidar uma amiga para almoçar ou algo assim, acho que você devia. Eu não quero que você fique sozinha em seu apartamento, se sentindo solitária o dia inteiro.

- Ah, mas Flan, eu não posso fazer isso. - Os olhos de Sara-Beth se abriram bastante, como nos anúncios de *réimel*. - Se os *paparazzi* descobrirem onde estou, vão vir como um enxame.

- Como eles iriam descobrir? Se você ligar só para uma de suas amigas...

- Não dá pra confiar em ninguém nesse ramo. - Sara-Beth mordeu um biscoito de arroz com raiva. - Conheço garotas que me venderiam fácil para os tabloides em troca de uma matéria positiva e um punhado de pílulas para emagrecer. São ruins desse jeito.

- Isso é horrível. - E realmente era. Mesmo que as minhas amigas na Miss Mallard's às vezes me usassem para conseguir ingressos de shows ou convites, ao menos elas nunca me entregariam assim. O que mais eu podia dizer?

- E se isso acontecer, posso dizer adeus ao belo apartamento no East Side.

- Como assim?

Sara-Beth suspirou.

- O conselho do condomínio não quer um monte de *paparazzi* malucos à espreita do prédio o tempo todo. Se virem que estou sempre nos tabloides, não vão querer saber de mim morando ali. E daí eu vou virar uma sem-teto. - Ela fez um beicinho com o lábio inferior. - Não sei para onde iria, ou o que eu faria. Teria de comprar um carro e estacionar em frente à sua casa e morar lá para sempre. Talvez você pudesse me levar água de vez em quando.

- Não consigo acreditar nisso.

- Mas é a verdade. O mundo lá fora pode ser bem ruim. Você tem sorte de que ainda não viu.

- Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

- Bom, na verdade, eu estava querendo te pedir uma coisa.

- Claro, vá em frente.

- Por favor, me diga se você não tiver tempo, mas eu estava me perguntando... Sabe, o conselho do condomínio diz que eu posso anexar uma recomendação junto

com minha inscrição. Sabe, alguém que possa dizer como é morar comigo. Eu estava só pensando que talvez, se não for muito, muito incômodo...

- Claro, Sara-Beth! Será um prazer fazer isso.

- Ah, muito obrigada, mesmo. Você não sabe o quanto isso significa pra mim. Você é a única que sabe como eu realmente sou, por baixo disso tudo. - Sara-Beth fechou sua revista, e então olhou para mim repentinamente, toda séria. -É disso que eu gosto em você, Flan. Você não é minha amiga porque sou bonita, ou famosa, ou por causa do que eu posso fazer por você. Você é minha amiga por causa... por causa de quem eu realmente sou. - Sara-Beth soluçou, e todos os seus ossinhos tremeram. Ela me lembrou um filhotinho de gato magrelo abandonado no frio. - Eu sei que posso confiar em você.

- Claro, fico contente em poder te ajudar a conseguir o apartamento. E também não vou contar a ninguém que você está aqui. Prometo.

- Maravilhoso. Um segredo! - ela sorriu - Ah, isso vai ser divertido *mes-mo!*

E então, e estou falando totalmente sério, SBB miou para mim e me rodeou, atirando-se então em minha cama e pondo os pés para cima.

Capítulo 4

COLEGIAL, LÁ VOU EU

Na manhã seguinte, quando o despertador tocou, eu achei que ainda estava sonhando. Seria possível que enfim havia chegado o dia? Meu primeiro dia na Stuyvesant?

Após me olhar e girar em frente ao espelho por uns vinte minutos, eu finalmente preendi meu cabelo num coque desgrehado, passei *gloss* sabor melancia nos lábios e dei uma última conferida no espelho. Achei que estava bem: os sapatos de salto alto que tinha calçado realmente davam um realce aos meus jeans, e minha pele, que normalmente é superclara, na verdade estava com alguma cor, já que eu havia passado todo o verão andando de bicicleta e ficado à beira-mar. E naquele instante não havia mais nada que eu pudesse fazer para ficar parecendo mais velha ou mais descolada. Então peguei minha mochila e descii. SBB ainda estava dormindo em algum dos quartos lá em cima - nem sabia ao certo qual.

Quando fui até a cozinha para tomar um rápido suco de laranja antes da escola, percebi algo que não tinha notado antes: um recado na secretária eletrônica. Apertei o botão para ouvir o recado.

"Oi, Patch? Flan? É a Feb. Então, é noite de sábado, agora, e só estou ligando para dizer que vou ficar uns dias fora. Tem um amigo meu que está filmando um videoclipe num armazém abandonado no Brooklyn e eu vou ficar por lá um tempo. Não contem para mamãe e papai. Obviamente, espero que esteja tudo bem. Fiquem em paz enquanto estou fora."

Eu suspirei e saí da sala, me perguntando se Feb alguma vez se sentia nervosa ou constrangida ou insegura. Provavelmente não.

Diferentemente da Miss Mallard's, que precisava de um longo percurso de táxi, a Stuyvesant fica a uma distância que dá para ir a pé. De modo que eu fui andando tranquilamente. Adoro meu bairro pela manhã. Tudo tem uma aparência tão fresca e bonita. Em algum momento, tarde da noite ou muito cedo de manhã, alguém deve molhar com mangueira todas as calçadas, porque elas estão sempre molhadas e reluzentes sob o sol, e mesmo eu morando bem no centro da cidade de Nova York, o ar tem mais o cheiro das flores dos canteiros nas janelas e das folhas das árvores do que de lixo e fumaça de escapamento. Caminhando pela rua, via donos de loja abrindo as portas de metal e acendendo as luzes das vitrines, e eu comecei a me sentir um pouco mais feliz por alguma razão, como se talvez aquele dia afinal não fosse assim tão terrivelmente importante.

Assim que comecei a descer a Chambers Street, no entanto, comecei a ficar superansiosa. A Stuyvesant ocupa todo esse prédio enorme - dez andares, com escadas rolantes - e eu podia vê-lo imponente a mais de um quarteirão de distância. As portas do prédio ainda não tinham sido abertas, mas já havia um milhão de jovens se apinhando na calçada em frente, e mais ainda descendo a rua ou vindo da Tribeca Bridge. Eu não conhecia nenhum deles.

Não dava pra ser mais diferente da Miss Mallard's Day, onde todo mundo usava uniforme e se conhecia. Aqui todos os alunos eram divididos em tribos que não poderiam ser mais estranhas ou mais diferentes umas das outras. Havia caras todos machões em jeans folgados e camisas de times, garotos com rostos pálidos e lábios

pretos que pareciam estar ali esperando por um teste para um filme do Tim Burton, garotas com saias e blusas de ar profissional que podiam ser da faculdade de Direito, e ainda tipos meio *clubber* em cores brilhantes, e garotos com camisetas escuras e largas com personagens de *animé* e jargões de computação impressos nelas. Minhas roupas tinham parecido bem legais lá em casa, mas agora eu não tinha tanta certeza assim. Eu me senti realmente deslocada - e parecendo jovem. Sara-Beth tinha razão: todo mundo no colegial parecia estar tentando se fazer passar pelo mais velho possível. Alguns dos caras até usavam barba.

Eu não sabia o que fazer, então fiquei só andando no meio da multidão como se estivesse procurando alguém que conhecia, o que, de certa forma, estava mesmo. Passei por uma menina bem peituda com uma camiseta com MENINOS MENTEM escrito e shortinho curto apertado, um garoto *punk* que tinha tantos *piercings* que parecia ter dormido com a cabeça enfiada numa máquina de costura, e um cara muito bonito de camisa polo que parecia velho o bastante para estar na faculdade, antes de finalmente desistir e sentar na calçada com as costas na parede, sozinha. Mesmo assim me senti insignificante na multidão.

Era estranho: eu já tinha ido a um milhão de festas onde os outros eram mais velhos, mas todo mundo me reconhecia. Em geral eu estava com a minha irmã, meu irmão, ou meu ex-namorado Jonathan, mas mesmo quando estava sozinha, eu era sempre Flan Flood, e as pessoas sabiam disso. Eu nunca passava simplesmente despercebida - estava sempre sendo notada e abordada, praticamente interrogada, por fofoqueiras e enxeridos. Eu costumava detestar isso, mas, sentada ali na calçada em frente ao colégio, comecei a achar que talvez Angelica e Camille e as outras garotas da minha velha escola tivessem razão - talvez eu estivesse abandonando algo realmente especial ao sair da Miss Mallard's Day. Talvez não fosse assim uma ideia tão boa me aventurar por minha conta desse jeito. Talvez tivesse descoberto quem eu realmente era - e não era muito mais que uma figurante.

Bem quando estava me sentindo quase que prestes a chorar, no entanto, eu as vi: duas outras garotas que pareciam tão perdidas quanto eu. As duas eram meio altas, como eu. Uma delas tinha um cabelo castanho-claro preso num rabo de cavalo e uma saia fantástica feita de gravatas costuradas juntas na vertical. A outra era um pouco patricinha, com cabelo loiro comprido que ela ficava pondo para trás dos ombros enquanto olhava a multidão em volta. Estavam cochichando uma com a outra, e seus lábios mal se moviam, como se tivessem medo de se meter em encrenca se alguém descobrisse o que estavam dizendo.

Eu queria ir até lá falar com elas, mas naquele instante não consegui me levantar do lugar que tinha conquistado pra mim na calçada. E se eu fosse até lá e dissesse oi, e elas achassem que eu era alguma perdedora desesperada e me ignorassem completamente? Ia me sentir tão mal. Mas, por outro lado, a única maneira de deixar de ser uma perdedora desesperada era fazer amigas. O colegial era supostamente a minha grande oportunidade de conhecer gente nova, certo? E foi assim que me levantei e literalmente sacudi a poeira, e fiz meus pés se moverem na direção delas.

Eu soube no mesmo instante que tinha tomado a decisão certa. Porque, quando me viram, as duas olharam para mim com sorrisos realmente simpáticos, parecendo aliviadas.

- Oi - disse a menina com a saia de gravatas, sorrindo para mim. Ela tinha dentes pequenos muito bonitos, e agora que eu estava mais perto podia ver que usava uma blusa com flores bordadas com fios grossos de diferentes cores. - Meu nome é Meredith.

- O meu é Flan. Flan Flood - imaginei que era o caso de tirar isso do caminho logo de uma vez, mas quando eu disse "Flood", elas não tiveram a menor reação. Simplesmente continuaram a sorrir para mim do mesmo modo aliviado, simpático. Então elas nunca tinham ouvido falar em Patch e Feb? Era emocionante e ao mesmo tempo inquietante, como sair por aí no Halloween com uma máscara e descobrir que

as pessoas realmente não sabem quem você é. - Eu gostei muito dessa sua saia, mesmo - eu acrescentei, para encobrir minha confusão. - Foi você que fez?

- Ah, não. Foi minha avó - Meredith deu um pequeno giro com a saia. - Não é demais? Ela é estilista. Tem um pequeno ateliê no Soho; minha mãe também trabalha lá.

- Ah, que legal - eu sorri, mas fiquei um pouco em pânico por dentro. O que eu iria dizer se elas me perguntassem o que os meus pais faziam? "Eles gostam de viajar, e às vezes meu pai compra carros ou barcos quando fica entediado"? Se eu queria parecer normal, essa não era a melhor maneira de começar a conversa.

- Meu nome é Judith - disse a outra menina. Ela falava como se tivesse tido aulas de voz ou coisa parecida, e ela ficava pondo o cabelo para trás dos ombros, mas parecia legal e eu decidi que ia gostar dela de qualquer jeito. - Você também é nova aqui?

- É, é o meu primeiro dia.

Meredith pôs o cabelo para trás dos ombros.

- Bom, sem contar a orientação, claro, mas acho que isso na realidade não conta.

- Orientação? O quê? - Eu tive uma sensação incômoda na barriga, como quando você descobre que vai ter uma prova e não estudou nada.

Meredith e Judith trocaram um olhar.

- Eu achei mesmo que nós não tínhamos visto você antes - disse Meredith.

- Eu voltei de Connecticut ontem - eu disse.

- Bom, não se preocupe com isso - disse Meredith, apertando meu braço. - Foi mais só um *tour* mesmo. E fizemos essas pulseiras horríveis de amizade. - Ela e Judith estenderam os pulsos, e eu olhei. Eram realmente as pulseiras da amizade mais feias que eu já tinha visto. - A Judith e eu podemos lhe mostrar o prédio e coisas assim.

- Sério?

- Claro - disse Judith. - Tenho uma memória incrível para essas coisas.

Pegamos nossos horários e descobrimos que estávamos em quase todas as mesmas aulas, exceto Meredith, que tinha entrado em Inglês Avançado, o que parecia irritar Judith um pouco, já que, como observou, *normalmente* era ela a melhor aluna. Sentamos as três juntas na parte de trás do auditório para a assembleia do primeiro dia, e eu fiquei sabendo tudo sobre elas.

Pelo visto, elas tinham estudado juntas numa escola particular para meninas no West Side desde a pré-escola, e eram melhores amigas desde sempre. Meredith realmente curti arte e artesanato, e pelo que disse parecia que não iria demorar para ela acabar trabalhando com a mãe e a avó no ateliê de costura, a menos que decidisse que gostava mais de pintura ou fotografia. Judith gostava mesmo era de tirar boas notas, em especial em matemática, e ela me contou duas vezes que tinha sido a oradora na formatura do nono ano. O pai dela era um advogado que trabalhava em causas de danos pessoais:

- ...você provavelmente já viu os anúncios no metrô.

- Vi, sim - eu disse. A última vez que eu entrei no metrô tinha sido numa noite em que saí com a Feb e os amigos dela, e nós acabamos indo parar perto do Battery Park às duas da manhã sem nenhum táxi à vista. Feb e eu descemos na entrada da estação do metrô, demos uma só olhada no teto arruinado com goteiras e no indistinto bêbado gordo desmaiado num banco, e ligamos para um serviço de limusine.

Eu não prestei muita atenção durante a assembleia, já que Meredith, Judith e eu ficamos conversando o tempo todo, mas deu para saber que à tarde deveríamos ter rápidas reuniões em todas as nossas classes para que os professores pudessem dizer quais livros precisávamos comprar e com~ seriam os primeiros trabalhos. Depois que todos os representantes dos diferentes clubes e times esportivos e grupos de estudos se apresentaram e falaram sobre si mesmos, enfim nos deram um tempo - para ir almoçar na cantina.

- Então, Flan, ficamos falando sobre a gente o tempo todo - disse Judith quando sentamos perto de uma das janelas. A cantina na Stuyvesant é bonita, e dá pra ver direto lá fora até o rio Hudson. É completamente diferente do velho salão sufocante de chá onde almoçávamos na Miss Mallard's; aqui, ficava no primeiro andar, e podíamos ver pelas janelas madames passeando com seus cachorrinhos, e para além delas os navios e balsas, e quem sabe até o QE2⁵, no rio Hudson. -Mas e você? Onde você estudava antes? Qual é a sua história?

- Ah, não tenho muito o que contar. - Eu enrolei o *fettuccine* de espinafre em meu garfo. - Estudei nessa escola chamada Miss Mallard's Day. Era também só de meninas.

Judith comeu uma colherada de seu iogurte.

- Eu não consigo entender como há meninas da nossa idade que já tiveram um monte de namorados. A sensação que eu tenho é a de mal ter visto um menino desde o jardim da infância.

- É mesmo - eu disse, pensando nos gatos mais velhos dando sopa nas festas do meu irmão.

- Falando nisso... - Meredith sussurrou, debruçando-se e apontando as máquinas de vender refrigerante do outro lado do salão.

Judith e eu nos viramos para olhar. E lá estava ele: cabelos louros desgrenhados, olhos entre o azul e o cinza, e um sorriso doce que mostrava o dente da frente levemente lascado. Usava uma camiseta rasgada da banda All-American Rejects e bermudas de brim, e andava tão graciosamente que eu sabia que ele seria maravilhoso dançando música lenta.

- Quem é ele? - eu sussurrei.

- Bennett Keating - Meredith deu uma risadinha. - Ele é o segundo menino mais bonito do segundo ano.

Eu o observei indo até uma mesa com outros garotos.

- Quem é o primeiro?

- Bom, de acordo com Judith, é esse cara chamado Eric. Mas ouvi dizer que ele é um metido. Sabe, sempre falando sobre apartamentos de cobertura...

- ...e as celebridades que conhece...

- ...e todas essas festas exclusivas a que ele é convidado -Meredith concluiu.

Judith virou os olhos para cima e depois os fixou numa pomba lá fora.

- Quero dizer, quem liga pra essas coisas, afinal? Não é isso que faz alguém ser descolado. Ninguém dá a mínima, Eric. Ninguém! - Ela mordeu uma fatia de maçã como se o caso estivesse encerrado.

- É - eu disse. Eu tinha começado a me sentir à vontade com elas, mas de repente tudo o que eu queria era me esconder. Fingi contemplar a vista lá fora e tentei não pensar em Sara-Beth Benny, que naquele momento estava ensaiando seu discurso para o Oscar na frente do meu espelho. Eu continuei.

- Eu prefiro gente como eu... só por minha conta, sabe? -mal consegui dar um sorriso tênue.

⁵ Abreviação de Queen Elizabeth II, transatlântico em operação desde 1967 (N.E.).

Capítulo 5

FAZER AMIGOS É COMPLICADO

Depois da escola, acompanhei Meredith e Judith até o metrô, que iam pegar para voltar a seus apartamentos. Meredith estava me contando que tinha visto Bennett Keating tentando encher sua garrafa Nalgene no bebedouro, e tudo o que conseguiu foi ficar todo ensopado, e eu estava rindo tanto que comecei a segui-las escada abaixo sem nem me dar conta do que estava fazendo.

- Ah, ei, acho que me despeço aqui - eu disse, ficando de lado para que uma mulher empurrando um carrinho de bebê pudesse passar.

- Você não vai pegar o metrô para ir para casa? - Judith perguntou, jogando o cabelo para trás.

- Não, eu moro a apenas alguns quarteirões da escola. É uma caminhada legal, aliás.

- Oh, uau, isso é tão legal - disse Meredith. - Não lembro de ter encontrado mais ninguém na orientação que more tão perto.

- Como é morar no Village? - Judith perguntou. - Tem um monte de artistas ricos e coisas assim?

- Sim, alguns - eu disse, pensando em Mickey Pardo, um dos amigos de Patch, cujo pai é esse escultor famoso. Um time inteiro de crianças com uniforme de futebol irrompeu descendo as escadas em volta de nós, e eu me segurei no corrimão. - Esperem, vou com vocês até lá embaixo. Podemos conversar enquanto vocês esperam o trem.

Meredith, Judith e eu descemos para a estação do metrô. Por alguma razão, estações de metrô sempre me parecem meio nojentas e cheias de goteiras, mesmo quando não está chovendo lá fora, e aquela não era exceção. Havia poças no concreto, estalactites de tinta descascada pendendo do teto, e um odor esquisito que me lembrou o cheiro com que o porão em nossa casa de verão fica depois de uma tempestade. Eca. Percebi que eu gostava bastante da Meredith e da Judith, no entanto, porque estar com elas fazia valer a pena descer ali. Eu não tinha um bilhete do metrô, mas Meredith fez nós duas passarmos com o dela, para que eu pudesse ir até a plataforma com elas.

Nós três passamos por uma banca de jornais dentro da estação que vendia revistas e doces. Meredith comprou um pacote de Lifesavers⁶ enquanto Judith pegou um exemplar da *People* e começou a folhear.

- Um dia desses a gente devia ir para a sua casa - ela disse.

- Isso seria ótimo - eu disse. - Aliás, se vocês não tiverem nada para fazer amanhã... - Eu já ia convidá-las ali mesmo naquele instante, mas ao abrir a boca, vi com o canto dos olhos um exemplar de *Us Weekly* na banca de jornais.

Na capa, Sara-Beth Benny estava tentando sair de um táxi, mas dava para ver que ela estava totalmente cercada por *paparazzi*. A gola dela estava virada para cima para esconder o rosto, e ela usava os enormes óculos escuros com que havia chegado em casa no dia anterior. Estava com uma mão estendida como se estivesse

⁶ Marca norte-americana de dropes existente desde 1912 (N.E.).

tentando se proteger do *flash* do fotógrafo. A manchete dizia: "Será que ela come?". Foi bom ter visto aquilo naquele momento, porque me ocorreu que era muito provável que Sara-Beth estivesse acampada em minha casa; e provavelmente ela não iria gostar de duas desconhecidas gritando e pedindo autógrafos quando a vissem lá.

- Ih, acabei de lembrar, estão reformando os armários na cozinha, e minha mãe me fez prometer não convidar ninguém para ir lá enquanto não tiverem terminado.

Meredith e Judith se entreolharam; ou talvez eu tenha imaginado isso. Mas só por um segundo parecia que elas não acreditavam em mim. Mas esse segundo passou antes que eu pudesse ter certeza. Eu me senti embaraçada, de modo que olhei para o outro lado da plataforma do metrô, para um cara tocando violão, até Judith enfim dizer:

- A gente pode esperar até terminar. Sem problemas.

- Obrigada - eu disse. - Fiquei tão contente de ter conhecido vocês hoje.

- Eu também - Meredith disse. - Ooh! Talvez a gente devesse se encontrar aqui amanhã de manhã, antes da escola? Assim poderíamos ir juntas.

Judith assentiu.

- Chegamos aqui umas quinze para as oito hoje, então devemos chegar por volta disso amanhã também.

- Isso seria ótimo - eu disse. - A gente se encontra no alto da escada?

- Perfeito.

O trem delas chegou na estação, e então nós nos abraçamos para nos despedir. Quando partiram, tive a sensação de que devia ficar acenando com um lenço ou coisa parecida, como fazem em filmes antigos. Mas por sorte, não era como se elas estivessem partindo para uma viagem para os confins da terra. Eu ia vê-las na manhã seguinte, até sabia a que horas.

Ao sair do metrô, me sentia ótima. Tinha sobrevivido ao meu primeiro dia e até feito duas amigas. Ou ao menos esperava que sim. Ainda havia a possibilidade de que elas acabassem pensando que eu era uma esnobe quando me conhecessem melhor e ficassem sabendo sobre todas as celebridades que conheço e as festas em que já estive, mas eu estava tentando não pensar muito seriamente sobre isso. Com alguma sorte - comecei a criar esperanças -, elas já me conheceriam como sou de verdade antes de descobrirem tudo isso, afinal.

Capítulo 6

SARA-BETH QUEM?

Estava tão quieto em casa quando cheguei que achei que Sara-Beth provavelmente tinha voltado para seu apartamento tóxico, e eu comecei a me xingar por ter inventado aquela mentira estúpida sobre os armários da cozinha. Mas bem quando eu estava indo para a cozinha para fazer um lanche, ouvi um sussurro encenado vindo do armário ao lado da porta.

- Psst! Aqui!

Eu olhei em volta, para me assegurar de que não estava imaginando coisas. Mas a voz estava realmente vindo do armário. Abri a porta e lá estava Sara-Beth, toda encolhida, lendo com uma lanterna no escuro. Ela estava usando um top tomara-que-caia Versace com as calças de meu pijama velho, sentada sobre uma das almofadas de meditação especiais dela, de cânhamo trançado. Ela estava com uma pilha de papéis no colo.

- Como foi o seu primeiro dia? - ela sussurrou.

- Sara-Beth - eu sussurrei de volta -, o que você está fazendo aí dentro?

- Estudando.

- No armário das vassouras?

- Eu não quero me distrair.

- Você vai dormir aqui de novo? - perguntei, indo até a geladeira para pegar um Nantucket Nectar. Sara-Beth aparentemente havia feito um pedido a *FreshDirect* enquanto eu estava na escola, porque havia um monte de coisas esquisitas lá dentro: *bok choy*⁷ e couve e o que parecia ser o maior nabo que eu já tinha visto. Me perguntei para que ela tinha se dado a esse trabalho. Duvidava seriamente que ela soubesse cozinhar.

- Sim. Não. Não sei. - Ela cobriu o rosto com as mãos. - Ah, Flan, é tão cansativo. Eu tentei me hospedar no Sherry-Netherland esta tarde, mas um *paparazzo* saltou entre os seguranças e me perseguiu pelo saguão.

- É mesmo? Que coisa terrível.

- Bom, acho que são os ossos do ofício. - Ela fez uma careta. - Pelo menos, briguei até expulsá-lo! Acho que a única fotografia que ele conseguiu tirar foi de minha bolsa girando na direção da câmera. A lente dele ficou imprestável depois disso.

Eu ri solidária.

- Então, o que você está estudando agora? Defesa pessoal?

- Não, para minha entrevista com o conselho. Meu corretor me deu uma lista das perguntas que eles poderão fazer - ela suspirou. - Mas como eu disse, é muito cansativo. Não consigo me concentrar.

- Bom, eu também tenho que estudar - ofereci. - Talvez a gente possa estudar junto.

- Podemos mesmo? - Sara-Beth abriu um sorriso. - Você sempre tem as melhores ideias.

Eu convenci Sara-Beth de que realmente ficaríamos mais confortáveis na sala de estar - por mais baixinha que ela seja, o armário é bem apertado -, e assim, alguns

⁷ Espécie de repolho chinês (N.E.).

minutos depois, estávamos sentadas no sofá com nossos cadernos e canetas espalhados sobre a mesa de centro. Eu comecei a fazer meus exercícios de álgebra, mas embora no geral eu seja realmente boa em matemática, não consegui me concentrar. Talvez fosse porque a cada poucos minutos, Sara-Beth fechava os olhos e começava a murmurar com ela mesma, como se estivesse tentando recitar algo que tinha memorizado.

- Você quer que eu tome de você? - por fim perguntei.

- Ah, não sei. Não tenho certeza se já decorei minhas falas.

- Não se preocupe com isso. Você vai se sair bem. - Peguei a folha de papel com a cola que o corretor havia lhe preparado. - Então, finja que eu sou do conselho, e você é você.

- Espere, espere. Preciso primeiro me concentrar. - Sara-Beth respirou fundo e olhou para baixo. Então ergueu de novo os olhos, com um tipo de expressão estranha, ausente, no rosto. - Certo, pode começar.

- OK. - Olhei para a folha. Sara-Beth tinha rabiscado todos os tipos de coisas nas margens, como as iniciais dela em 3-D e grandes olhos escuros chorando. Eu li a primeira pergunta. - Que impacto você acha que seu *status* de celebridade terá para os outros residentes do prédio?

- Eu não sou tão celebridade assim, na realidade - ela disse, sua voz toda suave e sincera. - Apenas pensem em mim como uma adolescente normal... que se divorciou dos pais e precisa de um humilde apartamento de três quartos para chamar de seu.

- Espere um instante. Você se divorciou de seus pais?

- Ah, anos atrás. - Os olhos dela se franziram. - Aquelas víboras. Estavam atrás da minha fortuna. E depois que aquela festa com Leland Brinker e o elenco do *Survivor* acabou saindo nos jornais, eles não queriam mais saber de meus amigos indo em casa.

Eu olhei para a folha com a cola. "Não mencione a festa do *Survivor*", estava escrito em caneta vermelha ao lado da primeira pergunta.

- Talvez você devesse dizer alguma outra coisa em vez disso - sugeri. - Tipo, "oh, sei que sou uma celebridade, mas eu não vou mais, sabe, dar festas malucas que acabem saindo no *National Enquirer*. Não é mais o tipo de coisa que faço."

- Ah, é! Isso é bem melhor, Flan. - Os olhos de Sara-Beth se arregalaram. - Por que eu não pensei nisso antes?

Encolhi os ombros.

- Certo, próxima pergunta. Como você pretende evitar que os *paparazzi* fiquem à espreita de sua residência?

- Ha! Quero só ver eles tentarem. Três palavras: *spray* de pimenta.

- Ter *sprays* de pimenta é considerado porte ilegal de arma no estado de Nova York - eu li na cola.

- Droga! - Sara-Beth estalou os dedos.

- É, pois é... - eu olhei a próxima pergunta na lista. - O que você acha que pode oferecer à comunidade do nº 820 da Quinta Avenida?

- Essa é fácil. Ver celebridades. De que outro jeito eles irão ver Nick Lachey no elevador deles às quatro da manhã? - ela sorriu como se sonhasse. - Claro, meu coração pertence a David...

Eu nem precisei olhar para a cola dessa vez.

- Escute, se você ficar dizendo a eles o tempo todo o quanto é famosa, de jeito nenhum eles vão aprová-la. Quer dizer, é estúpido ou o que seja, mas é assim.

O lábio inferior de Sara-Beth começou a tremer e ela pareceu querer chorar.

- Então o que você está dizendo é que se eu tentar conhecê-los melhor, se eu contar histórias da minha vida, você acha que eles não vão gostar de mim?

- Claro que vão. Todo mundo gosta de você, Sara-Beth - eu acrescentei imediatamente.

Ela soluçou.

- Eu tenho muitos fãs na Coreia, sabe?

- Eu só quis dizer que você não precisa ficar lembrando a eles que é uma celebridade.

- Mas eu não quero mentir.

- Bom, na realidade não é bem mentir - pensei no meu almoço com Judith e Meredith e em todas as coisas que eu não disse. - Quer dizer, você está apenas, sabe, não mostrando todos os lados de quem você é. Não é o mesmo que ficar inventando coisas. Quando estiver morando no prédio, eles vão acabar descobrindo todo o resto de qualquer jeito.

- Acho que é verdade - Sara-Beth assentiu solenemente. - Terei que ser como a Cinderela. Disfarçada como uma pessoa comum, mas ainda uma princesa por dentro.

- Cinderela era órfã. Não acho que fosse realmente uma princesa.

- Claro que era. Como então ela teria uma fada-madrinha?

- Tenho certeza de que a fada-madrinha simplesmente ficou com pena dela. A Cinderela não era, tipo, uma limpadora de chaminés ou algo assim?

- Isso é nojento.

- Bom, depois que casou com o príncipe, ela provavelmente *virou* uma princesa - eu devolvi a folha com a cola para ela. Ela a examinou com ar triste.

- Pobre Cinderela. Espero que não a tenham feito assinar um acordo pré-nupcial - ela dobrou-a no meio. - Muito obrigada por toda a sua ajuda, Flan.

Encolhi os ombros.

- Não tem de quê.

- Mas estou falando sério, de verdade. Antes, eu estava tão preocupada, mas agora estou me sentindo... em paz. Tenho certeza de que vou conseguir o apartamento agora -ela sorriu tranquilamente. - Talvez você seja a minha fada-madrinha.

- Bipiti bopiti buu - eu brinquei, e bati de leve no bonito nariz dela com a borracha na ponta de meu lápis.

Bem então, o celular dela começou a tocar lá em cima. Mesmo o show da TV tendo terminado fazia uns quatro anos, o toque do celular de SBB ainda era o tema de *Mike's Princesses*.

- Você não devia atender? - perguntei, depois de ter tocado umas cinco vezes.

- Ah, deixe cair na caixa postal. - Um segundo depois, a campainha da porta tocou e Sara-Beth mergulhou atrás do sofá. - Eles estão aqui! - ela berrou, aterrorizada.

Fui até a porta e espiei pelo olho mágico. Sara-Beth devia estar me contagiando, porque eu estava quase esperando um time de *paparazzi* ou aquele fulano esquisito que ficava atrás da Jodie Foster na entrada de casa. Em vez disso, havia uma mulher com um ar muito animado usando um *tailleur* Chanel rosa segurando uma prancheta. Uma limusine comprida branca estava parada em frente ao hidrante lá fora. Eu abri a porta bem devagar. Tarde demais, me dei conta de que devia ter deixado a corrente presa.

- Pois não?

- Vim aqui buscar Sara-Beth.

- Perdão? - Cruzei os braços e tentei parecer firme. - Ela não está aqui. Você está com o endereço...

Antes que eu pudesse terminar, no entanto, Sara-Beth estava passando por mim porta afora. No tempo que eu levei para atender a porta, ela tinha trocado de roupa e agora desfilava um vestido preto brilhante com um grande laço num dos ombros, e sapatos de salto alto. Ela parecia totalmente glamorosa.

- Desculpe, Flan. Tinha esquecido - Sara-Beth deu um olhar de relance sobre o ombro enquanto disparava para a limusine. - Beijinhos!

Eu fiquei pasma.

- Espere, onde você está indo?

- Sessão de fotos! Não fique esperando por mim! E lembre-se, se alguém perguntar, eu nem mesmo estou aqui!

Quando a limusine partiu, eu me senti realmente esquisita e um tanto triste. Minha amiga estrela de cinema estava correndo para alguma noite glamorosa e maluca fora, e as duas meninas mais legais que eu havia conhecido na escola provavelmente estavam juntas na casa de uma delas, comendo salgadinhos e sendo felizes e normais. O que me deixava sozinha, fazendo minhas tarefas escolares. Eu não era famosa, mas tampouco era normal. Estava entalada no meio. Por mais legal que fosse ter Sara-Beth em casa, não tinha muita graça ficar mantendo os segredos dela. Como se já não bastassem os meus próprios.

Capítulo 7

ÀS VEZES ATÉ EU MESMA ME SURPREENDO COMIGO

A primeira semana de escola tinha chegado ao fim, então Meredith, Judith e eu decidimos comemorar indo a um café chamado Bean Garden, bem na esquina de minha casa. Eu adoro aquele lugar. Tem internet *wireless* de graça e essas simpáticas mesinhas do lado de fora que parecem com algo que você poderia ver na França, e mais todo o tipo de café aromatizado imaginável - avelã, banana, até torta de abóbora. Naquela sexta-feira, eu já estava tomando minha xícara de *mocha* de chocolate branco quando Meredith e Judith finalmente decidiram que sabor queriam. Levando nossos cafés, fomos para as mesas do lado de fora.

- Esse lugar é tão simpático, Flan - disse Meredith, mordendo o *muffin* de limão com sementes de papoula que acabara de comprar. - Obrigada por nos ter trazido aqui.

- É, eu adoro este lugar - eu disse. - Minha irmã costumava vir o tempo todo aqui quando estava no colegial para fazer lição de casa e coisas assim, e depois de um tempo eu simplesmente comecei a vir com ela.

- Eu não sabia que você tinha uma irmã - disse Judith. - O que ela faz?

- Não sei ao certo - admiti. - Acho que ela está ajudando um amigo a fazer um videoclipe no Brooklin, então deve estar passando alguns dias lá.

- Uau, isso é legal demais - Meredith sorriu e eu pude ver as sementinhas de papoula presas nos seus dentes.

- Corno ela conseguiu permissão dos seus pais para fazer isso? - Meredith perguntou, tomando seu *latte* sabor pão de mel. - Minha mãe teria um ataque se ficasse sabendo que eu ia ficar na balada com músicos a noite toda.

- Bom, não é bem uma balada. Estão filmando - eu disse. No minuto que disse isso, me perguntei por que estava tentando defender Feb de acusações de estar numa balada. Ela seria a última pessoa a procurar se defender. - Além disso, meus pais são bastante tranquilos. Eles provavelmente consideram isso como uma experiência educacional - se *eles soubessem*, acrescentei para mim mesma.

Eu não pretendia ser desonesta com Judith e Meredith, mas às vezes eu me esforçava tanto em agir "normalmente" que essas pequenas meias-verdades esquisitas escapavam antes mesmo de eu me dar conta. Não gosto de mentir, de modo que toda vez que acontecia, eu me sentia desprezível e constrangida. A pior parte era que, quanto melhor as conhecia, mais eu fazia isso. Parte disso era a situação com SBB - ela acabou ficando em casa a semana toda, de modo que, toda vez que eu saía com Judith e Meredith depois da escola, precisava inventar novas desculpas para elas não poderem ir até lá. Mas agora estava começando a se tornar um mau hábito inteiramente desenvolvido.

- Ei, eu contei para vocês o que aconteceu hoje na aula de inglês? - Meredith perguntou. Ela havia ficado contando histórias a semana toda sobre o professor de inglês pirado dela, o sr. Franklin. Eu ainda não o tinha visto, mas segundo Meredith ele tinha a forma de uma bala de goma e usava meia-sola nos sapatos. - Estávamos falando sobre um poema de Robert Burns, e de repente o sr. F. começou a *cantar* o poema. Quero dizer, realmente soltando a voz. Aparentemente é a letra de uma

canção folclórica ou algo assim, mas ele simplesmente começou a cantar, de improviso, bem no meio da discussão.

- A voz dele é boa? -Judith perguntou.

Meredith deu uma risadinha.

- *Ele* acha que sim, em todo caso.

Eu sorri, e estava para entrar também na conversa, quando ergui os olhos e vi Sara-Beth Benny vindo na calçada em nossa direção. Ela não estava muito reconhecível - dessa vez usava uma peruca dos anos setenta, tipo Farrah Fawcett, um conjunto de moleton e nenhuma maquiagem aparente -, mas eu soube no mesmo instante que era ela, talvez porque estava arrastando os pés da maneira que faz sempre que fica chateada. Pelo jeito que seus olhos estavam, dava um pouco a impressão de que ela tinha estado chorando.

Eu queria fazê-la parar e perguntar qual era o problema, mas fiquei com medo de que, se eu fosse falar com ela, ou mesmo dissesse oi, Judith e Meredith e todo mundo em volta iriam descobrir quem ela era e fazer uma cena. Então, em vez de ir até ela, eu fiz o contrário: tentei virar minha cadeira de modo que ela não pudesse me ver, e fingi que estava realmente absorta no que minhas amigas estavam falando. Na mesma hora, me senti horrível, mas, quando Sara-Beth passou sem nos ver, dei um suspiro de alívio, mesmo ainda não tendo certeza do que tivera tanto medo.

Capítulo 8

NÃO ABRA ESSA PORTA!

- Foi muito divertido - disse Meredith enquanto pegávamos nossas bolsas e jogávamos os copos de café no lixo.

- E é um bairro tão legal também - disse Judith. - Sua casa fica mesmo virando a esquina?

- É bem perto, sim - eu disse, me esgueirando entre as mesas até a calçada. Eu estava nervosa e me sentindo um pouco culpada, porque meio que sabia que elas achavam esquisito eu não as ter convidado para ir em casa. Não queria continuar inventando desculpas, mas depois de ver SBB indo na direção de minha casa, e ainda por cima em lágrimas, eu não sabia o que fazer. Tentei mudar de assunto dizendo "o que vocês vão fazer nesse fim de semana?", mas Judith ignorou a pergunta.

- Ah, nada de especial. Em todo caso, já que estamos aqui mesmo, a gente bem que podia acompanhar você até a sua casa. Adoraria ver a misteriosa casa da Flan. E você, Meredith?

- Não tem nada de misteriosa - eu disse. - É só que está meio que uma bagunça. Entre a reforma e o vazamento...

- Sei. Aposto que é uma dessas velhas mansões mal-assombradas do *Scooby-Doo* - Meredith deu uma risadinha. - Pare de se preocupar! Tenho certeza de que é linda, Flan.

- Não fique tão constrangida - disse Judith. - É nessa direção, certo? - Ela seguiu em frente, toda decidida, se esgueirando entre dois carros estacionados para atravessar a rua.

Então, enquanto andávamos na direção de minha casa, mesmo tentando rir e conversar normalmente, eu fiquei com a sensação desconfortável que criminosos devem ter quando a polícia está no encalço deles - a sensação de que não ia demorar para eu ser pega. Enquanto passávamos por prédios de apartamentos, uma loja de antiguidades, uma pequena lanchonete, e até uma entrada lúgubre do metrô, eu me vi querendo que estivéssemos indo para qualquer outro lugar, menos para minha casa.

Nós três viramos na Perry Street e caminhamos sob árvores com as folhas começando a mudar de cor. Meredith e Judith se encantavam com os toques pitorescos que meus vizinhos acrescentaram às suas casas: um vitral numa janela mostrando duas figuras azuis dançando em torno do sol, um canteiro de janela com trepadeiras transbordando, uma varanda enfeitada com luzinhas de Natal na forma de pingentes de gelo.

- Aí moram os Easton - eu disse. - São velhos e um pouco doidos, acho. Costumavam ter um Papai Noel luminoso ali em cima, até cair numa tempestade com ventania.

- Você conhece todos os seus vizinhos? - perguntou Meredith. - A gente mora no meu prédio faz três anos e eu mal conheço os meus.

- É uma vizinhança muito amigável, acho - eu disse, mesmo não sendo exatamente a verdade. Na realidade, eu conhecia a maioria dos meus vizinhos das vezes que eles vieram reclamar do barulho das festas do Patch na madrugada. Com o passar dos anos, fiquei muito acostumada a ver meus vizinhos bravos e de pijama. - Essa é a minha.

Subimos os degraus até a porta da frente da minha casa. Eu ganhei um pouco de tempo procurando minhas chaves enquanto tentava descobrir o que fazer. Eu não queria mentir para Meredith e Judith ou, pior ainda, fazer com que sentissem que eu não as queria em casa, mas o que eu podia fazer? SBB estava pirando lá dentro, e, se eu trouxesse duas pessoas que ela nunca vira, provavelmente ia agir feito uma verdadeira psicopata com elas. E encontrar a estrelinha favorita dos Estados Unidos chorando e ululando em desespero na minha sala de estar iria provavelmente fazer elas se perguntarem o que mais eu estaria escondendo, sem nem falar em nunca mais quererem andar comigo. Então eu fiz a única coisa que podia: entrei em pânico.

- Olhem - eu disse, me virando com a chave já na fechadura. - Eu sinto muito, muito mesmo, mas eu não posso deixar vocês entrarem agora. Eu prometi que não ia convidar ninguém e... minha família vai realmente ficar brava se alguém aparecer.

Meredith e Judith olharam para mim, totalmente sem palavras e confusas. Eu abri a porta. Eu queria dizer mais coisas para elas, dizer que eu realmente gostava muito delas, coisas assim, mas achei que já tinha falado demais. Então apenas acrescentei:

- As coisas estão um pouco complicadas agora. Mas eu as verei na segunda-feira, ok? Prometo.

Antes que elas pudessem dizer qualquer coisa, entrei e fechei a porta atrás de mim. Por um minuto, só fiquei parada ali, sentindo-me horrível como nunca antes em minha vida. As coisas estavam indo tão bem com minhas novas amigas, e eu tinha totalmente estragado tudo. Prometi a mim mesma que ia mandar uma mensagem para elas mais tarde - talvez eu pudesse explicar a situação melhor se tivesse um pouco de tempo para pensar antes.

Mas não havia tempo para repassar a cena na cabeça naquele instante, porque eu estava certa: Sara-Beth Benny estava chorando toda desesperada. Estava deitada no sofá bem no meio da sala, coberta com Kleenex amassado em bolinhas, e ela tinha tanto rímel borrado em volta dos olhos que parecia um guaxinim selvagem. Ela tinha trocado o moletom por um jeans True Religion e uma camiseta que tinha um gatinho estampado, chorando em suas patinhas peludas. Esse era o lado bom de ter uns oito armários de roupas - ela realmente tinha a certa para todas as ocasiões.

- Sara-Beth... - eu disse - O que aconteceu? Você está bem?

Sara-Beth olhou para mim e soluçou.

- Ah, Flan, estou tão contente que você enfim chegou -ela disse. - A pior coisa do mundo acabou de acontecer. O pessoal do prédio me rejeitou.

- O quê? Por quê? - Eu cheguei mais perto e sentei numa cadeira em frente a ela. - Talvez você não tenha entendido direito. Isso não faz o menor sentido. Eles nem mesmo te entrevistaram. Eu nem tive tempo de escrever uma recomendação para você.

- Eu sei. Eles rejeitaram imediatamente meu pedido. Me ligaram hoje e disseram que acham que eu morar lá ia tornar o lugar muito... "caótico". Foi essa a palavra que usaram - SBB levantou-se e ficou sentada no sofá, causando uma avalanche de lenços de papel amassados. - Eu acho que foi a capa da *US Weekly* que provocou isso. O fotógrafo tirou aquela foto bem em frente ao meu último apartamento.

Eu fiquei muito, muito chateada por Sara-Beth. Afinal, isso era mais do que injusto: ela nem mesmo quis que aquelas fotos tivessem sido tiradas. Mesmo ela tendo se divorciado dos pais e dado uma festa tão além da conta que acabou sendo um episódio do *E! America's Wildest Parties*, ela ainda merecia um lugar legal para morar, ou ao menos uma chance justa de conseguir um. Por um segundo, eu imaginei como seria estranho não ter a casa na Perry Street, meu porto seguro, para onde sempre poderia voltar, com toda a sua mobília familiar e boas lembranças. Mas não consegui nem mesmo chegar perto de imaginar o quanto eu me sentiria solitária.

- Sabe, Sara-Beth - eu me peguei dizendo -, você pode ficar aqui por um tempo, se quiser. Até achar outro lugar.

- Ah, posso mesmo? Prometo que não vou dar nenhum trabalho. Obrigada. Muito obrigada mesmo! - Sara-Beth levantou com um pulo do sofá - Volto em uma hora com os meus baús.

- Baús?

- Se não for um problema. Eu gosto daqueles baús antigos de navios, sabe? Eles são tão charmosos e antiquados.

Eu fiz que sim.

- Ok, legal.

- Mas tem uma coisinha mais que preciso pedir. Se eu vou ficar... - Sara-Beth fez uma pausa. - Você não pode dizer para ninguém, nem mesmo para suas amigas, que eu estou aqui. Se a notícia de que eu estou aqui se espalhar, o lugar vai ficar infestado, absolutamente infestado, de *paparazzi*, e aí é que eu nunca vou mesmo conseguir um apartamento.

- Tudo bem - eu disse. Mas houve uma sensação ruim em meu estômago que me disse que isso era definitivamente o que não ia acontecer.

Capítulo 9

ALGO DOCE

Mesmo eu tendo prometido a mim mesma que ia mandar uma mensagem para Meredith e Judith, que de algum jeito desse uma explicação melhor do que estava acontecendo, não consegui fazer isso. O que eu ia dizer se não podia explicar sobre Sara-Beth Benny e sua situação complicada quanto a onde morar? Eu teria de novo que inventar mais mentiras, e não queria fazer isso. De modo que o que acabei fazendo foi passar o fim de semana rabiscando carinhas tristes nas margens de meu livro de história, me perguntando se Meredith e Judith iriam me ignorar totalmente na manhã de segunda-feira. Elas não me ligaram nem mandaram nenhuma mensagem, o que encarei como um péssimo sinal. Por sorte, eu tinha a SBB para me fazer companhia, de modo que não fiquei totalmente infeliz. Na tarde do domingo, fizemos limonada rosa e assistimos a *Quanto mais quente melhor*, o que ajudou muito a melhorar o meu humor.

Na segunda-feira, eu estava bem nervosa quando fui procurar Judith e Meredith na estação do metrô. Eu ficava olhando o meu relógio, toda paranoica que elas tivessem decidido usar outro caminho para me evitar ou algo assim. Mas, quando elas finalmente subiram as escadas, não pareceram bravas por me ver ali; só mais cautelosas do que qualquer outra coisa, achei.

- Oi - eu disse, desajeitadamente puxando as alças da minha mochila. - Já estava começando a achar que tinha me desencontrado de vocês.

Judith suspirou.

- Não, nós é que quase chegamos atrasadas demais para encontrá-la. A gracinha aí esqueceu de colocar as lentes de contato agora de manhã, e já estávamos quase pegando o trem quando ela se deu conta de que precisava voltar.

Meredith virou os olhos para Judith afetuosamente, como se estivesse acostumada a ser esculhambada.

- Mas quem é que levou duas horas para secar o cabelo, hein?

- Vocês duas vão juntas até o metrô todo o dia? - perguntei quando começamos a ir para a escola.

- Praticamente todas as manhãs - disse Judith. - Moramos a menos de um quarteirão de distância. Acho que é por isso que estávamos tão curiosas sobre a sua casa; não conhecemos mesmo ninguém que mora no centro.

Eu respirei fundo.

- Eu queria pedir desculpas a vocês quanto a...

- Não, não. - Meredith sorriu com seus dentinhos perfeitos e jogou 25 centavos no estojo do saxofone de um músico de rua. - Não se preocupe com isso. Como eu disse para Judith quando fomos para casa, nós é que estávamos sendo enxeridas.

- Não, não estavam. De jeito nenhum. É só que a minha casa está um desastre agora.

Fiquei satisfeita que ao menos falamos um pouco sobre o assunto, mas eu detestava ficar mantendo segredos. Durante todo o resto do caminho para a escola, fiquei com a sensação de que elas me davam olhadas desconfiadas.

Por sorte, Meredith e Judith não estavam bravas demais para não almoçar comigo, então saímos juntas da aula do quarto horário para pegar a fila do almoço. Naquele dia, a comida na cantina estava particularmente nojenta. Eles ofereciam um punhado de coisas frias todos os dias - iogurte, maçãs, *bagels*⁸ -, mas só um prato quente, e naquele dia era cozido de bolinhas de batata. Eu nunca tinha visto nada igual àquilo. Era cinza e aguado, com bolinhas de batata encharcadas se dissolvendo e que pareciam flocos sujos de embalagens de isopor jogados lá por engano. A maioria das pessoas na minha frente estava deixando a velha com luvas de plástico jogar a gosma nos pratos delas, algo em que eu realmente não conseguia acreditar. Assim que vi que Meredith e Judith tinham optado por saladas e *bagels*, brinquei:

- Vejam só. O *Iron chef* está aqui, e o ingrediente secreto é merda.

Meredith riu, e também o cara atrás de mim na fila. Eu me virei e quase tive um troço. Ele estava usando jeans, uma camisa polo vermelha, e esses sapatos John Fluevog gracinha que parecem ter sido roubados de uma pista de boliche, e seus olhos estavam franzidos com o riso. E era ele: Bennet Keating, o segundo menino mais bonito do segundo ano.

- Eu entendo - ele disse. - Esqueci meu almoço também. E tão idiota... cercados por todos esses restaurantes ótimos, e tendo que comer isso.

- É-é - eu gaguejei, me esforçando para não corar -, é realmente ridículo.

- Meu nome é Bennett. - Ele estendeu a mão para apertar a minha, mas, como uma cretina, eu ainda estava segurando minha bandeja. - Acho que não a tinha visto antes aqui.

- Ah. Bom. Comecei agora. Quero dizer, estou no primeiro ano. Meu nome é Flan.

- E o que você está achando desse lugar até agora, Flan?

- Legal. - Eu gostaria de poder parar de soar tão sem graça. Eu peguei um *bagel* e o coloquei na minha bandeja, e então enfiei um copo de papel na máquina de refrigerante e apertei o botão. Fiquei toda borrifada de Dr. Pepper, mas por sorte Bennet não pareceu notar. - Quero dizer, as pessoas aqui parecem realmente legais. É legal ver quantas atividades, e clubes de estudantes, e coisas assim tem aqui.

- Também acho. Mas algumas pessoas acham difícil se adaptar no começo - ele pigarreou. - Na verdade, eu estou fazendo uma matéria para o jornal da escola sobre as impressões dos novos alunos sobre a Stuyvesant.

- É mesmo?

- É. Será que eu podia fazer uma entrevista com você?

- Claro. - Tentei não gritar.

- O que você vai fazer depois da escola?

- Humm... - Eu dei um olhar de relance a Meredith e Judith, que tinham ficado totalmente em silêncio, por timidez ou porque Bennett estava flertando comigo, não sei dizer. - Nós três em geral saímos juntas, e...

- Bom, então, vamos todos tomar um sorvete. Acho que merecemos um depois desse almoço. Tem uma sorveteria ótima bem perto daqui... Cones, já ouviu falar?

- Vau, adoro esse lugar. - Cones era uma adorável sorveteria, bem pequena, a alguns quarteirões de casa. - Meredith, Judith, querem ir lá depois da escola?

Elas assentiram em silêncio, as duas com sorrisos enormes.

- Então está combinado. Foi um prazer conhecê-las - ele disse, saindo para a cantina com a bandeja dele. Assim que ele ficou longe o bastante para não ouvir, Meredith e Judith praticamente explodiram em cochichos.

- Isso foi incrível! - Meredith rejubilou-se em meu ouvido. - Ai, meu Deus, Flan, ele realmente gosta de você! Isso foi como amor à primeira vista!

⁸ Espécie de pão judeu em formato de rosca, geralmente recheado com salmão defumado e *cream cheese*, muito popular em Nova York (N.E.).

- E ele tem montes de amigos bonitos! Isso é tão legal! -Judith estava tão contente que quase estava dando pulinhos de alegria.

Minha sorte não poderia estar melhor. Duas coisas totalmente maravilhosas aconteceram ao mesmo tempo. Primeiro, Bennett me convidar e, segundo, Meredith e Judith terem voltado a confiar em mim. Esse dia estava se tornando fantástico - e tudo por causa de um prato nojento da cantina. Quem diria?

Ao sair da cantina, Bennet parou na nossa mesa com dois de seus amigos: aquele cara esnobe, Eric (que mencionou duas vezes que ia entrar em alguma competição de modelo masculino, embora bastasse uma só olhada para ver que ele precisava de um trato considerável - ao menos um trato nas sobrancelhas e um corte de cabelo melhor - antes mesmo de poder *pensar* em aparecer em comerciais), e esse outro garoto, Jules, que era um pouco atarracado mas usava uns óculos bem descolados de armação preta que faziam parecer que era de uma banda emo.

Quando as aulas terminaram, nós todos nos encontramos na entrada e saímos juntos. Era ótimo sair da escola com três meninos bonitos, e comecei a achar que talvez eu não fosse um completo fracasso, afinal.

Na verdade, eu estava mais preocupada com Meredith e Judith. Assim que os garotos apareceram para nos encontrar, elas começaram a ficar dando risadinhas e só falando entre elas. Eu já tinha visto garotas agindo assim antes, mas nunca entendi bem: você pode conhecer uma menina que é totalmente legal, divertida, o que for, mas, assim que você a põe na mesma sala com um garoto bonito, ela subitamente fica toda só dando risadinhas e cochichando com sua melhor amiga como se tivesse nove anos de idade, e ninguém, ao vê-la, jamais iria imaginar que na realidade ela é uma pessoa interessante. Por outro lado, conheci um monte de garotos aparentemente normais que arrotam e contam piadas sujas para impressionar as meninas de que gostam, de modo que acho que acontece dos dois lados.

- Então, vocês todos trabalham no *Spectator*? - eu perguntei.

Eric olhou para o alto.

- Jornalismo? Eca! Para que serve isso? Desde quando as pessoas querem ver fotografias de vacas afogadas e bebês morrendo de fome?

- Não é bem esse o nosso ângulo no jornal da escola -Bennett disse.

- Eu sou o fotógrafo - disse Jules - e estabeleci para mim mesmo a regra de limitar vacas afogadas e bebês morrendo de fome ao mínimo possível.

- A menos que seja uma matéria sobre a comida da cantina - Bennett brincou, dando-me uma olhada de relance com um sorriso de flerte. Eu ri. Meredith e Judith estavam bem na frente na calçada agora.

No Cones, escolhemos uma mesa perto da janela. Eu pedi menta com gotas de chocolate, e Bennett pagou. Eu me perguntei se isso fazia daquilo um encontro, mas, antes de poder analisar demais, Jules começou a contar essa história insana sobre sua terrier West Highland e como ela conseguiu entrar no sistema de ventilação do prédio.

- As pessoas do andar de baixo acharam que estavam sendo atacadas por uma ratazana. E a gente ficou, "não, é só a Muffy".

- Eu gostaria de ter um cachorro - eu disse. - A última vez que tive um animal de estimação foi quando estava na quinta série. Era uma chinchila.

- O que aconteceu com ela? - Bennett perguntou.

- Nem queira saber - suspirei. Zsa-Zsa na realidade havia descido as escadas durante uma das festas do meu irmão, só para ser atropelada pela Vespa que Mickey, um amigo de Patch, tinha posto para dentro de nossa casa. Mickey ficou péssimo quanto a isso, e ele me consolou contratando um avião que faz mensagens no céu para escrever "DESCULPE IRMÃ DO PATCH".

- Você não terminou a sua história, Jules - disse Meredith timidamente, dando uma rápida olhada de relance para ele. Eu podia ver que ela gostava dele porque

ficava empurrando o copinho de sorvete dela na mesa com a colher. - Espero que não tenha acontecido nada com a cachorrinha.

- Ela estava ótima. Mas nós tivemos de pagar para as marcas das garras dela serem removidas dos dutos de ar.

Ficamos sentados ali talvez por uma meia hora, conversando e rindo e falando bobagens. Eu percebi que depois de um tempo o cotovelo de Bennett estava tocando o meu, na mesa. Mas eu não movi meu braço, e nem ele o dele. Foi incrível.

Capítulo 10

O QUE VAI SER DA PRÓXIMA VEZ? MINHA SOBRANCELHA?

Quando estávamos todos pegando nossas coisas para ir embora, Bennett meio que se demorou um pouco, pondo seu blusão de moletom com capuz e fechando o zíper devagar, como se estivesse esperando alguma coisa.

- Ei, Flan - ele disse -, lembra que eu falei do artigo que estava escrevendo para o *Spectator*? Sobre os alunos do primeiro ano em nossa escola?

Entre o sorvete e o flerte e as brincadeiras, eu na verdade havia esquecido. Mas em vez disso eu disse, "Sim, claro", enquanto punha minha mochila nos ombros.

- Bom, na realidade eu ainda não te entrevistei. Onde você mora? Eu poderia fazer algumas perguntas no caminho da sua casa.

- Ah - eu disse. Uma sensação desagradável surgiu em meu estômago e ficou lá. - Bom, quero dizer... Acho...

Meredith e Judith olharam para mim com uma expressão de "ah, meu Deus" na cara.

- Espere só um segundo - disse Judith, me pegando pelo cotovelo. - Quero lhe mostrar uma coisa. - Ela me arrastou para a vitrine de vidro onde ficavam todos os sabores de sorvete. Meredith nos seguiu. - O que você está fazendo? - Judith sibilou enquanto contemplávamos uma lata de sorvete de nozes. - Quero dizer, você é tímida, tudo bem, entendo, mas pense só nisso! Isso é demais: Bennett Keating quer acompanhar você até a sua casa!

- Realmente parece delicioso - eu disse em voz alta, para dar alguma satisfação aos garotos, que estavam esperando constrangidos na entrada da sorveteria. Então sussurrei:

- Não sei. Eu só acho que talvez... seja muito cedo. Eu mal o conheço.

- Muito cedo para andar por aí com ele? É assim que se conhecem as pessoas! - Era bastante irônico que ela estivesse toda preocupada com isso, considerando o fato de que ela e Meredith tinham ficado praticamente mudas o tempo todo que ficamos ali com os garotos. Eu quase disse isso, mas me segurei no último segundo.

- Ele parece bem legal - Meredith acrescentou num tom baixo. - Eu não acho que ele vá começar a ficar no seu pé ou algo assim. Mas eu sei como você se sente. Eu nunca estive assim sozinha com um menino também.

Eu balancei a cabeça, pensando em Jonathan, meu ex, e todo o tempo que passamos conversando lá no meu quarto enquanto festas rolavam a mil lá embaixo.

- Não, esse na verdade não é o prob...

- Então simplesmente faça isso! - Judith me deu um empurrãozinho e eu tropecei de volta na direção de Bennet, bem quando alguém apareceu atrás do balcão para me oferecer o sorvete de nozes pecã.

- Tudo bem - eu disse, sorrindo para Bennett o melhor que podia. - Vamos indo. - Mas, ao sairmos na rua, eu abri meu celular e mandei uma mensagem para SBB o mais rápido que pude: ESTOU CHEGANDO, eu escrevi, FIQUE FORA DE VISTA.

E assim Bennet me acompanhou até em casa. A entrevista dele demorou só uns dez minutos, porque ele esquecera algumas das perguntas, e também esqueceu de escrever qualquer uma das minhas respostas, o que achei totalmente gracinha. Ou ele realmente estava distraído, ou estar comigo o deixava tímido, o que parecia mais provável, do jeito que ele ficava olhando para mim e então desviando os olhos quando os meus se encontravam com os dele. Eu nunca estivera com um cara que fosse mais tímido do que eu, e meio que me surpreendeu o quanto eu gostava de fazê-lo falar. É um pouco como a SBB me acalma por ficar mais em pânico do que eu; pessoas quietas me fazem ficar mais extrovertida. Eu até fiz algumas piadas e pude ouvi-lo rindo, o que foi ótimo. A risada dele era ainda mais bonita que a voz.

A única coisa esquisita da caminhada foi o jeito que ele ficava tentando me impressionar.

- Eu gosto mesmo do Village - ele disse. Estávamos pegando um caminho mais comprido para a minha casa, o que por mim estava ótimo. - É um lugar divertido para vir. Está vendo aquele clube ali?

- Ah, sim - assenti. Ele estava apontando para o Turquoise, esse clube noturno que estava super na moda um ano atrás e que acabou ficando meio brega e cheio de turistas. Eu tinha ido ali várias vezes no final do ensino fundamental, quando meu irmão estava na lista dos VIPs. A parte que eu preferia era uma área nos fundos, atrás de uma cascata artificial, onde se podia ficar sentado olhando as pessoas dançando sob a água borrifando nelas constantemente. Eu não fazia muito mais do que ficar ali, bebendo Shirley Temples⁹ e conversando com Jonathan sobre coisas idiotas enquanto todo mundo em volta ficava colidindo e rodopiando como animais malucos. No fim de uma noite, teve uma garota que subiu no balcão do bar e começou a dançar e fazer *strip-tease*, mas ficaram com medo de tirá-la dali porque ela estava usando esses sapatos de uns saltos insanos de tão altos, então a maioria dos caras apenas ficou gritando e assobiando e tirando fotos dela com seus celulares. Então, no fim eles fizeram uma rede com as mãos e ela pulou e eles a pegaram.

- Então, o melhor amigo do namorado de minha irmã trabalha no bar - ele disse timidamente. - Uma vez eu fui lá com eles. É um lugar descolado, estava meio que vazio naquela noite; tranquilo, mas realmente legal. Talvez eu consiga fazer a gente entrar, se você quiser conhecer. Mas teríamos provavelmente de entrar sem ser vistos, pelos fundos.

- Legal - eu disse, olhando para os meus sapatos. Me senti meio mal, achando que devia dizer a ele que já tinha estado lá um milhão de vezes, mas achei que isso ia deixá-lo constrangido.

Andamos na direção de minha casa, e eu comecei a pensar que Bennett planejava me levar pelo caminho mais comprido de propósito, porque ficava me contando histórias sobre cada lugarzinho que passávamos.

- Ei, está vendo essa loja? - ele disse quando passamos por uma loja de quadrinhos. - Eu encontrei Zen Wemble aqui uma vez; sabe quem o cara é? Ele criou esse personagem chamado Boulderman para a Marvel. Ouvi falar que eles estão fazendo um filme com Josh Hartnett. De qualquer modo, Wemble estava dando autógrafos e eu cheguei até a falar com ele por alguns minutos.

- Muito legal - eu disse. - Você gosta muito de quadrinhos?

- Claro. *X-Men*, *Batman*, todas essas coisas - Bennett olhou avidamente a vitrine da loja enquanto passávamos. Um punhado de bonecos de ação estava exposto num modelo em escala menor de Gotham City. - Mas, sabe, eu leio livros normais também. Não é como se eu fosse um desses caras esquisitos fanáticos por quadrinhos que tem um modelo em tamanho real da Blonde Phantom.

- Você quer dizer que você não tem um cofre cheio de quadrinhos antigos ainda em suas embalagens originais? - brinquei. - Ou um pijama do Homem-Aranha?

Bennett não me olhou nos olhos.

⁹ Drinque não alcoólico à base de refrigerante de limão com xarope de romã (N.E.).

- Não, claro que não.

E foi esquisito, porque em cada história que ele me contava sobre o quanto a vida dele era interessante, mais normal, e meio que doce, ele parecia. Eu não podia lembrar da última vez que ouvira um cara se gabar de ter visto uma celebridade ou não conseguir entrar em algum lugar, porque todos os caras que eu conhecia, ou *eram* celebridades, ou próximos o bastante para estar na lista VIP. Mas a maioria desses caras eram flertes chatos que se relacionavam melhor com as vendedoras da Bameys do que com as próprias namoradas. E então ergui os olhos e vi que já estávamos na frente de minha casa.

- Bom, acho melhor eu entrar - eu disse, começando a subir os degraus.

- Claro - disse Bennett. - A gente se vê, então.

- Ok. - Peguei minhas chaves e comecei a abrir a porta. Mas então Bennett chegou um pouco mais perto e ficou bem atrás de mim. Eu me virei e senti que estava ficando vermelha. Meu coração parecia que ia explodir. Ele ia me beijar?

Eu fiquei com os olhos fixos nos de Bennet. Eram cinza e realmente bonitos, um pouco como rochas que ficaram polidas com as ondas na praia. Ele tinha algumas sardas no nariz.

- Acho que a gente se vê na escola amanhã.

- Ok. - Ficamos ali por um tempão, à distância de menos de um braço um do outro. Bennett passou a mão pelos cabelos dele algumas vezes. Por fim, eu fiquei realmente embaraçada e me virei para entrar. Mas bem então ele se moveu para a frente. A boca dele bateu em minha orelha, e eu o acertei no peito com o ombro.

- Au!

- Desculpe, desculpe - ele murmurou.

- Não, não, tudo bem. Desculpe.

- Desculpe.

- Não, eu...

- É, valeu, até mais. - E ele foi embora pelo quarteirão, me deixando parada nos degraus da porta de casa, balançando a cabeça. Eu estava tão despreparada para isso tudo...

Capítulo 11

TUDO O QUE EU QUERO É UM GUARDA-CHUVINHA EM MEU DRINQUE

- Oh, meu Deus! - Sara-Beth berrou, pulando na minha direção de onde ela estava agachada junto à janela da sala de estar. - Esse foi o primeiro beijo mais bonitinho que já vi. Foi tão real e constrangedor e... real!

- Não foi o *meu* primeiro beijo. Jonathan me beijava quando estávamos saindo... e, ei, o que você fazia me espionando? - Eu larguei minhas coisas no chão. Era um pouco sinistro ela estar espiando pelas cortinas daquele jeito.

- Eu olho pela janela o dia todo. Não quero ser pega de surpresa. Além disso, você falou para eu me esconder. Eu queria saber do que estava me escondendo. - Ela cruzou os braços. - Agora, não mude de assunto, Flan. Quem é esse menino? Por que você não me contou sobre ele?

- Você fica indo a sessões de fotos à noite. Seja como for, eu só comecei a andar com ele. - Eu desviei o olhar. A verdade é que eu não tinha falado muito sobre a escola com SBB. Com a vida glamorosa dela, imaginei que ela não poderia me oferecer conselhos lá muito úteis. Como ela não poderia ser perdida em matéria de adolescentes normais, se basicamente havia vivido numa bolha?

- Bom, aquele beijo foi a coisa mais legal que já vi. Foi tão autêntico. Gostaria que o meu primeiro beijo tivesse sido assim.

- Não foi o meu primeiro beijo.

- Que seja. Pareceu totalmente não ensaiado, e isso é o que conta - Sara-Beth suspirou. - Meu primeiro beijo foi em frente a uma plateia no estúdio ao vivo. - Ela abriu o celular dela e começou a percorrer sua agenda de endereços. -Escute, precisamos sair e comemorar. Você gosta de comida italiana?

- Sara-Beth, tenho aula amanhã.

- Tem razão. Todo aquele amido vai deixar seu rosto inchado. O que você acha de comida sueca? Eu pago.

- OK, OK. - Entrei na cozinha para me servir de um copo de água. - Ei, tem uma mensagem na secretária eletrônica. Você sabe de quem é?

- Ah, Philippa Frady. Acho que é pro Patch. Ela soou meio brava. - Eu ia ouvir a mensagem, mas então SBB apertou um novo botão em seu telefone e começou a fazer a reserva do jantar.

E assim nós acabamos indo nesse restaurantezinho engraçado onde servem pedacinhos de arenque de diferentes cores em pratos de pedra e onde tudo era muito sombrio, como num velho filme preto e branco sueco. Depois de uma conversa realmente intensa sobre as fobias de Sara-Beth e a sua busca por um novo terapeuta - ela decidiu que não podia continuar sendo atendida pelos pais de David, já que ela planejava casar com o filho deles - "E há certas coisas que você não quer que os avós de seus filhos saibam!" - nós duas precisávamos nos alegrar um pouco.

De modo que Sara-Beth me levou a esse novo clube da moda no East Village, o Cube, onde o chão se acende todo nesses quadrados multicoloridos insanos. Lembrou-me um pouco o Dance Dance Revolution ou talvez Twister, o jeito que as pessoas ficavam se dobrando para trás e se contorcendo em volta umas das outras, mas muito mais legal. Sara-Beth berrou alguma coisa para mim que não consegui entender, então eu fui em frente e me apertei no canto do bar, onde estava mais

calmo, enquanto ela pegava bebidas para depois sentar comigo. Ela pegou um Cosmopolitan¹⁰ para ela, mas para mim escolheu algo que parecia um *milk shake* num copo de Martini.

- Esse drinque se chama Gafanhoto - ela disse. Agora nós podíamos ouvir uma à outra, o que definitivamente era um progresso. Eu tomei um golinho. Tinha gosto de um Thin Mint¹¹ em forma líquida, mas eu sabia que não devia tomar o resto. Meu irmão e minha irmã me deixam beber cerveja de vez em quando, mas nunca bebi numa noite tendo escola no dia seguinte. Ainda assim, era bem legal estar sentada ali com Sara-Beth naquele clube mais que na moda, com nossos coquetéis de meninas e o piso piscando.

- Está sendo tão divertido - eu disse a ela, puxando o cabelo para trás das orelhas. Bem quando eu disse isso, o meu celular tocou. Eu o abri. Era a Judith.

- Já volto - eu disse a SBB.

De algum modo, em meio a todas as luzes piscando, achei o caminho até o banheiro feminino. Estava razoavelmente quieto lá dentro. Ao discar o número de Judith, torci para que ela não ouvisse o barulho do clube ao fundo.

- Oi - eu disse, tentando soar o mais noite-com-escola-no-dia-seguinte normal possível. - Diga, Judith.

- Flan! Estou tão contente que você atendeu? Eu não a acordei, acordei?

Eu olhei o meu relógio. Era quase meia-noite.

- Não. Eu estava... tomando banho.

- Legal. Então, como foi com o Bennett? Estou morrendo de vontade de saber todos os detalhes.

- Ah... - Eu esfreguei a orelha, pensando. De algum jeito parecia desleal contar o que acontecera a ela. Pensei nela e Meredith dando risadinhas e hesitei. Eu não queria que Bennett ficasse constrangido. - Ele é realmente um doce.

- É? Você acha que ele gosta de você?

- Talvez. Espero que sim. Eu definitivamente gosto dele.

- Sobre o que vocês conversaram?

- Os assuntos habituais. Ele coleciona quadrinhos. - Eu fingi um bocejo. - Ei, olhe, melhor eu dormir agora. Fico contente de você ter ligado.

- OK. Mas é melhor você me contar a parte quente amanhã!

Eu me apressei a voltar para o clube, preocupada que ia achar SBB sozinha e abandonada, debruçada sobre seu coquetel. Mas quando cheguei, imagine se ela estava sozinha. Uma outra garota - muito alta, muito loira, muito East Side - estava sentada bem ao lado dela no bar. Eu a reconheci imediatamente, claro. O nome dela era Liesel Reid, e toda Manhattan estivera em sua festa de dezesseis anos no começo daquele verão. Na verdade, foi lá que eu conheci SBB. Liesel tinha entrado no salão de baile montada num cavalo branco com um vestido ilhó¹² Michael Kors, e a aparência dela era exatamente a de uma princesa. O que, é claro, ela era.

Liesel não tinha mudado nada desde a última vez em que eu a vi, exceto que naquela noite ela estava com os cabelos dourados amontoados no alto da cabeça e usa um vestido Diane von Furstenberg com luvas combinando. Em qualquer outra pessoa, teria parecido antiquado, mas nela ficava simplesmente sofisticado e certo.

- Oi - eu disse, me instalando no banco do bar. - Lembra de mim?

Liesel exclamou:

- Flan! Minha querida Flan Flood! Você cresceu tanto que mal a reconheci! - A verdade era que Liesel tinha me visto apenas três meses antes, na minha festa de aniversário de quatorze anos, que ela ajudara a planejar. Eu não achava que tinha mudado tanto desde então, mas, heil, nunca se sabe. Ela ofereceu a mão enluvada para eu apertar. - Como vai o Patch?

¹⁰ Drinque à base de vodca, curaçau e suco de *cranberry* (N.E.).

¹¹ Espécie de biscoito coberto com chocolate sabor menta (N.E.).

¹² Modelo de vestido com um orifício por onde se passa uma fita ou um cordão (N.E.).

- Vai bem - eu disse, me sentindo subitamente a irmãzinha menor e sem graça de novo. Mas fazia sentido que ela perguntasse. Ela costumava sair com outro dos amigos de Patch, Amo, que era quase tão bonito e por dentro da moda quanto ela, e também ela conhecia Patch muito bem.

Liesel pediu um Alexander¹³ com *brandy*. O *barman* desapareceu.

- Espero sinceramente que ele acerte desta vez - Liesel disse, olhando para o alto. - A noite passada ele errou todas as proporções. O ofício de *barman* é uma forma de arte. Coquetelaria, é como se chama. Gostaria que as pessoas a levassem a sério.

- Você tem vindo muito aqui? - perguntei, hesitante.

- Querida, eu tenho de vir. É o meu trabalho. - O *barman* voltou e entregou a ela o coquetel. Ele parecia meio nervoso enquanto ela dava um gole, balançava a cabeça e devolvia o copo para ele. - Sou uma *promoter*. Eu mantenho o clube chique, com classe, e exclusivo.

- Como você faz isso? - perguntei.

- Simplesmente estando aqui, é claro. - Liesel esquadrinhou o salão. - Eles ofereceram para me pagar, sabe, mas eu encaro como filantropia. O lugar era um total *buraco* antes de eu começar a vir. Agora, Sara-Beth, eu achei que você estava em Gdansk.

- Não quero nem falar no assunto - SBB disse. - Ric Roderickson é um lunático. Ele nem mesmo mantinha minha massagista de prontidão.

- Eu sei, coração, ele é um tirano. - Liesel se mantinha esquadrinhando o salão. Imagino que estava atrás de gente não chique. Eu segurei meu Gafanhoto bem perto e tentei parecer o mais descolada possível.

- Olhem aquilo - Liesel respirou fundo subitamente. Os olhos dela fuzilaram o salão, e nós viramos para olhar.

A uns três metros de distância, uma modelo com jeans folgados e rasgados, chinelos de dedo e uma camiseta *baby-look* do Mickey Mouse estava vindo na direção do bar. Ela tinha cabelos loiros curtos espetados e estava berrando: "Com quem eu tenho de dormir para conseguir uma bebida neste inferninho?", enquanto remexia em sua *pochette* atrás de dinheiro. Ela usava os cotovelos para atravessar a multidão, derrubando bebidas e fazendo um Martini de maçã verde derramar inteiro na frente do vestido branco de uma garota.

Debaixo do braço, a modelo carregava um lulu-da-pomerânia laranja com uma bandana vermelha amarrada em volta do pescoço. O cachorro estava se contorcendo, tentando escapar da modelo e arrancar com os dentes o acessório de mau gosto do pescoço, mas a cada vez que ele fazia um esforço, ela apenas o espremia mais - e ele até ganiu a certa altura. Senti pena do bichinho. Era meio difícil de acreditar que uma mulher tão desagradável e de mau gosto pudesse ter um animal de estimação tão bonitinho.

- A cadela está totalmente passando da conta - disse SBB. - E eu não estou me referindo ao cachorro.

- São sempre as modelos - Liesel disse. - Elas teimam em confundir "pirado" e "malcriado" com "atitude" - Liesel pôs sua bebida no balcão. - Com licença, queridas. Não posso ficar sentada aqui enquanto a reputação deste clube pega a pista de pedágio livre do Holland Tunnel para fora da cidade. Tenho que fazer o meu serviço.

Liesel saiu na direção da mulher e o barulho no bar pareceu subitamente sumir. Até a música ficou mais baixa. As pessoas abriam o caminho para Liesel passar, e eu senti que era como se desse para ouvir os saltos dela no piso iluminado. Quando ela chegou junto à mulher com o cachorro, cutucou-a no ombro com o dedo enluvado. A mulher se virou, ainda rosnando de sua briga com o *barman*.

- Com licença - Liesel disse. - Não gosto de você. - Ela olhou para o lulu-da-pomerânia, que se contorcia todo tentando escapar. - Mas o que ainda é pior é que seu cachorro te *odeia*.

¹³ Drink feito à base de gim, licor de chocolate e creme de leite (N.E.).

Todo mundo começou a aplaudir. E então Liesel simplesmente tirou o cachorro dos braços da modelo e começou a andar de volta para onde estávamos sentadas. Enquanto isso, dois seguranças arrastaram a mulher para fora, ainda berrando e xingando.

- Isso foi incrível - eu disse enquanto Liesel se sentava.

- É só o meu trabalho, querida - o cachorrinho estava olhando para mim com seus enormes olhos castanhos e agitando as patinhas freneticamente na minha direção, como se quisesse que eu o pegasse. - Agora, de você ele gosta.

- Ele é adorável.

- Fique com ele. - Liesel o entregou para mim, e o cachorro começou a lamber meu rosto. Ele fazia uns barulhinhos agudos com a garganta e farejava meu cabelo.

- Ah, não posso ficar com ele - eu disse. - Não seria certo.

- Eu acho que ele vai ficar muito mais feliz com você do que com aquela outra dama - disse Sara-Beth. O cachorrinho ganiu como se estivesse concordando.

- Considere-o um presente - disse Liesel.

Eu teria dito não, e talvez devesse ter dito, mas o bichinho estava me olhando com seus olhos enormes arregalados e meio que louco de amor. Além disso, eu não queria deixar Liesel brava. Ela poderia transformar a minha vida social em gelo com um só olhar. E eu achei que lembrava de minha mãe ter dito que se alguém lhe dá um presente, trate de aceitá-lo.

Então eu desamarrei a horrível bandana do pescoço do cachorro e o levei para casa. No caminho de volta, Sara-Beth e eu paramos num lugar asiático bem perto de casa para tomarmos chá de bolhas¹⁴, e a garçonete gostou tanto do cachorrinho que deu a ele um prato de *lo mein*. Enquanto observava ele engolir tudo, decidi chamá-lo de Noodles¹⁵.

Quando por fim chegamos à Perry Street, já estava tarde demais até mesmo para pensar direito, mas eu me sentia feliz mesmo assim. Agora tudo o que queria era desabar na minha cama e dormir. Mas, quando entramos pela porta, tropeçamos em três malas imensas, que definitivamente não pertenciam aos meus pais.

¹⁴ Bebida à base de chá, frutas, leite e bolinhas de tapioca (N.E.).

¹⁵ Do inglês, macarrão instantâneo usado geralmente na culinária oriental (N.E.).

Capítulo 12

A CASA FICA CHEIA

- Philippa Frady - eu fiquei pasma. - O que você está fazendo aqui?

- Eu liguei antes. Você não viu o meu recado? - Philippa estava sentada no sofá com lenços de papel manchados de rímel empilhados à volta dela. Ela estava usando jeans Diesel justos cor de carvão e um top regata, e seu cabelo, normalmente castanho-claro, estava pintado de uma cor meio amarronzada e cortado de um jeito que fazia as pontas parecerem todas irregulares e desgrenhadas. Ela estava com a aparência de alguém com atitude, mas com o coração partido.

Conheço Philippa Frady faz algum tempo, a certa distância, porque ela fez o primário com SBB e porque, desde que qualquer um possa lembrar, praticamente, ela tinha esse relacionamento de ora juntos, ora separados com Mickey Pardo, um dos melhores amigos de meu irmão e o vizinho da casa ao lado da dela. Eu sempre admirei Philippa porque ela é meio que uma versão mais jovem e mais alta de Jennifer Connelly, com longos cabelos castanhos e esse tipo de ar cosmopolita e boêmio. Ela é realmente na dela, e irônica e desencanada - desencanada em relação a tudo, exceto o relacionamento dela, quer dizer.

O caso é que, muito tempo atrás, acho que o pai de Mickey, um escultor, teve uma briga enorme com o pai de Philippa, um *marchand*, sobre essa escultura grande que o último devia ter comprado do primeiro, ou algo assim. Ninguém sabe os detalhes na verdade, e provavelmente os dois casais nem lembram mais, mas o resultado final foi que passaram a se odiar mutuamente, e não querem saber de seus filhos se encontrando. Então Mickey e Philippa são como Romeu e Julieta, porque eles sempre têm de manter em segredo quando estão juntos. Por um tempo pareceu que eles tinham terminado de vez, porque Philippa anunciou que era lésbica, mas então ela terminou com aquela garota superirritante com que estava saindo e decidiu que queria ficar com Mickey de novo, no fim das contas.

Era uma situação esquisita, mas eu realmente admirava como Philippa foi em frente e se reinventou, tentando algo maluco, diferente e arriscado. Eu não acho que vou começar a ficar com meninas assim, de uma hora para a outra, mas eu sei de minha própria experiência o quanto é importante mudar e experimentar coisas diferentes, então acho que sempre admirei a Philippa por ter dado uma experimentada nesse negócio de ser lésbica.

Seja como for, nada disso explicava por que ela estava sentada em minha sala de estar, chorando, no meio da noite. Eu fiquei tão surpresa de vê-la ali que deixei o Noodles cair, e ele rapidamente atravessou a sala de estar. Pulou no colo dela e tentou lambear as lágrimas dela.

- Sai, sai, bichinho! - Philippa empurrou Noodles, rindo um pouco apesar de sua situação - Por que o seu cachorro cheira à comida chinesa?

Antes que eu pudesse responder, Patch veio da cozinha, comendo um sanduíche.

- Oi, mana - ele disse enquanto subia as escadas. - Cachorro novo?

- É. E o que está acontecendo aqui?

- Philippa fugiu de casa - Patch berrou lá da escada. - Acho que ela vai ficar aqui um tempo.

Eu assenti, ainda confusa.

- O que aconteceu?

- Eu tive uma briga terrível com meus pais - Philippa disse, baixando os olhos para o colo. - Meu Deus, foi tão inacreditável. Nós estávamos todos começando a falar uns com os outros de novo, e então, quando eles descobriram o Mickey dormindo no meu quarto, eles simplesmente, totalmente...

- ...tiveram um surto? Ah, eu poderia lhe contar umas histórias assim - Sara-Beth atirou-se no sofá dramaticamente. - É uma coisa terrível, ter uma mãe e um pai.

- É. Eles podem ser tão imbecis - Philippa assoou o nariz ruidosamente. SBB assentiu.

- E essas víboras estão atrás de cada centavo que conseguirem obter - SBB disse. - É por isso que você vai precisar de um bom advogado. O melhor.

Pensei no pai de Judith. Talvez eu pudesse arranjar algum cliente para ele.

- Mas eu não estou só brava com eles. Estou pê da vida com Mickey também, ele caiu fora na maior. Ele acha que tudo isso não passa de uma grande piada. - Philippa recostou-se no sofá. - No minuto em que eles o encontraram, ele saiu pela janela. Literalmente... Ele torceu o tornozelo! Às vezes eu acho que ele não se importa de fato comigo; só gosta de mim porque sou um desafio. Primeiro ele não pode ficar comigo por causa de meus pais, depois não pode ficar comigo porque estou a fim de garotas. Mas, caramba, assim que consegue que eu fique com ele, ele simplesmente pira e some. Ele me trata apenas como uma namorada, não como uma amiga de verdade, entende?

- Isso é terrível. - Eu sentei no sofá. Parecia um pouco que Philippa estava exagerando. Mickey era um cara legal, pelo que eu conhecia dele; mas por outro lado eu não ficara sabendo a história toda. Noodles pulou no meu colo e eu cocei a barriga dele. - Bom, então deixa ver se entendi: seus pais encontraram Mickey em seu quarto, Mickey caiu fora, e você veio para cá para ficar longe de todos eles?

- Basicamente, sim. E também meus pais podem estar processando os Pardo, mas esse é um assunto inteiramente diferente. Desculpe por ser um fardo para você. - Philippa cobriu o rosto com as mãos. - Está tudo uma confusão só. Eu apenas precisava de alguém com quem conversar, acho.

- Adoro essas conversas tarde da noite. - Sara-Beth sorriu. - É como dormir na casa dos outros.

- É, meio que é. - Mas eu mal conseguia manter meus olhos abertos. Até o Noodles estava adormecendo em meu colo. Eu me forcei a me levantar do sofá antes que desmaiasse, segurando meu cachorro dormindo como um bebê. - Ei, eu tenho escola amanhã, mas vocês duas deviam continuar conversando.

- Você quer mesmo? - Philippa olhou para SBB toda tristonha. - Eu devia lhe avisar que não vou ser muito divertida. Provavelmente só vou ficar falando dos meus problemas a noite inteira.

- Claro que vou ficar acordada com você! Mas com uma condição. - Sara-Beth olhou para mim. - Flan, podemos fazer um forte de cobertores?

- Claro, eu não tenho nada contra. Tem um armário cheio de cobertores e colchas bem ao lado da despensa. - Eu carreguei Noodles para cima, coloquei o pijama e entrei na cama. Estava exausta. Lá embaixo, eu podia ouvir Philippa chorando enquanto Sara-Beth virava os móveis e fuçava no armário, mas mesmo que ela estivesse quebrando tudo na casa, eu estava muito cansada para me importar.

Na manhã seguinte acordei com Noodles lambendo meu rosto. Ele era mesmo a coisinha mais bonitinha que eu já tinha visto. Os lulus-da-pomerânia têm essas boquinhas engraçadas que fazem parecer que eles estão sorrindo o tempo todo. Passei um bom tempo só brincando com ele antes de me forçar a sair da cama e começar a me arrumar para a escola. No minuto em que comecei a me mover, entendi por que a maioria de nós não fica na balada feito estrelas do rock durante a semana.

Uma coisa é ficar acordada quando você não tem nada para fazer no dia seguinte, mas se você tem álgebra no primeiro horário, é uma situação inteiramente diferente.

Dava para saber que SBB e Philippa tinham ficado acordadas até ainda mais tarde do que eu, porque, mesmo que eu estivesse fazendo uma barulheira na cozinha, tentando descobrir como fazer o café que normalmente não bebo, elas não emitiram um som. Sara-Beth tinha mesmo armado um forte de cobertores, usando as poltronas de couro do escritório de meu pai e o que parecia todo o conteúdo do armário de roupas de cama. Parecia que um elefante estava dormindo sob uma colcha de retalhos, bem no meio de nossa sala de estar.

Eu finalmente engoli alguma granola e a água com gosto de café que consegui fazer, e cozinhei um pouco de espaguete para o Noodles, que estava de pé nas patas traseiras e agitando as dianteiras entusiasmado. Eu prometi a ele que iria comprar um pouco de comida de cachorro depois da escola, e então cambaleei para a porta. Ao caminhar, percebi que de jeito nenhum eu conseguiria manter isso por muito tempo. Normal de dia, fabulosa de noite só funciona realmente para super-heróis - para o resto de nós, sempre acaba desmoronando mais cedo ou mais tarde.

Capítulo 13

UM CONVITE PARA... O DESASTRE

No aminho para a aula do segundo horário, subi três escadas rolantes, atravessei uma multidão, e encontrei Judith e Meredith esperando do lado de fora da minha classe. Por sorte, elas estavam cheias de risinhos e animação demais para notarem o quanto eu estava acabada.

- Ai, meu Deus, você ficou sabendo? - Meredith me perguntou. - Um pessoal do segundo ano vai dar um festão neste fim de semana. Vai ser demais.

- Sei... - Eu olhei do rosto de Judith para o de Meredith e de volta - Mas nós não estamos no segundo ano.

- É como se estivéssemos! - Judith berrou - Olhe só isso!

Ela me deu um pedaço de folha de caderno. Meu nome estava escrito com caneta hidrocor, com uma linha em zigue-zague debaixo dele, como se a pessoa que tivesse escrito quisesse parecer macho e esperto. Abri o bilhete.

O recado estava escrito a caneta:

Oi, Flan, aconteceu de eu estar passando pelo seu armário e pensei que devia lhe informar que há uma festa em que você, M. e J. podem estar interessadas neste fim de semana. Vai ser mais o pessoal do segundo ano, então vocês não vão conhecer muita gente lá, mas deve ser legal de qualquer jeito. É na noite de sexta na casa do meu amigo Devon em Chelsea. Me ligue para os detalhes. Este é o meu celular.

Ele tinha anotado o número de seu celular, telefone fixo, e-mail, e MSN. Depois tinha assinado - *Bennett* - com o zigue-zague embaixo. Havia um P.S. também:

Foi legal conversar com você ontem. Me ligue.

Ainda que a festa parecesse legal e tudo, eu estava meio que derretendo por dentro. Era tão bonitinho e engraçado o jeito que Bennet havia colocado todos os meios possíveis de eu entrar em contato com ele e pedido que ligasse. Duas vezes. Mas, mesmo sendo meio bobo, também derretia meu coração. Quando olhei de novo para Meredith e Judith, elas estavam sorrindo para mim simplesmente como se eu estivesse segurando um bilhete de loteria premiado.

- Você leu? - perguntou Judith - Não é incrível?

- Esperem aí, como vocês conseguiram este bilhete? - perguntei. Eu não estava tendo muita privacidade ultimamente: primeiro Sara-Beth me espionando da janela; agora minhas amigas de escola lendo minha correspondência.

- Estávamos passando por seu armário - Meredith explicou - bem quando Bennet ia colocar o bilhete pelos respiradouros na porta, mas ele achou que seria mais provável que você recebesse se trouxéssemos para você. Ele falou da festa para nós também.

- OK. - Eu dobrei o bilhete e o coloquei no bolso. Por um momento fiquei desconfiada que elas tinham aberto o bilhete, mas aí achei que era mais fácil simplesmente acreditar nelas. Ao menos ele não dizia nada sobre o beijo na orelha. Eu queria manter isso só para mim.

Era esquisito. Eu sempre fui uma pessoa realmente aberta, honesta, mas desde que começara o colegial eu subitamente tinha um monte de segredos. Tinha de esconder Sara-Beth, porque havia prometido a ela, e agora que Philippa fugira para a nossa casa, provavelmente não era para eu dizer a ninguém que ela estava lá. Mas eu também estava mantendo uma quantidade de coisas sobre mim mesma em segredo: o fato de que meus pais não trabalhavam, todas as festas e doideiras que aconteciam na minha casa, meus amigos celebridades, as noites em que eu saía. Até não me sentia bem de mencionar meu ex-namorado Jonathan para Judith e Meredith, já que elas pareciam não ter tido praticamente experiência nenhuma com meninos. E agora eu estava escondendo o beijo na orelha também - supostamente para proteger Bennet, mas na realidade mais para *me* proteger. Já era o bastante. Abri a boca para contar a Judith e Meredith sobre o beijo, sobre tudo o mais, mas bem naquele segundo Bennett apareceu.

- Oi - ele disse. - Você recebeu meu bilhete?

- Sim. - Eu o mostrei, e ele me deu um sorriso estonteante.

- Preciso correr para a aula. Mas nos falamos depois, certo?

- Eu ligo para você.

Bennett desapareceu pelo corredor, e antes mesmo de ele estar longe demais para ouvir, Meredith e Judith abraçaram uma à outra.

- Este vai ser o fim de semana mais incrível de todos - Judith disse. - Ei, ouça, devíamos ir todas para a sua casa para nos arrumarmos antes da festa, Flan. Podemos fazer uma o penteado da outra.

Eu hesitei, mas, por sorte, antes de ter de inventar mais uma desculpa, Meredith me salvou.

- Não, a gente devia se encontrar na minha casa, e eu ajudarei vocês a se vestirem bem - Meredith disse. - Sem querer ofender, Flan, mas eu acho que tenho mais acessórios que vocês duas e a Bloomingdale's juntas.

Eu tive de conter um suspiro de alívio.

- Legal.

Decidimos que depois da festa dormiríamos na casa de Judith porque, como ela explicou, o quarto dela tinha duas camas grandes e um sofá confortável, e ela tinha uma TV só dela. A cabo. Eu nem pensei em discutir.

O resto do dia eu passei como uma sonâmbula na Stuyvesant. É realmente uma escola enorme, não dava nem mesmo para comparar com a Miss Mallard's. E mesmo os corredores sendo áridos e brancos e parecendo todos iguais, é importante aprender sua geografia, para que não aconteça de você acabar tropeçando no meio da turma errada e fazer papel de boba. No segundo andar, por exemplo, há a Poça do Amasso, um grupo de meninos e meninas do terceiro ano que ficam no chão uns no colo dos outros, e da primeira vez que passei por lá quase caí no meio deles. Daí, no terceiro andar, um grupo de veteranos asiáticos fica no corredor. Alguns garotos meio *posers*, meio *punk* rondam a escada rolante do quarto andar, e no quinto andar um monte de maníacos por teatro está sempre cantando e dançando e ensaiando suas falas para a aula de artes cênicas.

Andar pela escola naquele dia foi como estar num sonho, e eu me perguntando onde me encaixava. Era estranho: mesmo que estivesse tentando me reinventar, na verdade ainda não tinha descoberto o que queria ou do que gostava. Tinha estado

muito ocupada escondendo as coisas antigas sobre mim para descobrir algo novo. Eu não queria acabar simplesmente viajando por aí e vagabundeando para sempre, como meus pais, mas ainda não sabia o que eu *queria* ser. Decidi que, daquele momento em diante, ia tentar descobrir com mais afinco. Afinal, eu estava crescendo -já era hora de ficar séria.

Capítulo 14

SE ISTO É UM ORFANATO, POSSO SER A ANNIE?

O *Spectator* tinha uma reunião depois da escola naquele dia, de modo que não fiquei surpresa quando Bennett não se ofereceu para me acompanhar até em casa. Na verdade, foi até meio que legal ir para casa sozinha. Assim eu não tinha nada com que me preocupar, ninguém para impressionar -ninguém tentando me impressionar. Eu podia simplesmente ir no meu próprio ritmo, pensando sobre as coisas e sendo eu mesma. Eu comprei um saco de ração de cachorro e alguns brinquedos numa *pet shop* perto de casa e segui adiante com a minha sacola de compras no braço, me sentindo muito adulta e descontraída - quase tão madura quanto Patch às vezes pode ser. De fato, eu estava bem feliz até o minuto em que abri a porta e descobri que havia mais uma hóspede não convidada morando sob o nosso teto.

- Liesel Reid! - exclamei, pasma. - O que você está fazendo aqui?

Liesel estava parada de pé no meio da sala de estar, cercada por vestidos de estilistas em araras prateadas como as que se encontram em lojas de departamentos. Noodles estava correndo em volta dos pés dela, latindo e ficando nas patas traseiras como se estivesse no circo ou coisa parecida. Imagino que ele a reconheceu da noite anterior.

- Flan, querida! - Liesel mandou um beijo pelo ar do meio da sala. - Sara-Beth me contou sobre a deliciosa situação de vocês todas. Eu simplesmente *precisava* ver a coisa com os meus próprios olhos.

- Eu achei que ela podia dormir lá em cima com você, já que eu vou ficar no forte de cobertores de agora em diante - disse Sara-Beth, descendo a escada num minivestido Stella McCartney multicolorido que eu havia usado na minha formatura do nono ano. Estava todo folgado nela, e a barra pendia bem para baixo dos joelhos.

- Então onde a Philippa vai dormir? - eu perguntei, empurrando Noodles para fora das minhas pernas. Imagino que o bichinho tinha farejado a comida de cachorro na sacola que eu estava carregando, porque tinha ficado meio maluco.

- Eu pensei em ir para o sótão - disse Philippa, entrando na sala de estar trazendo um pacote da cerveja PBR de Patch. Estava usando os mesmos jeans carvão de ontem, e seu cabelo marrom estava puxado para cima num coque minúsculo e desgrehado. A maquiagem dela parecia borrada. Ela abriu uma das cervejas.

- É meio cedo para isso, você não acha? - perguntei, catando o Noodles nos braços.

- É, sabe, eu estou tentando desenvolver uma tolerância ao álcool. - Philippa bebeu da lata e involuntariamente fez uma careta. - Os rapazes, ou ao menos o Mickey, conseguem beber cinco dessas, uma atrás da outra. É meio bobo ficar tonta depois de uma só. Se eu quero que Mickey realmente me respeite como amiga, preciso ficar mais durona. Mais independente, sabe? Começar a fazer coisas por conta própria.

- Tipo beber? - Eu não sabia bem o que mais podia dizer. Era legal que ela estivesse tão decidida a se bancar, mas de algum modo não gostei da ideia de ela tomar um monte de cervejas sozinha. Parecia meio triste. E nojento. Aquele troço tem

gosto de *ginger ale* com uma ponta de gasolina. Além disso, se ela queria ser tão independente, por que tinha justamente que copiar o que os amigos de Mickey faziam?

Philippa pôs a cerveja na mesa de centro.

- Não só beber. Eu contei para você que eu vou comprar uma motocicleta?

- É mesmo?

- É. Eu vou sair da garupa da Vespa do Mickey de uma vez por todas.

- Coração, você tem um armário sobrando que eu pudesse usar? - Liesel estava organizando seus vestidos pela cor. - Por que receio que essas araras não vão aguentar.

- Talvez haja um lá em cima. Eu posso tentar achar...

Sara-Beth se virou e bateu palmas, como ela sempre faz quando está numa sala cheia de gente que não está dando atenção a ela.

- Mas, Flan, primeiro você tem de me treinar. Meu corretor de imóveis diz que eu posso ter uma chance em outro prédio, e você é a única que realmente entende...

- Espere aí, não era eu quem estava falando? - Philippa cruzou os braços; se eu não soubesse que não era bem o caso, teria achado que ela parecia estar com certo ciúme. - Você monopolizou a Flan por uma semana e meia, Sara-Beth. Dê uma chance para as outras. Eu nem contei a ela sobre a Harley ainda.

- OK, todo mundo espere um segundo. - Fui até a cozinha, abri o saco de ração e despejei um pouco numa tigela de cereal para Noodles. Então pressionei as têmporas com as mãos, contei até cinco e voltei para a sala. No segundo em que entrei, as três começaram todas a falar ao mesmo tempo de novo, mas eu agitei os braços doidamente, como se estivesse conduzindo a aterrissagem de um avião, até conseguir que todas parassem.

- Ouçam, eu quero ouvir todas, mas eu ainda nem sei o que a Liesel está fazendo aqui. Então é isso que eu quero ouvir primeiro.

- Ai, Flan, pensei que você nunca iria perguntar. Você vai gostar dessa.

- É uma história e tanto - disse Philippa, se forçando a engolir um bocado de cerveja.

- Vocês viram minha buzina de ar comprimido? É para defesa pessoal. - Sara-Beth pegou um megafone esquisito, minúsculo, atrás do sofá, e fez com ele um barulho ensurdecedor.

Quando todas conseguimos ouvir de novo, Liesel continuou com sua história.

- Veja, meus pais contrataram esse pintor muito chique, muito de vanguarda, Jean Bologne... você conhece as obras dele? ...para pintar um mural em toda nossa cobertura, exceto nas janelas, é claro, porque iria estragar nossa vista do parque. Eu era inteiramente a favor desse projetinho de incentivo às artes no início, mas assim que Jean começou a pintura, ele passou a fazer certas... insinuações. Coisas pequenas, a princípio: um novo frasco de L'Eau d'Oiseau apareceu em minha frásqueira, um estojo Limoges apareceu na minha bolsa, uma garrafa de champanhe chegou quando eu estava dando uma festa com amigos. - Ela se arrepiou. - Mas como se isso já não fosse esquisito o bastante, a coisa realmente começou a parecer assédio quando ele iniciou a pintura do mural em meu quarto. Parecia uma simples cena num bosque a princípio, mas então uma ninfa começou a emergir do mato. Uma ninfa do bosque, nua como no dia em que nasceu. Uma ninfa que se parecia... - e aqui uma expressão de incontido horror passou pelo seu rosto, e ela baixou a voz para um sussurro - ...muito comigo.

- Artistas - disse Philippa cinicamente, recostando-se e pondo os pés sobre a mesa de centro. Ela parecia pronta para dormir, e não tinha terminado nem sua primeira Pabst. - Acredite, já vi um monte deles. Minha família coleciona arte, sabe? E o pai do Mickey é escultor...

- Eu sei, querida - disse Liesel, dando tapinhas afetuosos no ombro de Philippa, como se as duas tivessem sobrevivido à mesma doença terrível ou coisa parecida. -

Sei como é. - Ela virou de volta para mim. - De modo que é claro que eu não podia continuar lá. E quando contei a Sara-Beth, ela disse que sabia que você ia querer que eu ficasse aqui, então. Claro que a princípio eu não acreditei, mas ela ficou falando sem parar o quanto você era generosa, e que você nunca ia me deixar na mão, então obrigada, Flan, muito obrigada mesmo.

- Bom... fico feliz que você tenha chegado bem até aqui - eu balbuciei.

Agora Sara-Beth estava convidando pessoas para ficar em minha casa?

- Agora você vai treinar comigo para a entrevista com o conselho, Flan? - SBB perguntou. Ela acenou para mim com um punhado de cartões na mão. - Estive fazendo estes cartões o dia todo.

- Olha, prometo que vou ajudá-la. Só me dê algumas horas para começar minhas próprias tarefas, certo? - Eu me senti realmente cansada de um momento para outro.

- O quê? - ela perguntou.

- Só um tempinho?

- Você disse *horas*? - Sara-Beth gritou estridente. Ela saiu furiosa na direção do armário da entrada. Pensei em ir atrás dela, mas daí pensei melhor e coloquei minha mochila nos ombros. Ao subir as escadas, entretanto, Liesel me chamou.

- Flan! Flan! Tem só mais uma coisinha.

- O quê?

- Faça-me um enorme favor e não diga a ninguém que eu estou aqui. Se meus pais descobrirem, eles irão mandar um carro me buscar num instante. - Liesel passou a mão por uma fileira de vestidos, toda satisfeita. - Mas se ninguém disser a eles, nem vão perceber que eu não estou lá.

- Tudo bem.

- Não diga a ninguém sobre mim também - Philippa acrescentou enquanto eu subia as escadas. - Eu não quero que meus pais... ou o Mickey, me encontrem - ela fez uma pausa. - Pelo menos não ao mesmo tempo.

Em cima, no meu quarto, eu olhei em volta. SBB tinha arrumado todas essas cabeças de isopor com suas perucas; suas faces vazias me observavam das estantes e eu me senti cercada. Larguei a mochila pesada na cama. Noodles, que tinha me seguido escada acima, pulava em volta dos meus tornozelos, e eu sentei e o deixei lambendo meu rosto. Não sabia exatamente por que estava me sentindo tão estressada, mas com certeza estava. Eu ficava tentando me lembrar que estava com três das garotas mais descoladas de Manhattan morando bem na minha casa, mas ainda assim algo me incomodava.

Era esquisito ter de manter todas as três em segredo, mas havia mais do que isso. Elas todas pareciam tão... tão carentes. O que era totalmente bizarro, do meu ponto de vista. Quem teria imaginado que eu teria Liesel Reid, Philippa Frady e Sara-Beth Benny me pedindo conselhos, quando eu ainda estava recebendo constrangidos beijos na orelha e sonhando com meninos do segundo ano? Essas garotas eram descoladas, bonitas e elegantes, com garotos *insider* maravilhosos doidos por elas, e eu era basicamente uma figurante - mesmo meu sobrenome sendo Flood. Para mim, era como uma dessas coisas de *Alice no País das Maravilhas* em que tudo ficava ao contrário. Eu prometi a mim mesma, ali naquele preciso instante, que iria ter a minha vida mais bem resolvida quando tivesse dezessete anos. De que adiantava ser fantástica e mais velha se você ainda não conseguia administrar a própria vida?

Eu coloquei Noodles no chão, abri o zíper da minha mochila e sentei à escrivaninha para começar minha tarefa de história americana. Mas bem quando eu estava absorta numa nova seção tratando das tribos iroquesas, ouvi o inconfundível barulho da buzina de ar comprimido de Sara-Beth, seguido por um estrondo.

Desci correndo a escada, meio que esperando ver Sara-Beth agarrada por um *paparazzo*. Mas em vez disso eu encontrei as três meninas de pé em volta dos cacos de um vaso de vidro. Não deu para acreditar. Meus pais tinham comprado na Finlândia, de algum artista vidraceiro maluco que tinha coisas no Met. Apesar de todas

as festas que meu irmão tinha dado, ele nunca, nenhuma vez, havia quebrado algo tão caro. Por outro lado, teve a vez em que Mickey entrou com a Vespa dentro de casa e queimou o tapete - e aquele incidente esquisito em que Amo ficou com a língua congelada presa num exemplar único de uma escultura de gelo realmente cara que o sr. Pardo fizera para meus pais, e tivemos de chamar os paramédicos para soltar. Ainda assim, não era o que eu queria encontrar quando cheguei no andar de baixo.

- O que aconteceu? - perguntei. Minha voz saiu mais como um guincho, mas as meninas ouviram muito bem.

- Sara-Beth... armário... buzina de ar comprimido... eu dei um pulo - Philippa balbuciou. - Achei que havia um incêndio ou algo assim.

- Liesel estava tentando me assustar! Ela estava fazendo barulhos de câmeras bem na frente da porta do armário.

- Eu não estava! Você já devia saber a esta altura, minha bolsa Hermès faz esse dique quando abre. - Liesel circundava Philippa. - Se você não estivesse bêbada, quero dizer, totalmente, você teria prestado atenção no que acontece à sua volta.

- Ah, é? - Philippa investiu contra Liesel. Sara-Beth as separou. Os braços magrelos dela eram surpreendentemente fortes.

- Esperem, esperem, esperem. - Balancei a cabeça com incredulidade. Essas meninas eram mais velhas do que eu? Estavam agindo como se estivessem no jardim da infância. - Ei, vocês, isso é uma loucura. Eu não estou brava com ninguém, certo? Obviamente, foi um acidente.

As três meninas me olharam desconfiadas.

- Você está falando sério? - disse Philippa. - Não está brava?

- Não. Quer dizer, vai ser difícil explicar isso para os meus pais... - Eu olhei para os cacos. - Mas eu sei que não foi culpa de ninguém.

- Então podemos ficar? - disse Liesel sem fôlego.

- Se vocês todas se desculparem - ofereci. - Não para mim, uma com a outra.

As três meninas baixaram os olhos para os pés.

- Desculpe - murmuraram em uníssono.

Liesel e eu limpamos o vidro quebrado enquanto Philippa jogava fora o resto da sua lata de Pabst e Sara-Beth se exilava no armário. Quando eu subi de novo, tudo estava realmente calmo, quase como se crianças pequenas estivessem dando um tempo. Por um lado, eu queria me parabenizar por ter evitado que elas se matassem uma à outra, mas, por outro, fiquei realmente preocupada. No que a minha casa estava se transformando? O Lar Flan Flood para Meninas Desajustadas?

Capítulo 15

FLAN FLOOD, MÃE ADOTIVA

Nos dias que se seguiram, as coisas continuaram a desmoronar na minha casa. Não estou falando exatamente em abajures quebrados, portas batidas saindo das dobradiças, ou marcas de dentes de cachorros aparecendo nos estofamentos de couro, embora tudo isso também tenha acontecido. Estou falando sobre SBB, Philippa e Liesel sistematicamente perdendo a cabeça.

Às vezes as meninas brigavam feito doidas, e às vezes elas se davam bem como as melhores amigas. Na sexta-feira, eu não sabia ao certo o que era pior. Era horrível tentar fazer as tarefas da escola com elas gritando e berrando umas com as outras, mas também era horrível ouvi-las vaiando as candidatas ao *America's Next Top Model*, gargalhando como mendigas doidas, e estourando rolhas de champanhe da adega de meus pais.

A casa estava ficando mais bagunçada a cada dia. Os biscoitos de arroz de Sara-Beth apareciam esmagados entre as almofadas do sofá de couro vermelho, o rímel de Philippa manchava todas as fronhas da casa, e as blusas impecavelmente dobradas de Liesel ficavam aparecendo em todas as prateleiras disponíveis, incluindo as da geladeira, já que ela não conseguia achar espaço suficiente nos armários.

Na quarta-feira, a única hora que eu conseguia relaxar era enquanto estava na escola, e mesmo então eu ficava distraída durante a aula, me perguntando qual seria o novo desastre à minha espera assim que entrasse pela minha porta da frente. Nenhuma delas parecia estar frequentando aula alguma, e às vezes eu me perguntava se eu veria um grupo de inspetores escolares as levando embora algemadas. Mas também eu ficava esquecendo que elas eram muito mais velhas do que eu. Quem sabe quando você está no último ano, e é famosa, ninguém a força a ir à escola.

Eu ainda tinha que acordar todas as manhãs e me arrastar para o primeiro horário de álgebra, embora, a despeito de tudo, aquela parte menos insana da minha vida parecia estar indo muito bem. Judith e Meredith estavam realmente ansiosas com a festa na sexta, e eu estava começando a ficar toda entusiasmada também. Primeiro iríamos nos encontrar na casa de Meredith por volta das sete, e então seguiríamos para a festa por volta das nove. (A festa na verdade começava às oito e meia da noite, mas Judith ficava repetindo as palavras "elegantemente atrasadas" como se tivesse descoberto o plutônio ou coisa parecida. Eu não me importava, todavia - não acho que eu tenha chegado na hora numa festa nem uma vez na vida.) Depois, iríamos para a casa de Judith, ficaríamos acordadas até tarde e assistiríamos a alguns filmes. Eu mal podia esperar. Não só eu ficar com minhas novas, e normais, amigas, mas poderia até ter a chance de uma noite de sono decente. Isso não era realmente possível na minha casa, com Noodles latindo e Sara-Beth apagando e acendendo as luzes a noite toda enquanto experimentava as minhas roupas.

Quando a tarde de sexta-feira chegou, eu queria apenas jogar algumas coisas numa sacola e sair de casa o mais rápido possível. Eu não queria contar a Liesel, Philippa ou SBB sobre a festa, mas acabou escapando de alguma forma, quando Sara-Beth deu comigo pondo a escova de dente no estojo plástico.

- O que você *quer dizer* com isso de ir numa festa? - ela quis saber, estendendo o braço atrás de mim para pegar seu pote de creme de noz-moscada para o corpo.

- Com o pessoal da escola. Olha, não fique tão brava. Eu não achei que você ia ficar interessada, só isso. - Eu peguei meu aparelho do armário do banheiro; ainda tenho de usá-lo de noite. - Quer dizer, não é grande coisa. Eu só estou indo no apartamento desse cara, e então vou dormir na casa de uma das minhas amigas.

Os olhos de SBB se arregalaram assustados.

- Você quer dizer que não vai *voltar* para casa esta noite?

- Bom, eu vou voltar amanhã cedo...

- Liesel! Philippa! - Sara-Beth berrou.

Assim que eu consegui fazer Sara-Beth parar de soluçar, entretanto, acabou que todas as três garotas estavam realmente interessadas na festa. Liesel não conseguia acreditar que ia ser no apartamento de alguém: "Eles não podiam reservar um lugar maior?" Philippa queria ir jurito, incógnita, para testar ir a uma festa diferente, *sans*¹⁶ Mickey.

- Vai ser mais o pessoal do segundo ano - eu expliquei. Ela passou os dedos pelos cabelos, que tinha pintado de preto para combinar com sua jaqueta nova de motociclista.

- Eu não iria me importar de ser a mulher mais velha para variar - ela disse.

SBB queria saber se ia ser como *Rock U*, a série derivada que uma de suas "irmãs" de *Mike's Princesses* tinha criado e não tinha durado muito.

- É uma cervejada? - ela perguntou. - Eu acho que eram do segundo ano naquela série.

- Segundo ano da *universidade* - eu expliquei. - Esse é o pessoal do meu colégio.

Depois de ter sobrevivido ao interrogatório - e convencido todas as três de que passariam melhor seu tempo ficando em casa do que vindo atrás de mim -, elas decidiram que o mínimo que podiam fazer era me ajudar a me vestir bem. Mas tampouco tenho certeza que elas estavam tão interessadas em me fazer ficar com uma aparência legal. Agora que o entusiasmo inicial de ouvir os meus planos tinha passado, as três pareciam bastante determinadas a me contar os problemas delas e obter meus conselhos. Para Liesel, seu antigo, superelegante namorado Amo estava de volta à ativa, e ela estava tentando decidir se eles podiam passar um fim de semana juntos em Acapulco sem ele ficar flertando o tempo todo com sirigaitas de fio dental. Philippa finalmente tinha cedido e ligado para Mickey, e, do jeito que estava falando sobre ele, parecia que estava pensando em convidá-lo a mudar para o sótão com ela, mesmo sendo o quarto de minha irmã February, e Feb estava para voltar a qualquer momento (eu ainda não tinha ficado sabendo no que dera aquele videoclipe dela). E Sara-Beth estava perdendo completamente a cabeça, porque o corretor de imóveis ainda não tinha achado outro prédio para ela. Era tudo muito intenso.

- Então eu disse, "Arno, querido, vamos voltar para a Riviera". E ele, claro, disse "mas é a Riviera... só que do México". Quer dizer, seja franca comigo, Flan. Você é boa em julgar o caráter das pessoas. Posso confiar nesse garoto para o que quer que seja?

- É inacreditável: fiquei esperando do lado do telefone a tarde toda. Será que terei que viver de mala em punho o resto da minha vida? Essas pessoas não sabem quem eu sou?

- É claro que ele já comprou as passagens, mas isso não é desculpa. Não há desculpa para se recusar a mudar seus planos.

- Seria legal morar junto com o Mickey; sabe, não da maneira pré-feminista de June Cleaver, mas tipo, só para passar um tempo com ele. Ficar longe de todo o drama de nossos pais, sabe? Você acha que estaria tudo bem se ele ficasse aqui só

¹⁶ Do francês, "sem" (N.E.).

uns dias, só para testarmos?

- Se eu não tivesse você, Flan, estaria perdida: jogada nas ruas. A menina dos fósforos. Você sabia que eu fiz o papel dela uma vez, num anúncio do Discover?

Continuou assim por cerca de uma hora. Em meio às suas longas queixas sobre tudo, as meninas brigaram por causa da maneira de como me vestir. Philippa queria que eu usasse um velho par de botas Doc Martens de minha irmã que iam até o joelho e uma camiseta de *kickboxing* enfeitada com imitações de diamante que eu tinha comprado numa loja no Soho mais como uma piada. Sara-Beth queria me deixar glamorosa num vestido sem mangas azul-pólvora - ela até ofereceu me emprestar algumas das joias que tinham lhe emprestado para usar no Oscar e que nunca devolvera - e Liesel achava que eu devia optar pelo clássico, com seu vestido branco Monique Lhuillier, que fazia parecer que eu estava tentando ser uma versão mais alta e peituda de Audrey Hepburn.

Todas essas me pareceram ideias terríveis, e no fim acabei pondo esse vestido frente-única que eu vinha usando o verão todo. Era rosa com coraçõezinhos brancos estampados, e era feito de um tecido parecido com o de camisetas, de modo que eu ficava bem, mas não psicoticamente superelegante.

Quando eu saí do quarto com ele, no entanto, as minhas três hóspedes olharam para mim como se eu tivesse acabado de matar alguém.

- Você está se submetendo totalmente a uma noção antiquada de feminilidade - disse Philippa.

- Seus sapatos não combinam com a sua bolsa - disse Liesel.

- Ah, Flan - disse Sara-Beth, - Você está tão... discreta.

- OK - eu disse. Acho que é melhor eu ir.

As meninas continuaram lá, no entanto, bem no meio do corredor. Como um muro.

- Com licença - eu disse, forçando minha passagem.

- Divirta-se - Philippa gritou atrás de mim quando comecei a descer a escada.

- Obrigada. - Ela soou tão triste que não consegui deixar de me sentir mal quanto a deixá-las assim. Eu me virei. -Desculpem por não ter contado a vocês sobre a festa antes. Talvez da próxima vez eu consiga que vocês também sejam convidadas.

- Ora, vamos, Flan, sabemos que você está totalmente envergonhada de nós.

- Philippa sorriu sombriamente. -Sério, não se preocupe com isso. Divirta-se muito.

Eu ajeitei minha sacola no ombro.

- O que vocês garotas vão fazer enquanto eu não estiver?

- Ah, você sabe. Velhas solteironas tediosas sozinhas em casa numa sexta-feira à noite - Liesel disse, fazendo um gesto vago. - Vamos achar um jeito de nos entretermos.

- Ã-rrã - eu disse ao sair da casa e trancar a porta atrás de mim. Mas enquanto andava até a esquina para chamar um táxi, não pude deixar de me perguntar o que exatamente iria acontecer enquanto estivesse fora. Conhecia Philippa, SBB e Liesel bem o bastante para saber que elas não iam passar a noite jogando banco imobiliário e comendo pipoca. Eu só esperava que a casa ainda estivesse inteira quando eu voltasse.

Capítulo 16

DE UM HOSPÍCIO A OUTRO

Quando estava chegando à casa de Meredith, eu comecei a ficar entusiasmada com a festa de novo. Há algo de muito legal e emocionante em pegar um táxi sozinha e ficar olhando todas as ruas passando, sabendo que você pode descer a qualquer momento ou continuar o quanto quiser, sabendo que ninguém vai te parar ou dizer a você o que fazer. Me senti mal a princípio por ter deixado Liesel, Philippa e SBB sozinhas e sair, mas, enquanto o táxi seguia adiante, me ocorreu que eu realmente não precisava me sentir muito culpada. Afinal, o que Philippa dissera refletia a verdade: se elas viessem comigo, iria ser o fim do segredo que queriam manter. Além disso, não era como se SBB me convidasse para as sessões de fotos dela. Todo mundo mantém partes de sua vida separadas às vezes. Não fazia de mim uma falsa ou má amiga - ao menos, era no que eu queria acreditar.

Seja como for, o caso é que, quando saí do táxi e levei minha sacola até a porta de Meredith, meu coração estava mais leve e eu estava até começando a sorrir um pouco. Talvez aquela noite afinal não acabasse sendo um total desastre. O porteiro abriu a porta para mim e até me cumprimentou levantando de leve o quepe quando entrei. Adoro quando eles fazem isso.

Meredith morava num prédio mais antigo, com um elevador pequeno e barulhento que parecia levar uma eternidade para ir do térreo ao segundo andar, onde ficava o apartamento dela. Quando as portas do elevador abriram, respirei fundo e entrei no corredor. Era agora: o começo de minha primeira grande noite como uma aluna normal do colegial. Ajeitando o cabelo atrás das orelhas, fui pelo corredor até o apartamento 2B e bati na porta.

Meredith e Judith já estavam lá e vieram atender a porta juntas.

- Oh, meu Deus, você está tão bonita - disse Meredith, ficando de lado para eu poder entrar. - Deixe-me pegar a sua bolsa.

- Ah, não, não precisa - eu disse sem graça enquanto ela tirava a bolsa das minhas mãos e seguia pelo corredor. Judith olhou para o alto.

- Meredith é a anfitriã perfeita - ela disse. - Acredite em mim, não há como fazê-la parar.

Mesmo que Judith estivesse sendo sarcástica, era realmente quase a verdade. O apartamento de Meredith era meio minúsculo, mas de um jeito adorável, aconchegante, e dava para ver que ela fizera preparativos para nos receber. Na sala de estar, que tinha paredes laranja, fazendo-a parecer ensolarada mesmo estando escuro lá fora, ela pusera um lanche completo - biscoitos caseiros, batatinhas fritas, *hummus* e pão sírio - ocupando a mesa de dentro, e no canto da sala uma máquina de fazer sorvete zumbia enquanto batia seu conteúdo. Eu subitamente me dei conta de que estava morrendo de fome - eu não tinha comido nada desde o iogurte que tomara de almoço na cantina naquele dia.

- Meredith, está tudo muito legal - eu falei para ela no corredor. - Você não precisava ter tido todo esse trabalho.

- Ah, não foi trabalho nenhum. Fizemos juntas - disse uma gentil senhora vindo do que supus que fosse a cozinha com um pano de prato. Ela tinha cabelos grisalhos curtos e usava óculos, e estava com esse vestido realmente legal, turquesa com

botões amarelos enormes que dava para ver que ela mesma fizera. - Sou a avó de Meredith. Você pode me chamar de Amélia.

- Prazer em conhecê-la - eu disse, apertando sua mão. O jeito de seus olhos se enrugarem quando ela sorria me fez lembrar da sra. Papai Noel.

- A mãe de Meredith está fazendo controle de estoque na loja, mas imagino que você irá conhecê-la mais tarde quando vierem pegar suas coisas.

- Eu moro no mesmo quarto - Judith explicou, instalando-se confortavelmente no sofá, que era de veludo vermelho com uma aparência clássica -, então achei que você e Meredith poderiam deixar seus sacos de dormir e o resto aqui até depois da festa. Então voltamos para cá e pegamos as coisas.

- É tão legal vocês morarem tão perto uma da outra - eu disse, sentindo ciúmes. O quanto não seria legal ficar indo até lá o tempo todo! O lugar cheirava inteiro a biscoitos caseiros.

Sentei no sofá com Judith. Após alguns minutos, Meredith voltou e ficamos as três ali sentadas, devorando *hummus* e falando sobre nossas aulas juntas na escola. Era tão bom simplesmente estar com pessoas que não estavam o tempo todo tendo colapsos nervosos e dependendo totalmente de mim para dar um jeito nas coisas. Meredith fez uma ótima imitação de seu professor de inglês, e eu e Judith gargalhamos. Então contei a elas sobre meu professor de história, que era meio que obcecado pelo assassinato de Kennedy, e elas acharam isso muito engraçado também. Então o assunto da conversa mudou para meninos.

- Essa foi quase tão engraçada quanto a história de Meredith - Judith disse quando parou de rir. Ela comeu uma batata. - Você devia contá-la a Bennett.

- Bom, ele está no segundo ano. Provavelmente já conhece o prof. Martin.

- Meu Deus, Flan, o Bennett é tão lindo. - Meredith foi até a máquina de sorvete e começou encher tigelas para cada uma de nós. Eu vi que era menta com gotas de chocolate, o meu favorito. - É incrível que ele goste tanto de você.

- É, bom, talvez ele não goste *tanto* assim.

- Que nada! Quer saber? Aposto que na festa hoje à noite ele não vai conversar com nenhuma outra menina - disse Meredith.

- O que você vai fazer se ele pedir para você namorar com ele? - Judith perguntou.

Eu fiquei constrangida por alguma razão, e demorei um longo minuto para engolir minha primeira colherada de sorvete.

- Duvido que isso vá acontecer. Quero dizer, ele praticamente acabou de me conhecer.

- Eu acho que só parece que não vai acontecer simplesmente porque ainda não aconteceu. - Meredith se deixou cair de novo no sofá. - Mas aposto que todas teremos namorados algum dia.

- Eu fiquei com um cara uma vez - disse Judith. - Bom, quer dizer, não literalmente. Ele era filho de uns amigos dos meus pais e estudava num colégio interno em New Hampshire. Mas nos correspondemos por um tempo. Então, quer dizer, não acho assim totalmente sem esperanças.

- Eu lembro dele - Meredith sorriu. - Ele mandou aquela pulseira pelo correio para você, com um pelicano de pingente.

Eu pensei em Jonathan, meu ex, e decidi abrir o jogo. Esse era um segredo que não precisava manter, afinal.

- Eu meio que já fiquei com um menino, no nono ano.

- É mesmo? - Judith e Meredith perguntaram ao mesmo tempo.

Era agora: eu tinha de contar a elas tudo sobre ele - como nos conhecemos, como costumávamos ficar em meu quarto durante as festas malucas do Patch, como ele costumava me levar aos clubes e elogiar meus sapatos. Caso contrário, eu estaria sendo desonesta de verdade, e por nenhuma outra razão além do medo do que elas poderiam pensar. Mas com as duas me olhando tão ávidas como estavam, eu

simplesmente não consegui. Então, em vez de contar, baixei os olhos para minha colher.

- Ele era legal, mas nunca passamos muito tempo juntos. Ele curti mais ficar com os amigos.

- Mas como era, mesmo assim? -Judith insistiu, apoiando os cotovelos na mesa de centro - Vocês ficavam de mãos dadas e coisas assim? Ou o que mais faziam era ficar conversando pelo telefone?

- Você alguma vez dançou com ele ? - perguntou Meredith, mordendo um palito de cenoura.

Tentei pensar numa boa história.

- Bom, teve uma vez, no Lotus...

- Espere aí, Lotus? -Judith se recostou e me esquadrinhou. - Você quer dizer aquele clube no Village? Aquele que é, tipo, impossível de entrar?

Eu dei de ombros.

- Não é impossível. Ele era... - Eu queria explicar sobre os *Insiders*, como eles têm passe livre para praticamente qualquer lugar na cidade, mas tudo pareceu tão complicado de repente, e eu sabia no fundo que Meredith e Judith simplesmente não iam entender. - Sabe, ele era mais velho.

As duas arregalaram os olhos para mim, meio que assombradas e pasmas ao mesmo tempo, como se eu tivesse acabado de confessar que era a Mulher-Gato ou algo assim.

- Uau - disse Meredith.

Após um silêncio embaraçoso, decidimos que, mesmo se fôssemos chegar elegantemente atrasadas, já estava mais do que na hora de nos arrumarmos. De modo que fomos as três para o quarto de Meredith para colocar acessórios e arrumar uma o cabelo da outra.

O quarto de Meredith era realmente minúsculo - um *closet*, praticamente - mas era supercolorido, com cortinas verdes brilhantes de um tecido parecido com *chiffon* pendendo em volta da cama e um monte de pinturas que ela mesma fizera nas paredes. Num canto do quarto havia uma pequena escrivaninha amarela, e junto com todos os livros e papéis que ela usava para a escola estava um suéter nas cores do arco-íris que ela estava fazendo de crochê.

Ela também tinha toneladas de acessórios: colares de contas enormes, pulseiras de berloques tilintantes, echarpes de seda estampadas em batique, e cintos de couro fininhos. Eu decidi usar apenas um colar que ela fizera com um monte de botões antigos, mas Judith acabou pondo um monte de echarpes e pulseiras que fez suas roupas simples, jeans e blusa regata, parecerem bem mais exóticas, quase como uma dançarina do ventre ou algo assim. Então Judith maquiou Meredith de um jeito que destacava seus olhos e maçãs do rosto, sem parecer nem um pouco falso ou exagerado. Era incrível o jeito que Meredith e Judith complementavam uma a outra; me deixou um pouco ciumenta, até. Eu tivera um monte de melhores amigas, mas nunca uma que realçasse todas as minhas melhores qualidades daquele jeito. Talvez se eu viesse a conhecê-las melhor, pensei, elas acabariam tendo o mesmo efeito em mim.

Meredith trocou de roupa umas cinco vezes até decidir por um elegante vestido de alças confeccionado com retalhos por ela e a mãe durante o verão. Então estávamos as três prontas para ir. Dissemos adeus à avó de Meredith, saímos para a rua na direção da esquina, e eu desci da calçada para fazer sinal para outro táxi.

Capítulo 17

ELA GIRA E GIRA...

- *A* gente podia muito bem ir de metrô, sabe - Judith disse quando um táxi amarelo parou na nossa frente. - Seria provavelmente mais barato.

- Não, somos três. De modo que dá na mesma, praticamente - disse Meredith, abrindo a porta. - Flan está certa: faz mais sentido.

Entrei atrás de Meredith. Judith veio em seguida e disse o endereço ao motorista, e logo estávamos indo para a festa. Olhei o meu relógio: 20:15. Nada de elegantemente atrasadas, então. Teríamos sorte se não chegássemos cedo demais.

- Espero que Jules esteja lá - Meredith suspirou, olhando pela janela do táxi. - Ele é bonitinho.

- Não tanto quanto Eric - Judith opinou.

- Pensei que você o achava um esnobe - eu disse.

- É, mas sendo bonito do jeito que ele é, quem se importa? E depois não é que eu vá ficar prestando muita atenção ao que ele diz, de qualquer forma.

- Bom, Jules gosta de animais. Lembra da história que ele contou sobre o cachorro dele? Eu acho que é uma qualidade bonitinha num cara.

- Escute, vai haver um milhão de garotos nessa festa mais bonitos que Jules. Tenho certeza que ao menos um deles vai ter um esquilo-da-mongólia ou algo assim. - Judith jogou os cabelos para trás.

Eu ri e Meredith revirou os olhos e voltou a olhar pela janela.

Embora fosse Bennett quem tinha nos convidado para a festa, não era ele quem estava dando a festa. Era, na verdade, um outro cara do segundo ano, Devon, que morava num prédio alto em Chelsea. Chelsea é uma parte estranha da cidade, especialmente de noite, e especialmente em tomo do Flower District, A Sexta Avenida é OK, mas todas as ruazinhas laterais têm essas lojas de atacado esquisitas com óculos de sol da moda e fivelas de cintos e esses brinquedinhos de pilha malucos que acendem luzes e tocam música desafinada quando você aperta um botão. Depois das seis da tarde, esses lugares fecham e a sensação que dá é que você está andando por uma cidade fantasma feita de portas de ferro e cadeados. Além disso, a maioria dos restaurantes fecha cedo porque são freqüentados sobretudo na hora do almoço por quem trabalha nos escritórios da região. Às vezes você passa por uma sorveteria ou uma pizzeria abertas, mas não com muita frequência.

De modo que, quando descemos do táxi em frente ao prédio desse Devon, tudo estava deserto e um pouco assustador, e Meredith, Judith e eu decidimos que se danasse aquilo de chegar elegantemente atrasadas, e entramos no prédio.

Era realmente bonito dentro e muito mais acolhedor do que a rua vazia. O *hall* era enorme, com uma cascata artificial numa das paredes e montes de espelhos nas outras. Havia um porteiro na entrada e bem no meio do *hall* uma mesa enorme com outro porteiro sentado. Dissemos a ele quem éramos e ele nos indicou o elevador.

Subimos, dando risadinhas sobre nada em particular e nos sentindo um pouco nervosas. Ao menos eu estava. Mesmo que eu tivesse ido a um milhão de festas do colegial com meu irmão e os amigos dele, essa ainda era a primeira festa do colegial que era inteiramente só minha, sem a companhia deles, e eu não queria estragar tudo. Além disso, ir a uma festa com Meredith e Judith era realmente diferente de estar com

SBB ou Liesel, ou mesmo Jonathan. Nenhuma de nós iria conhecer muita gente lá e, contra todas as probabilidades, parecia que eu era a menos tímida das três.

Quando as portas do elevador se abriram, no entanto, de uma coisa eu tive certeza: ao menos não tínhamos chegado cedo demais. Dava para ouvir já no *hall* pessoas falando e rindo e o último álbum do AFI tocando no aparelho de som. Eu fui até a porta e, respirando fundo, bati.

- Está aberta! - várias vozes gritaram lá de dentro.

Entramos. Apesar de todo o barulho que ouvimos no corredor, as coisas estavam bastante calmas lá dentro. Um grupo de garotos estava espalhado em sofás ou almofadas no chão, bebendo ponche e conversando entre si. Jules estava encostado num balcão, numa conversa séria com um cara de cabelos compridos usando sandálias Birckenstock e bermuda cargo, de modo que nem pareceu nos notar. Havia uma bandeja de plástico com legumes e um patê, algumas bexigas e pratinhos de papel com figuras de bolos neles. Eu não tinha me dado conta de que era o aniversário de Devon, mas por sorte ninguém parecia ter trazido presentes, afinal.

Além disso, pelo que dava para ver, ele não precisava de nenhum. A TV de tela grande era acoplada a todas as espécies de sistemas de *video games* conhecidos pelo homem, muito mais do que tínhamos em casa, e uma pilha de DVDs, com cara de adolescente, estavam no chão na frente dela: *Escola do Rock*, *X-Men 2*, *The Girl Next door*. Eu não conseguia imaginar como alguém poderia querer assistir a filmes naquele apartamento, todavia: duas paredes eram só de janelas, e a vista era fantástica.

Dois garotos estavam jogando pingue-pongue numa mesa instalada num canto. Um deles era o Bennett. Quando ele nos viu, largou a raquete na mesa e começou a dizer oi, mas seu oponente, esse cara alto e magro com uma camiseta de *animé*, tinha acabado de sacar, e a bolinha de plástico acertou Bennett na orelha. O que era aquela coisa dele com orelhas?

- Oi - disse Bennett, tentando agir como se nada tivesse acontecido. - Flan, que bom que você veio.

- Também acho - eu disse, me sentindo meio xarope e feliz ao mesmo tempo.

- Vocês querem jogar em duplas? - perguntou o garoto do *animé*, dando uma olhada de relance para mim e Meredith.

- Ei, aonde Judith foi? - Eu olhei em volta e a vi. Ela estava de pé constrangida atrás do sofá, esperando que Eric a notasse. Infelizmente, ele estava ensanduichado por duas belas garotas do segundo ano e não parecia estar notando nada mais em volta, e Judith era muito tímida para falar com ele. Ela estava olhando para as unhas como se não houvesse o dia de amanhã.

Antes que Meredith e eu nos víssemos forçadas a uma partida de pingue-pongue - em que, aliás, eu sou péssima -, esse fulano com os cabelos clareados pelo sol que eu supus que fosse Devon se levantou e bateu com uma faca em sua garrafa de vidro de coca-cola para fazer um anúncio.

- Então, pessoal - ele disse. - Sei que isso pode parecer um tanto imaturo para alguns de vocês...

Algumas pessoas gemeram, como se soubessem o que estava por vir.

- Mas é uma tradição nos meus aniversários, então relaxem e engulam seu orgulho. - Devon bebeu o resto de sua coca num gole só e, empurrando para os lados os petiscos e pratos de papel, colocou a garrafa deitada de lado no meio da mesa de centro.

- Devon, esse é o único jeito em que você consegue ser beijado por meninas? - perguntou uma das garotas atraentes no sofá.

- Ei, eu simplesmente me apego ao que dá certo. Todo mundo em volta da mesa. Vamos, vamos. Quem quer ser o primeiro?

Quando todo mundo formou um círculo, Meredith e eu acabamos indo parar bem junto da mesa de centro onde a garrafa estava. Meredith cochichou toda nervosa: "Ai meu Deus".

- Eu vou ser o primeiro - disse o sujeito de bermuda cargo que estava falando com Jules antes. - E não preciso de truques para conseguir ser beijado.

Algumas garotas deram risadinhas, mas ele não me pareceu tão mal assim; até que bonitinho, de um jeito cara-tocando-violão-num-banco-no-parque. Mesmo assim, cruzei os dedos para que a garrafa não parasse apontando para mim. Eu não queria acabar beijando um cara qualquer que nem conhecia quando ainda não tinha nem beijado o Bennett direito.

Por sorte, não tive de fazer isso. A primeira vez que o cara de cabelos compridos girou a garrafa, ela parou na direção de Devon, que protestou espalhafatosamente que não valia. Da segunda vez, acabou apontando para uma menina bonita de cabelos pretos do outro lado da mesa de centro que parecia tão tímida quanto eu, Meredith e Judith. Todo mundo deu vivas, no entanto, e mesmo ficando vermelha, ela pareceu estar gostando de toda a atenção.

O cara de cabelos compridos foi até ela, e antes até de ela levantar, deu nela um longo, amigável beijo na boca. Não foi nada como nos filmes, já que os lábios deles apenas se tocaram de leve e os dois viraram a cabeça na mesma direção, de modo que os seus narizes colidiram. Mas foi realmente doce, de um jeito esquisito. Quando eles pararam, várias pessoas aplaudiram e gritaram, enquanto o cara de cabelos compridos voltava para seu lugar na sala.

Durante toda a comoção, Judith abriu caminho e sentou à minha esquerda, ensanduichada entre Meredith e eu. Eu sorri para ela, e ela teve uma espécie de arrepio "não é emocionante?". Nós três demos risadinhas e cutucamos umas as outras nas costelas, quando aconteceu algo que eu realmente não esperava. Da mesa de pingue-pongue, Bennett gritou:

- Eu vou ser o próximo!

Meu primeiro pensamento foi: *ah, não, ele vai acabar beijando outra menina*. Mas então Bennett deu um olhar significativo por cima do ombro para mim ao vir para a mesa de centro. Repentinamente, meu coração estava na minha garganta e eu senti as palmas de minhas mãos ficarem úmidas de suor. Bennett estendeu a mão e girou a garrafa de coca bem devagar, como se ele estivesse tentando fazer com que parasse em certa direção, e por cima de todas as risadas e gritos eu senti que podia ouvir os lados da garrafa de vidro raspando cada veio da madeira do tampo da mesa. Prendi a respiração.

A garrafa parou, apontando entre mim e essa menina ruiva com uma camisa polo Lacoste à minha direita.

- Ela ou eu, Bennett? - ela provocou, equilibrada no braço de uma poltrona - Você decide.

- Eu acho que está apontando mais para ela - ele disse, olhando direto para mim. Então ele veio até mim, segurou meus ombros, e me beijou com muita deliberação. Bem... na... boca.

Ele sussurrou alguma coisa em meu ouvido ao recuar, mas eu mal consegui ouvir em meio a todo o barulho que todos os outros estavam fazendo - batendo palmas, gritando e dando vivas. Olhei em volta e vi Meredith e Judith batendo na mesa de centro e berrando: "Aí, Flan!". Eu não poderia me sentir mais feliz. Dessa vez, tinha sido um beijo de verdade, legítimo: nada de orelhas envolvidas, e tampouco tinha sido um acidente.

Capítulo 18

MINHA VIDA É O MÁXIMO

Quando a brincadeira de girar a garrafa terminou, acabamos sentando num canto da sala, em algumas almofadas que as pessoas tinham tirado do sofá. Não lembro sobre o que conversamos; e eu estava me sentindo zozza, e acho que a maior parte do tempo nós só falamos bobagens. Notei, então, pela primeira vez a risada de Bennett, o jeito charmoso que ele quase fungava no final, mas talvez eu estivesse apenas começando a gostar de tudo nele: seus cabelos loiros, seu dente lascado, a maneira que ele tocava meu braço enquanto falava comigo.

Bennett parecia ser alguém que poderia ser um namorado de verdade, o tipo de cara que vem estudar junto e carrega seus livros no corredor, o tipo de cara que traz lírios quando você está doente e lembra do aniversário de um mês. Eu conseguia nos ver construindo um boneco de neve gigante e nos dando as mãos enluvadas. Ele era meio desajeitado, e mesmo depois de nosso primeiro grande beijo ele ainda parecia querer me impressionar - em algum momento em meio a meu deslumbramento de felicidade lembro dele contando uma história sem pé nem cabeça sobre como ele talvez conseguiria entrevistar o candidato a governador pelo Partido Verde para o jornal da escola - mas eu não me importava. Ele era um adolescente normal, desajeitado e inexperiente, e era disso que eu gostava nele.

Todo o meu relacionamento com Jonathan ficava parecendo algodão-doce, em comparação: brilhante e açucarado, mas no fim das contas completamente sem substância. Pensei em nosso rompimento, em como eu dissera a Jonathan que estava cansada de estar sempre tentando ir aos clubes mais na moda e impressionar as pessoas mais descoladas. E como ele dissera que não conseguia imaginar sua vida sem isso tudo. Tinha me feito chorar na época, mas quando Bennett me beijou uma segunda vez, no rosto, era como se Jonathan nunca tivesse existido. O resto da festa também praticamente desapareceu. O mesmo ocorreu com Liesel, Philippa, SBB e a bagunça que elas estavam aprontando em minha casa. Por esses poucos momentos, eu estava totalmente contente.

Naquela noite, dormimos na casa de Judith, e passamos quase a noite toda acordadas recapitulando todas as coisas legais que tinham acontecido: o beijo, as fofocas, tudo. Foi totalmente demais, e tudo terminou com a gente tendo um desses ataques de risada coletivos às três da madrugada em que você quase arrebenta as costelas de tanto gargalhar.

Na manhã seguinte, a mãe de Judith nos fez rabanada com geleia de framboesa e suco de laranja espremida na hora, e ficamos por lá até mais ou menos o meio-dia. A mãe de Judith também era bem legal. Era uma boa cozinheira, e tranquila o bastante para basicamente nos ignorar enquanto conversávamos. Ela leu devagar a parte de artes do *Times* enquanto tomava o café da manhã, e então nos perguntou sobre a escola antes de sair para correr. Judith contou que ela já tinha sido instrutora de ioga, antes do escritório de advocacia de seu pai se firmar de fato, e dava para perceber totalmente isso. Ela tinha aquele tipo zen de tranquilidade. Eu me dei conta de que um pouco daquilo poderia me ser útil. Meu celular vibrou algumas vezes, mas eu sabia sem olhar que era SBB e me forcei a não me preocupar. Logo mais eu estaria em casa.

Quando finalmente entrei em minha casa por volta da uma da tarde, as minhas três hóspedes estavam na sala de estar a minha espera. Eu fiquei pasma. Até aquele momento, eu tinha estado toda feliz e exausta, mas elas estavam com expressões tão sombrias e acusatórias em seus rostos que a culpa me atingiu como numa onda.

- Onde você estava? Eu liguei para você a manhã toda! - SBB apontou uma mancha no braço dela. - Fiquei tão preocupada que estou ficando com uma reação alérgica!

- Conte-nos sobre seus novos amigos - disse Philippa, soando um pouco ciumenta.

- Foi fabuloso, querida? - Liesel bocejou, fingindo não se importar.

Naquele momento, basicamente tudo o que eu queria fazer era me jogar no sofá e ficar devaneando o dia todo sobre Bennett. Mas, mesmo querendo manter aquela sensação de felicidade só para mim mais um pouquinho, percebi que tinha obrigação de ao menos contar para Liesel, Philippa e Sara-Beth o que acontecera.

- Foi ótimo - eu disse, afundando numa poltrona.

Contei tudo a elas, sem omitir nada: sobre a avó de Meredith e seus biscoitos... o beijo... ficar com Bennett na festa... dormir na casa de Judith e rir a noite toda. A princípio, parecia que não havia como minha pequena aventura simplória significasse alguma coisa para três das mais legais e populares garotas mais velhas da cidade, mas enquanto eu contava, nem mesmo Liesel conseguiu esconder o fato de estar intrigada. Eu devo ter falado por quase uma hora antes de finalmente sentir minhas pálpebras caindo de sono.

- Meu Deus, pessoal - eu disse, me espreguiçando. - Acho que realmente preciso de uma soneca ou coisa parecida. Estou exausta.

Liesel me trouxe um copo de suco de laranja e se instalou no sofá.

- Coração, você nunca para de me surpreender - ela disse. - Quem iria imaginar que festas do colegial podiam ser tão *kitsch* e divertidas?

- Bennett parece adorável. - Philippa enrolou uma mecha recém-pintada de preto em tomo de um dedo. - Então, ele realmente gosta de você, sabe?

- Eu nunca fui a uma festa de verdade do colegial - Sara-Beth confessou. - Foi algo que tentei trabalhar com os pais de David na terapia.

- Você acha que realmente conseguirá que a gente seja convidada para uma delas? Para a próxima, quer dizer? - Philippa perguntou.

Eu me senti desconfortável. Precisava *mesmo* parar de fazer promessas que eram tão difíceis de cumprir. Mas o que eu podia dizer?

- Claro. Ao menos, posso tentar. Vai depender de quem a estiver dando, coisas assim.

- Claro - Philippa assentiu.

- Não queremos que seja embaraçoso para você, querida - Liesel disse com um suspiro.

- Não, quero dizer, não vai ser - bem então, tive uma ideia. - Sabem de uma coisa? Mesmo se não houver outra festa com o pessoal da escola, a gente podia ter uma festa nossa, só para nós quatro. Como ir dormir juntas na casa de uma de nós.

Sara-Beth bateu palmas deliciada.

- Mesmo, Flan? Como no começo do verão?

- Claro. Pode ser na sexta-feira. - Eu sorri. - Estive deixando vocês de lado um tanto demais. Desculpem.

O resto da tarde eu passei em meu quarto, alternadamente tirando sonecas e fazendo minhas tarefas de escola. Alguns dias atrás, ou mesmo horas, eu não teria acreditado nisso, mas na verdade parecia que eu estava equilibrando as minhas duas vidas realmente bem. Tinha saído com Meredith e Judith, havia estruturado algo de real com Bennett, e ainda tinha sido basicamente uma boa amiga para minhas colegas foragidas em casa. Senti-me fantástica, confiante - como quem podia conquistar o mundo. Devia ter sabido que era bom demais para durar para sempre.

Capítulo 19

DE VOLTA À ESCOLA, TROCANDO IMPRESSÕES

Na segunda-feira, eu acabei sentando entre Meredith e Judith nessa assembleia besta da escola que aconteceu de tarde. Não consigo lembrar qual era o assunto - algo relacionado aos alunos terem um papel mais ativo na reciclagem, ou algum outro assunto, ainda mais chato -, mas realmente não importa, porque nós três nos entretemos o tempo todo passando bilhetes uma para a outra nas margens de meu caderno de química. Era como a noite que dormimos na casa de Judith se repetindo: ficávamos rindo sem parar. Por sorte, estávamos sentadas bem atrás no auditório, caso contrário teríamos definitivamente nos encrocado; mas, do jeito que foi, apenas a sra. Frisk, uma das bibliotecárias, ficou se virando e fazendo cara feia para nós, e fora isso, estávamos à vontade.

Flan, você viu o Bennett hoje?, Judith escreveu. *Fiquei sabendo que ele procurou você antes de as aulas começarem.*

Droga, respondi por escrito, *eu estava secando meu cabelo e cheguei super atrasada. Ah, bom, ao menos ele não me viu com o cabelo de quem acabou de acordar.*

Ainda não!, Meredith escreveu, dando uma risadinha.

Cutuquei-a com o cotovelo. E quanto a você? Alguma fofoca legal sobre garotos?

Praticamente o único cara que vi hoje foi o diretor Leland, Judith escreveu, virando os olhos para o palco, onde o diretor Leland estava no púlpito, falando num microfone e suando com as luzes. Ele é esse fulano baixinho, ficando careca, que usa gravatas-borboleta e cardigãs de lã com pedaços de couro nos cotovelos, e mesmo que eu ache que ele é boa gente, a maioria dos alunos da Stuyvesant acha ele irritante como o diabo. *Deus, não seria ótimo se ele fosse tão bonito como aquele cara de The United States of Leland? Ou, melhor ainda, Leland Brinker?*

Leland Brinker é tããão lindo. Meredith sublinhou a palavra tão cerca de um milhão de vezes. *Faria qualquer coisa para vê-lo no palco.*

Ele saiu com Sara-Beth por um tempo, eu escrevi, decidindo arriscar. Afinal, saiu em todas as revistas de fofocas de qualquer jeito. *Ele até esteve naquela famosa festa Survivor que ela deu. Faziam um belo casal.*

Sei, sem essa! Judith desenhou um rosto bravo ao lado das palavras. *SBB tem uma aparência tão assustadora! Alguém devia fazer ela comer um hambúrguer ou coisa parecida. Ela está se matando de fome.*

Talvez esteja usando cocaína, Meredith acrescentou. *Acaba com a fome e explica algumas das roupas malucas que ela usa.*

Leland Brinker com certeza podia ter escolhido alguém melhor. Que perua! Judith rabiscou uma caricatura de uma menina de pauzinhos usando enormes óculos de sol e agitando o sutiã de um biquíni no ar. Meredith começou a rir histericamente. Mas eu apenas fiquei olhando para o meu colo enquanto meu estômago se contorcia de culpa.

Meredith e Judith não eram garotas más - nunca diriam coisas assim de alguém que conheciam. Mas celebridades simplesmente não eram reais para elas. Eu estava começando a entender por que SBB achava a maioria das pessoas no "mundo

real" tão assustadoras: elas não a tratavam como uma pessoa. Mas eu não sabia como dizer a Meredith e Judith por que as palavras delas me incomodavam tanto sem entregar nada sobre Sara-Beth estar morando comigo.

Eu acho, comecei a escrever, ainda tentando descobrir como, exatamente. Mas, antes que pudesse terminar meu pensamento, uma mão veio do nada e fechou o caderno. Olhei para cima. Era a sra. Frisk; Meredith estava rindo tanto que a velha bibliotecária acabara se levantando e viera lá para trás para ver o que estava acontecendo.

- Meninas - ela sussurrou brava -, isto é uma assembleia sobre reciclagem de isopor, não um evento social. Se eu as vir escrevendo recados de novo, vou confiscar e mandar as três para detenção depois das aulas - ela se virou nos saltos, voltou várias fileiras e sentou-se de novo.

Meredith, Judith e eu nos entreolhamos.

- Grrr... -Judith murmurou, fazendo um gesto de morder. Eu sorri, mas ainda estava me sentindo mal sobre o que estávamos escrevendo.

Então praticamente calamos a boca pelo resto da assembleia; a sra. Frisk podia ser velha e pretensiosa, mas isso não era motivo para ficar de detenção. Ficamos mais ou menos quietas enquanto o diretor Leland fez uma apresentação em PowerPoint sobre as novas latas de lixo azuis que eles estavam colocando pela escola. Depois do que pareceu ser três horas, finalmente acabou.

Em princípio deveríamos sair do auditório fileira por fileira, mas todo mundo estava tão desesperado para sair dali que acabou sendo um atropelo só. Meredith, Judith e eu meio que nos perdemos uma das outras no corredor, e eu estava me sentindo realmente claustrofóbica - até perceber que o menino que estava parado ao meu lado era ninguém menos que Bennett Keating.

- Flan! - Ele parecia não poder estar mais feliz de me encontrar. Os cabelos dele estavam desgrenhados e adoráveis, e ele estava usando aquela jaqueta cáqui que fazia seus ombros parecerem ainda mais largos e fortes do que normalmente - Eu estive procurando por você hoje cedo!

- É mesmo? - Eu corei. - Bem, é bom ver você também.

- É. Então, ouça, foi tão legal a festa do Devon que eu estava pensando em dar uma no apartamento de meu pai neste fim de semana. Ele não vai estar lá sexta à noite. Você acha que vai poder ir?

- Claro - eu disse, mas por dentro comecei a me contorcer um pouco. Aquela era a noite em que eu supostamente ia ficar com as meninas em casa. - Só que, você acha que estaria tudo bem se eu levasse...

- Ah, claro, Meredith e Judith também estão convidadas. Onde elas foram? Acabei de ver as duas.

Olhei em volta.

- Bom, digo a elas de qualquer forma.

- Legal. Talvez a gente se encontre na cantina no almoço - Bennett pegou minha mão e a apertou, e então sumiu na multidão, o que me deixou me sentindo zonda e maravilhosa, mas com apenas uma questão muito incômoda em minha cabeça: como eu iria explicar mais essa para SBB, Philippa e Liesel?

Capítulo 20

VOCÊ NÃO MARCA OUTRO COMPROMISSO SE TEM UM COM LIESEL REID

Minha solução temporária não em grande coisa, eu simplesmente não contei nada a elas. Foi mais fácil do que parecia, porque naquela semana as três estavam pirando, especialmente SBB, cujo corretor marcara outra entrevista com o conselho de um prédio no fim da tarde de sexta-feira. Sara-Beth não queria que nada desse errado dessa vez, de modo que ela estava em seu modo máximo de *fuga-de-paparazzi*. Ela estava até usando seus enormes óculos escuros dentro de casa.

No começo da semana, eu consegui enganar a mim mesma, achando que as meninas tinham esquecido completamente nossos planos de termos uma noite só para nós na sexta-feira. Mas então na quinta, quando estávamos todas sentadas em volta da mesa de centro nos servindo da comida tailandesa que tínhamos pedido para o jantar, Philippa disse as palavras que eu tanto temia:

- Então, andei pensando na nossa grande noite amanhã. Vamos alugar uns filmes, ou algo assim..?

- Nem me fale em nada que tenha a ver com Hollywood. - Sara-Beth deu uma mordidinha no macarrão de seu *pad thai*. - Eles a mastigam e depois cospem. É assim que o negócio funciona.

- Um dos meus amigos do Cube trabalha para o Sundance Channel - Liesel ofereceu. - Ele pode nos arranjar alguns filmes que ainda não foram lançados. Ou a gente podia fazer as unhas umas das outras. Tem essa loja maravilhosa que acabou de abrir, e eles vendem as cores mais exóticas...

- Queremos a sua opinião, Flan. - Philippa virou-se para mim. - Você é a especialista em dormir na casa das amigas. O que você acha que seria o mais divertido?

Eu engoli um bocado do meu *curry* verde, mas não desceu nada fácil.

- Olhem - eu disse -, vocês acham que poderíamos deixar isso de ficarmos juntas essa noite para outro dia? Tipo... sábado?

As três olharam para mim como se eu tivesse acabado de cair do teto. Eu me encolhi sobre minha comida e continuei.

- Quer dizer, é só que... Eu tenho essa outra coisa que fiquei de fazer.

Silêncio total. Liesel foi a primeira a falar e, quando o fez, soou horrorizada, como se aquilo fosse um pesadelo ainda pior do que fosse capaz de imaginar.

- Você... marcou dois compromissos na mesma noite? - ela sussurrou. - Você marcou outro compromisso... além do nosso?

- Não era a minha intenção - eu disse, me sentindo péssima. - Quer dizer, não era, de verdade mesmo. Mas aí, no outro dia, Bennett disse que ia ter outra festa...

- Outra festa? - Sara-Beth berrou. - Mas, Flan, você prometeu que ia nos levar na vez seguinte!

- Eu sei... mas... eu não queria contar para vocês porque, bom, porque... - Eu precisava pensar rápido, mas eu só ficava imaginando Meredith e Judith e o quanto elas ficariam chocadas se eu aparecesse na festa com três meninas mais velhas que elas nunca tinham visto antes ou mesmo ouvido falar, incluindo SBB. - Porque eu sei que você tem essa entrevista na sexta-feira. E se der tudo certo, e então é só você virar as costas e tirar sua fotografia saindo na mesma noite? Você iria perder o

apartamento, e só por causa de uma festa boba da Stuyvesant? Não acho que valha a pena.

Sara-Beth ainda parecia magoada. Ela cruzou os braços.

- Mas isso, no entanto, não é razão para nós não podermos ir - disse Philippa. - Liesel e eu, quero dizer.

- É, mas não sei. Não vai ser nada de muito legal. Quero dizer, eles podem querer fazer aquela brincadeira de girar a garrafa, mas é o começo da temporada de gripe, sabe. Então aposto que vão ser outras coisas... como Yahtzee¹⁷. - Tentei pensar na coisa mais boba que conseguia imaginar. - E acho que o Bennett disse que vamos brincar de mímica. É, mímica de montes.

- Se a festa é assim tão ruim, por que você vai? - Sara-Beth não esperou a minha resposta. Levantou-se e foi para a escada.

- Sara-Beth - eu chamei. Philippa e Liesel se entreolharam. Dava para ver que elas estavam totalmente decepcionadas comigo.

- Bom, eu suponho que a gente possa se divertir sozinha - Liesel disse para mim, com total frieza.

- É. Além disso, não podemos deixar a Sara-Beth trancada em casa sozinha - disse Philippa incisivamente. - Não seria nem um pouco legal.

Eu realmente nunca havia me sentido pior; quer dizer, até subir a escada e encontrar Sara-Beth encolhida em minha cama, agarrada a meu ursinho de pelúcia e se debulhando em lágrimas. Noodles cutucou o pescoço dela com o focinho, e então ofegou e pareceu preocupado. Naquele momento, eu teria trocado de lugar com qualquer pessoa no mundo com a maior satisfação. Mas, como não tinha essa opção, fui até cama e me sentei na borda até Sara-Beth finalmente rolar e olhar para mim com enormes olhos vermelhos me acusando.

- Desculpe - eu disse. - Não era minha intenção que você se sentisse excluída. SBB soluçou.

- Eu não a odeio, Flan. Não pense isso. Só não entendo como você pode ser tão cruel comigo.

- Sara-Beth, isso realmente não é justo. Eu não estou fazendo isso para te magoar. Eu te levaria comigo se pudesse - naquele momento, era mesmo quase verdade. Eu teria feito qualquer coisa para fazer com que ela parasse de chorar. Eu puxei Noodles para o meu colo, e ele começou a lamber minhas mãos. - Mas você mesma disse isso, que não podia ficar indo em festas. Os *paparazzi* iriam encontrá-la, e então você nunca vai conseguir um apartamento. É uma droga, mas fazer o quê, é como as coisas são, não?

- Você simplesmente não entende. - Ela chorou. - Eu daria qualquer coisa para ser normal. Igual a você.

Eu fiquei perplexa. Eu, normal?

- O que você quer dizer?

- Eu não posso fazer amigos. Estou sempre me escondendo, e agora você está fugindo de mim! Eu vou acabar completamente sozinha, bem como aquela velha cigana ruim disse! - Ela limpou o nariz na colcha da minha cama. - Ah, Flan, não seria perfeito se fôssemos irmãs? Então uma poderia arrumar o cabelo da outra... e ficar acordada a noite inteira conversando... e ir na formatura uma da outra... e fazer todas as coisas maravilhosas que irmãs fazem!

- Mas nós podemos fazer isso tudo agora - eu disse. Um pouco mais calmo agora, Noodles pulou do meu colo para o chão. - Ficamos a noite inteira acordadas conversando, tipo, três dias atrás.

- Ah, Flanny, você realmente acha isso? - Subitamente, Sara-Beth se animou.

¹⁷ Jogo de dados popular nos EUA (N.E.).

Olhou fixamente para mim. - Você não está só dizendo isso por dizer?

- Hmm... dizendo o quê?

- Você realmente pensa em mim como uma irmã agora?

- Sara Beth, você tem algum irmão ou irmã?

- Bom, no *Mike's Princesses*...

- Não, quero dizer irmão ou irmã de verdade. Que sejam realmente seus parentes.

Ela balançou a cabeça.

Eu me levantei e peguei uma caixa de Kleenex em minha penteadeira.

- Bom, eu acho que talvez seja por isso que você tem essa... ideia esquisita de como é ter irmãos. Quero dizer, não é assim como se irmãs fossem as melhores amigas o tempo todo.

- Não são?

- Não. A minha irmã February é seis anos mais velha do que eu. Quando a gente estava crescendo, nós raramente brincávamos juntas. - Entreguei a ela a caixa de lenços de papel. - Às vezes ela me vestia e punha maquiagem em mim como se eu fosse uma boneca, mas era tudo. A maior parte do tempo eu só fazia coisas estúpidas, tipo babar pela blusa nova dela ou quebrar o batom dela, e ela gritava comigo.

- Mas nós não iríamos ser desse jeito. Você mal tem três anos a menos do que eu? E você não baba mais. Ao menos acho que não.

- É, mas ainda assim a gente iria brigar. A razão para que sejamos tão boas amigas é que temos, sei lá, um pouco de distância uma da outra. Tipo, você pode ir embora quando quiser. Nós nunca nos sentimos presas juntas. Se você tivesse estado em alguma das férias em família que tive quando criança, quando ficávamos no veleiro de meus pais por, tipo, quatro semanas direto, pode apostar que nós íamos começar a ficar aborrecidas uma com a outra. Talvez até seriamente aborrecidas.

Sara-Beth ficou em silêncio. Ela cutucou a franha pensativa.

- Nunca pensei nisso desse jeito.

- Mas é totalmente verdade. Eu acho que as melhores amigas são pessoas que passam um monte de tempo juntas, mas então ficam separadas também. Isso ajuda a fazer com que o tempo que passem juntas seja mais especial.

Sara-Beth assentiu.

- Flan? - ela perguntou por fim. - Você realmente acha que nós somos melhores amigas agora?

- Claro que sim - eu disse, e no minuto em que as palavras saíram da minha boca, eu percebi que elas eram verdadeiras. - Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa, Sara-Beth.

- E você realmente acha que precisamos de... espaço... para continuarmos sendo melhores amigas?

- Não sei ao certo. É só algo para pensar - me inclinando para fazer carinho em Noodles, dei um olhar de relance para Sara-Beth. Não dava para saber se minhas palavras realmente tinham significado alguma coisa para ela, mas dava para ver que ela não tinha totalmente me ignorado. Ela estava com uma expressão séria, mas não estava chorando ou algo assim, e isso pareceu um bom sinal.

- Olhe, se você realmente quiser que eu fique em casa amanhã à noite, eu ficarei. Nunca imaginei que eu sair ia chatear tanto todo mundo.

Sara-Beth assoou o nariz ruidosamente.

- Não. Você tem que ir, Flan. Você está certa: não quero fazer com que você se sinta presa.

- Você tem certeza que está tudo bem?

- Sim. Mas com uma condição: quero saber todos os detalhes.

- Claro! - Me aproximei para dar um abraço em SBB. Foi meio constrangedor, mas foi legal. Ainda assim, aquele completo desastre tinha me ensinado uma lição: eu precisava ter muito, muito mais cuidado com os sentimentos de minhas amigas.

Capítulo 21

TOTALMENTE DESMASCARADA

Na sexta-feira, fomos direto para o apartamento de Meredith depois da escola para nos aprontarmos para a festa. Ela, Judith e eu estávamos realmente empolgadas - duas festas em duas semanas! Vestimo-nos sem demora - eu peguei emprestada uma minissaia de brim com um aplique rosa de contas da Meredith - e então fomos comer uma pizza e depois para o apartamento de Bennett, que ficava no Upper West Side.

Eu nunca tinha ido ao prédio dele antes, de modo que estava morrendo de curiosidade de ver onde ele morava. a Upper West Side é legal, mas pode ser meio chato às vezes, com bistrôs franceses mixurucos a cada dois quarteirões e um monte de gente velha empurrando aqueles carrinhos esquisitos de compras que usam para o supermercado ou os remédios ou o que for. Mas os *bagels* são bons e há algumas livrarias bem legais lá, então eu não me importava muito.

Bennett morava perto do Riverside Park, e seu prédio meio que parecia um bolo: era branco, alto e quadrado, com enfeites complicados no topo. Entramos, pegamos o elevador até o sexto andar, e fomos para o apartamento.

- Oi, vocês chegaram! - disse Bennett, abrindo a porta para nós. Ele me deu um grande abraço, e eu sorri. Aquela ia ser a melhor festa de todas.

Até então, não havia ainda muita gente; talvez uns dez alunos do segundo ano, incluindo Jules e Eric, estavam espalhados pela sala de estar, bebendo ponche em copos plásticos e ouvindo um álbum do All-American Rejects. Dois meninos estavam na frente da TV jogando um *video game* dos *X-men*. a apartamento em si era legal - revestimento de madeira escura nas paredes, e uma vista do Riverside Park -mas parecia ter sido decorado por alguém com luvas de boxe e uma venda nos olhos. Um sofá avulso, um par de pufes tipo saco e uma mesa de centro com rodas de carroça eram toda a mobília da sala, e um pôster do filme *Los Angeles - Cidade proibida* se destacava na parede.

- Então, você mora aqui com o seu pai? - eu perguntei a Bennett enquanto olhava em volta.

Ele deu de ombros.

- É, mais nos fins de semana. O resto do tempo moro com a minha mãe. Ela mora no centro, mas lá eu nunca poderia dar uma festa. Ela repara em qualquer coisinha que seja que fique fora do lugar.

Meredith e Judith foram pegar ponche, e eu sentei com Bennett no sofá. Encostei no ombro dele. Quanto mais ficava no apartamento, menos sua falta de gosto me incomodava.

- Como você tem andado? - ele perguntou. - Parece que. mal tivemos chance de conversar a semana toda.

- Tudo bem. Só um tanto estressada boa parte do tempo - parecia realmente errado, de certo modo, que ele estivesse me mostrando a casa dele e eu ainda não dissesse a ele praticamente nada sobre a minha vida, mas eu não sabia nem mesmo por onde começar. - É só que fazem drama demais na minha casa, sabe?

- É? Cara, você devia ver meus pais quando estão brigando. É um pesadelo - Bennett balançou a cabeça. - Se eles não tivessem se divorciado, eu realmente acho que teriam explodido meus tímpanos a esta altura.

- Bom, estou contente de estar aqui agora.

Ele sorriu, mostrando seu dente lascado.

- Eu também.

O tempo todo em que Bennett e eu estivemos sentados conversando no canto, a sala foi se enchendo de gente. Aparentemente alguns dos mais velhos acabaram mesmo chegando elegantemente atrasados afinal. Estava começando a ficar um pouco agitado, e definitivamente quente e barulhento, com a música em alto volume e as pessoas dançando, ou meio que ficando de pé juntas em grupos, movendo os ombros no ritmo da música, como se fossem espertas demais para dançar. Eu me dei conta de que fazia algum tempo que não via Judith e Meredith, e mesmo eu querendo muito ficar ali conversando com Bennett, percebi que elas poderiam sentir que eu as tinha abandonado por um menino se não fosse atrás delas logo. E isso seria péssimo.

- Onde você acha que elas foram? - Bennett perguntou quando começamos a procurar por elas.

- Não faço ideia. - Fiquei na ponta dos pés, mas mesmo eu sendo meio que alta, era difícil ver qualquer coisa numa sala tão cheia de gente. - Vamos olhar na cozinha? Talvez elas tenham ido se servir de mais ponche.

- Vamos nos dar as mãos - Bennet tossiu. - Quer dizer, assim a gente não se perde um do outro.

- OK. - Peguei a mão dele. Poderia essa noite ficar ainda melhor?

Depois de uns tantos empurrões, finalmente chegamos a um espaço na sala onde podíamos respirar sem esbarrar em alguém. Fiquei de novo na ponta dos pés para olhar em volta.

- Lá estão elas - eu disse, puxando a mão de Bennett. Meredith e Judith estavam perto da entrada da cozinha, segurando copos de ponche e olhando em volta. Elas pareciam ter levado empurrões na festa também: Meredith estava com uma meia desfiada, e Judith havia derramado ponche em sua blusa. - Devíamos ir até elas.

- Parece que elas estão vindo para cá - Bennett apontou com a mão livre. Meredith tinha nos visto e estava acenando, como se nós aparecermos fosse a melhor coisa que acontecera a elas durante a noite toda.

Bem naquele momento, alguém me deu um tapinha no ombro. E não era um de meus amigos.

- Oi, eu conheço você - disse o cara. Ele estava usando uma camiseta branca com calças de terno Hugo Boss e sandálias de dedo. Os cabelos estavam puxados para trás e sua pele estava bem rosada, como se tivesse acabado de fazer uma limpeza de pele. Bennett olhou para mim interrogativamente, mas eu não sabia o que dizer. O cara me era meio familiar, mas eu na realidade não o reconheci.

- Desculpe, você deve ter me confundido com outra pessoa - eu disse.

- Não, tenho certeza. Cara, por que não consigo lembrar?

- Oi, Bennett - disse Judith, avançando em meio ao monte de gente. - Ótima festa. Oi, Flan.

- Flan! - o cara de Hugo Boss bateu palmas como se tivesse acabado de descobrir um novo planeta ou algo assim - Flan Flood! É claro. Você é a irmã menor do Patch Flood.

- Ah. Sim, eu acho, hm... - Bennett e eu ainda estávamos de mãos dadas, mas as palmas estavam ficando suadas. Dei um olhar de relance a Judith e Meredith. As duas pareciam realmente curiosas.

- Você não se lembra de mim? A gente se conheceu naquele clube, como chama mesmo? Lotus. Você estava lá com seu irmão e aquele tal de Jonathan, e David e Mickey Pardo ficaram jogando bolo em algumas das outras pessoas que estavam comigo e a coisa virou meio que um tumulto. Meu nome é Harrison Grand Williams Terceiro.

Então eu lembrei. Aquela noite no Lotus tinha sido o meu aniversário de quatorze anos, e alguns de nós tínhamos ido lá porque a minha festa de verdade tinha virado uma confusão. Harrison viera para nossa mesa para falar com meu irmão, que ele alegava conhecer da escola, e tinha sido totalmente um chato, fofocando sobre pessoas ao acaso e tentando agir como se ele fosse um dos amigos do meu irmão, os *Insiders*, o que ele não era nem de longe. SBB também tinha comparecido naquela noite - tinha sido ela quem havia conseguido que eu entrasse no clube -, mas aparentemente estava muito bem disfarçada, porque, se Harrison a tivesse reconhecido, ele estaria totalmente babando sobre ela também.

- Ah, sim - eu disse. Naquele momento eu estava começando a desejar que eu estivesse com um disfarce. - Harrison.

- Como vai o Patch? Ainda dando aquelas festas de arrasar? A última foi um tumulto. Quando aquele *stripteaser* profissional apareceu e começou um rap, achei que ia morrer de tanto rir.

Meredith, Judith e Bennett agora estavam todos *realmente* me olhando fixo. Eu me senti como se estivesse no palco e não soubesse minhas falas.

- Eu não estive nessa - menti.

- Ora, vamos. Tenho *certeza* de que você estava. Você não lembra? Ou talvez eu esteja pensando naquela outra festa, a de dezesseis anos de Liesel Reid. Tenho certeza de que vi você nessa. Sabe, a que teve champanhe rosa? E Mickey Pardo roubou um cavalo? Sei que você estava nessa, porque lembro de alguém dizendo: "Ei, ali está a irmã menor de Patch Flood, e quem é a menina que está com ela? É a Sara-Beth Benny?"

A sala inteira tinha ficado mais silenciosa àquela altura, e a voz de Harrison ficado mais alta; com a menção do nome de SBB, várias pessoas se viraram para nos olhar. Eu queria ser tragada pelo chão. Aquela festa tinha saído em todas as colunas de fofocas da cidade.

- Diria que essa festa está um pouco calma para os seus padrões, não? - Harrison olhou em volta avaliando a cena - Quem é que está dando esta coisa?

- Hm - eu disse.

Meredith e Judith estavam me encarando como se eu tivesse acabado de confirmar as piores suspeitas delas. E então a mão de Bennett escorregou da minha. Ele estava com o rosto totalmente vermelho.

- Bennett, espere! - eu gritei.

Mas ele estava abrindo espaço em meio à multidão, para longe de mim.

Capítulo 22

EU FICO NA GELADEIRA

A volta de táxi para casa foi silenciosa e tensa. Eu estava sentada no meio, com Meredith e Judith de cada lado, e as duas ficaram olhando para fora pela janela o tempo inteiro. Acho que nunca me senti tão ignorada em toda a minha vida. Era para irmos para a casa de Judith dormir lá de novo, mas no meio do caminho, eu disse ao motorista para deixar as duas lá e então me levar para a Perry Street. As meninas não fizeram objeção.

- Olhem - eu disse, depois de um silêncio muito, muito longo. - Eu realmente peço desculpas.

- Eu simplesmente não entendo, Flan - disse Judith. Lá fora, lojas fechadas passavam rapidamente. - Quem é você, de verdade? Achei que fôssemos amigas.

- Nós *somos* amigas, Judith.

- Então por que você não nos contou nada disso? -Meredith perguntou. - Quero dizer, suas festas, seu irmão... que, aliás, é totalmente famoso: todo mundo em nossa escola anterior costumava ler aquele *blog* anônimo que contava tudo o que ele fazia. É como se você nos estivesse escondendo de todas as pessoas legais em sua vida.

- Eu não estou escondendo, meninas - eu disse. - É só que...

- Então explique por que você não nos convidou para ir na sua casa - Judith se virou de novo para a janela, irritada.

Meu celular fez o sonzinho musical que avisa que recebi uma mensagem de texto. Eu o abri e achei a mais longa mensagem de texto que já tinha recebido:

AI MEU DEUS FLAN O CONSELHO E TOTALMENTE
PSICOPATA TENTARAM FUCAR NA MINHA VIDA PESSOAL
MAS EU NAO ADMITI ISSO E CLARO E ELES ENTRARAM
EM SURTO E ME DISSERAM QUE SE EU NAO PARASSE DE
SOLUCAR ELES IAM CHAMAR UMA AMBULANCIA E EU
FIQUEI SE EU QUIZER SOLUCAR EU SOLUCO SOU UMA
GRANDE ESTRELA E COMO VOCE PODE ME ABANDONAR
NA HORA EM QUE MAIS PRECISAVA DE VOCE FLAN EU
ACHO QUE VOU FICAR NA SUA CASA MAIS ALGUNS DIAS
MAS AO MESMO TEMPO VOCE NAO FEZ NADA PARA
IMPEDIR QUE ISSO ACONTECESSE VOCE NEM MESMO
VEIO PARA CASA DEPOIS DA ESCOLA HOJE E EU PRECISAVA
QUE VOCE ENSAIASSE COMIGO E ME AJUDASSE A ME
PREPARAR E ESCOLHER AS ROUPAS PARA EU USAR E
VOCE TAMBEM TINHA DITO QUE IA ESCREVER UMA
RECOMENDACAO PARA MIM O QUE VOCE JAMAIS FEZ
MAS EM TODO CASO EU SO ACHEI QUE VOCE PRECISAVA
SABER QUE MICKEY E PHILIPPA TRANSFORMARAM O
SOTAO DE SUA IRMA NUM PEQUENO NINHO DE AMOR E
SEMPRE QUE ELES DESCEM A ESCADA ESTAO DISCUTINDO

OU FALANDO LINGUAGEM DE BEBE NOJENTA E SEMPRE COM O PDA E EU FIQUEI TODA ARRANJEM UM QUARTO E ELES DISSERAM QUEJA TINHAM UM ANDAR INTEIRO E AI EU DISSE ARRANJEM UM QUARTO FORA DA MINHA CASA SEUS DOIS HORROROSOS E AI ELES DISSERAM QUE ESSA NAO E A MINHA CASA E ENQUANTO ISSO A LIESEL ESTA SENDO HORRIVEL TAMBEM E ESTA USADO UM FONE DE OUVIDO AGORA PORQUE ESTA SEMPRE FALANDO NO TELEFONE E NOODLES MASTIGOU OS SAPATOS DELA E ENTAO CLARO ELA TEVE UM ATAQUE TOTAL E EU DISSE A ELA QUE SE ELA NAO CONSEGUE LIDAR COM A SITUAÇÃO ELA DEVIA IR EMBORA TAMBEM E ENTAO ELA

Parei de ler e fechei o meu telefone. Era mesmo inquietante pensar em SBB chorando e digitando no teclado minúsculo do celular dela do outro lado da cidade, e eu simplesmente não tinha como lidar com aquilo naquele momento. Não conseguia resolver nem mesmo meus próprios problemas, quanto mais os dela.

- É só que as coisas estão realmente complicadas agora. - Eu olhei para Meredith, mas ela desviou o olhar. - Vocês precisam acreditar em mim. Não é que tenha vergonha de vocês, meninas.

- Posso apostar - Judith bufou.

Meu telefone fez outro barulhinho e em vez de ser mais sensata eu o abri de novo.

FLAN VOCE PRECISA VIR PARA CASA AGORA MESMO
SBB ESTA REALMENTE FORA DE CONTROLE E ELA ESTA
AMEAÇANDO MICKEY COM A BUZINA DE AR

- Quem fica mandando mensagens de texto para você? -Judith quis saber.

- Essa minha velha amiga que está toda atrapalhada. Mas, ouçam, não vou lidar com isso agora. Não importa.

- Está vendo? Isso é um exemplo perfeito do que eu estou falando. O que está acontecendo com você *importa* sim. Mas você não nos conta nada; você não deixa a gente conhecer nenhum dos seus outros amigos, ou nos convida a nenhuma de suas festas. Você claramente tem vergonha de nós, e eu não vou tolerar isso nem mais um pouco. Não vou.

- Não sei por que vocês estão tão bravas. Não é que nada disso seja *top secret* ou algo assim. Se vocês tivessem me perguntado, eu não iria mentir. Não é preciso ser um gênio para reconhecer meu sobrenome.

- É, sei, mas de algum jeito eu imaginei que se você tivesse um irmão, especialmente se esse irmão é basicamente famoso por se lixar para o título de Garoto Mais Atraente das Escolas Particulares, você já o teria apresentado para nós! - Judith estava ficando realmente brava; uma mecha de cabelo se soltara e ela ficava assoprando para sair de frente de seus olhos.

- Ouçam - eu disse -, meu irmão é só um pedacinho mínimo da minha vida, de modo que não vejo por que teria de ficar falando o tempo todo sobre ele. Mas mesmo que não o tenha mencionado de propósito, isso não quer dizer que eu não goste de vocês. Estou aqui, não estou? Por que andaria com vocês se fico tão envergonhada de ser amiga de vocês?

- Ah, não sei. Talvez para contar a seus amiguinhos celebridades sobre nós para ficarem todos rindo o dia inteiro. Quer dizer, provavelmente você está rindo de

nós agora mesmo! Como somos lamentáveis, indo embora de uma festa sem nem ter sido beijadas.

- Ou conversado com um garoto, praticamente - Meredith murmurou melancólica.

Eu balancei a cabeça.

- Vocês entenderam tudo errado. A maior parte do tempo tudo o que faço é ficar em casa vendo filmes sozinha. A única razão pelo qual conheço todas essas pessoas que Harrison mencionou é o meu irmão. Patch que é o cara descolado, não eu. E mesmo se eu fosse, eu jamais riria de vocês, nem em um milhão de anos. Vocês foram muito mais legais comigo na Stuyvesant do que qualquer outra pessoa.

Judith e Meredith trocaram olhares de dúvida. Depois de um longo intervalo, Meredith falou.

- Eu realmente gosto de você, Flan - ela disse em voz baixa. - É só que nossa escola anterior estava cheia de, bom, víboras. Eram legais com você pela frente, mas no minuto que você dava as costas elas a traíam. Era horrível. Judith e eu éramos as únicas que podíamos confiar uma na outra, porque éramos amigas desde sempre. Nós discutimos o caso e decidimos que precisávamos mudar. Então fomos para a Stuyvesant para ficar longe daquilo tudo.

Judith assentiu.

- A menos que você possa nos mostrar que não tem duas caras, não poderemos continuar a andar com você. Estou cansada de me sentir estúpida o tempo todo. É sério.

O táxi chegou à rua delas, e Meredith e Judith desceram, me deixando totalmente sozinha no banco de trás. O trânsito tinha ficado lento, cada semáforo ficava vermelho, e foi uma longa, longa viagem de volta para Perry Street. Eu me sentia completamente infeliz, e parecia que não havia como aquela noite poderia ficar pior.

Capítulo 23

TOTALMENTE DESMASCARADA... DE NOVO

Quando o táxi parou na frente da minha casa, eu vi Mickey se preparando para ir embora em sua Vespa. Eu abri a porta para acenar para ele, mas antes que eu conseguisse ter sua atenção, ele já tinha ligado o motor e saído rua afora. Ele com certeza estava com pressa de cair fora do que quer que estivesse acontecendo em minha casa. Eu respirei fundo, paguei o motorista e entrei.

Sabia que ia ser ruim, mas nada poderia ter me preparado para o que vi. Havia almofadas do sofá espalhadas pelo chão, algumas com buracos, como sobras de uma briga de travesseiros particularmente violenta, e alguém esmagara biscoitos de arroz no tapete com a sola do sapato. Noodles aparentemente tinha esquecido qualquer treinamento de higiene que havia aprendido em seu lar anterior, porque tinha feito cocô por toda a parte. Vestidos de grife estavam sobre os móveis, como lençóis de fantasma amassados, e garrafas vazias de refrigerante, de vinho e frascos de comprimidos dos mais variados remédios que SBB tomava estavam por todo o chão, jogados. E isso era só a sala de estar! Não queria nem imaginar o que poderia encontrar lá em cima. Nunca, nem mesmo depois de uma das festas doidas de Patch, eu tinha visto o lugar num estado tão deplorável.

Eu não sabia o que fazer. Meu primeiro pensamento foi ligar para meus pais e confessar tudo. "Ei, eu sei que era para eu estar começando o colegial e me concentrando em estudar, mas, adivinhem só, convidei três das minhas amigas para morar comigo, e elas destruíram tudo." Mas algo me deteve: talvez a possibilidade (improvável) de que meus pais iriam entrar em surto, correr para casa, e dar uma bronca em mim - ou talvez a possibilidade (mais provável) de que eles ficariam bravos, mas diriam que era minha responsabilidade e deixariam para que eu resolvesse por conta própria de qualquer jeito. Então fiquei com o celular no bolso. E em vez disso tirei os sapatos e berrei:

- Philippa? Liesel? Sara-Beth? Vocês estão em algum lugar por aí?

Elas apareceram, as três juntas, no alto da escada. Não pareciam felizes, mas pelo menos não estavam berrando ou arrancando os olhos umas das outras, de modo que achei que era um bom sinal.

- O que aconteceu? - perguntei, apontando a bagunça enorme - Isto aqui está parecendo um tumulto em um concerto de *rock* ou algo assim. Isso não é legal, meninas, sério. Sinto muito por tê-las deixado sozinhas, mas eu tive uma noite realmente difícil.

Mas nenhuma delas disse o que quer que fosse. Elas apenas ficaram me encarando, e comecei a entender por que elas não estavam mais brigando entre si. Estavam unidas agora. Contra mim.

- Escutem - eu continuei -, realmente sinto muito. Eu abandonei vocês para ir nessa festa. Acreditem em mim, gostaria de ter ficado em casa. Foi horrível. De agora em diante, eu prometo que não vou sair sem convidá-las, meninas. Foi mau e estúpido e errado da minha parte. OK? Realmente sinto muito. MUITÍSSIMO mesmo. O que mais vocês querem que eu diga?

Philippa mostrou meu caderno de química.

- Talvez você possa explicar isto.

Por um segundo, eu fiquei sem saber do que ela estava falando. Então me dei conta de que ela o estava segurando aberto na página em que Judith, Meredith e eu tínhamos usado para trocar recados durante a assembleia da escola. E bem no meio da página estava o desenho de boneco de pauzinho que Judith fizera de SBB tirando a roupa.

- Como você pôde dizer essas coisas sobre mim, Flan? - choramingou Sara-Beth. - Achei que fôssemos amigas.

- Uma coisa é... marcar outro compromisso no mesmo dia do que tinha com a gente - Liesel disse -, mas outra coisa é se voltar contra alguém que confia em você.

- Mas, esperem, não fui eu que escrevi essas coisas, Judith...

- Isso, ponha a culpa em alguma outra pessoa - Philippa disse com desdém. - É tão maduro.

- Mas eu realmente não...

- Sei quando não sou bem-vinda - Sara-Beth enxugou os olhos. - Hoje à noite você pode dormir tranquila sabendo que nunca mais vai me ver. Não me importa que eu esteja sem casa', não vou ficar nem mais uma hora nesta casa horrível, horrível!

- Sara-Beth, espere! - Mas, antes que eu pudesse pôr de novo meus sapatos, ela havia descido correndo a escada, passando por mim e saindo pela porta da frente lá fora na rua. Eu fui atrás dela na calçada, mas ela já estava desaparecendo dentro de um táxi. - Espere! - eu berrei. Mas ela nem sequer me deu adeus.

Agora eu estava me sentindo realmente mal. Voltei para a casa. Liesel e Philippa estavam sentadas no sofá, com os braços cruzados, suas expressões tão implacáveis como um par de juízes. Eu não olhei para elas enquanto corria escada acima para o meu quarto, onde entrei e tranquei a porta.

Assim que desabei na minha cama, Noodles apareceu vindo de debaixo dela. Ele pulou para o meu lado e começou a lambear meu rosto. Mas, por mais bonitinho que fosse, até ele me deixava triste, porque me lembrou de Liesel e Sara-Beth e o quanto tínhamos nos divertido juntas naquela noite no Cube quando eu o ganhei. Abracei o cachorrinho e comecei a chorar. Todo mundo me odiava: minhas amigas de casa, minhas amigas da escola, o menino de quem eu gostava - todo o mundo. Eu tinha humilhado Bennett em sua própria casa, tinha feito Judith e Meredith deixarem de confiar em mim e, o pior de tudo, SBB achava que eu a tinha chamado de prostituta anoréxica. Eu era horrível e feia e estúpida, e queria morrer.

Depois de várias horas chorando e me odiando, finalmente acabei dormindo. A noite toda fiquei tendo uma série de sonhos aterrorizantes, cheios de gente berrando comigo e me sentenciando à prisão. Mas quando acordei na manhã seguinte, as vozes que ouvi na vida real eram ainda mais aterrorizantes. Pertenciam a meus pais, e estavam vindo do andar de baixo.

Capítulo 24

UM TEMPO BOM COM OS PAIS

Eu me vesti apressadamente, e então me esgueirei pela escada, tentando fazer o mínimo de barulho possível; talvez eu conseguisse escapar de casa antes que os fogos de artifício comessem. Meus pais ficam fora de monte, é verdade, mas quando meu pai volta de viagem ele às vezes fica inesperadamente severo e espera que tudo esteja de um certo modo, como se estivesse procurando compensar o tempo todo que ficávamos completamente sem supervisão alguma. Patch, Feb e eu diríamos, "que seja, quando vocês estavam no Sudeste Asiático a gente fez o que quis e tudo ficou legal". E às vezes há uma discussão, mas minha mãe detesta brigas, então as coisas se resolvem bem rápido. Daquela vez, no entanto, eu sabia que nem ela iria ficar do meu lado - e eu não queria descobrir o que iria acontecer então.

Quando cheguei ao fim da escada, entretanto, não pude acreditar em meus olhos. A sala de estar estava imaculada. Todas as almofadas estavam de volta no sofá, tinham passado aspirador no chão, os quadros não estavam mais tortos nas paredes, a lâmpada na luminária tinha sido substituída. Alguém até se dera ao trabalho de limpar a tela da TV e colocar os controles remotos e de *video game* em seus lugares. Além disso, não havia sinal de Philippa, Liesel ou SBB em parte alguma - nem sequer uma mala ou sapato de salto alto. Era como se elfos tivessem vindo durante a noite e posto tudo em ordem - só que, de alguma maneira, ver tudo no lugar daquele jeito fez com que eu me sentisse ainda pior. Era como um desses horríveis contos de fada onde alguém consegue o que havia desejado e passa o resto da vida desejando que não tivesse.

Fui para a cozinha e encontrei meus pais. Antes, eu havia dito que a boa aparência é uma das características da família Flood. Bem, meus pais são tão bonitos que às vezes é difícil acreditar que eles são pais e não figuras recortadas de alguma revista. Minha mãe é alta e meio que esbelta, com cabelos louro-acinzentados e um sorriso distante que nunca fica realmente em foco, como as lentes nebulosas que se costumavam usar para as atrizes de cinema nos anos quarenta. Ela tem a melhor postura que eu já vi - quando, na faculdade, ela costumava achar que queria ser bailarina, mas acho que simplesmente perdeu o interesse nisso depois de ter casado com meu pai e descoberto as mordomias e prazeres de uma vida viajando mundo afora sem parar. Além disso, teve três filhos, o que provavelmente deixa a pessoa sem condições de dançar, ao menos por algum tempo.

Ela adora ser mãe também; quando éramos pequenos, ela nos mimou até não poder mais, e ainda não há nada de que eu goste mais do que quando ela me leva para fazer compras. Hoje ela estava com um jeans Versace e um velho suéter de *cashmere* gasto de meu pai. Ela havia tirado os sapatos, tipo sandálias de salto alto com um monte de tiras entrelaçadas, mas do jeito que ela os havia largado no chão pareciam mais elegantes do que ficavam nos pés de muita gente.

Eu provavelmente pareço mais com meu pai, que também é louro, mas de um jeito mais para o ensolarado. Ele joga tênis de monte, de modo que está sempre bronzeado, o que faz seu enorme sorriso parecer ainda mais radiante. Quando eu era pequena, costumava achar que ele parecia o Felizberto da *Vila Sésamo*, mas agora acho que ele é mais como o Dennis Quaid. Bem agora, ele estava sentado à mesa,

fazendo as palavras cruzadas do *Times*. Estava tão concentrado nelas que mal me notou entrando, mas minha mãe, que estava olhando dentro da geladeira, se virou com um enorme sorriso e bateu palmas.

- Flan, querida! Sentimos tanta saudade de você!

- O que vocês estão fazendo aqui? - eu perguntei, indo dar um abraço nela.

Meu pai pôs a caneta na mesa.

- Não precisa se mostrar tão feliz de nos ver - ele disse, levantando.

- Desculpe. É só que estou surpresa. Achei que vocês estavam indo para Marrakech. - Eu o abracei também, e então sentei à mesa. - E, hm, não tivemos uma chance de limpar a...

- Nós estávamos de partida, mas, a caminho do aeroporto, decidimos que talvez devêssemos estar presentes para o primeiro ano no colegial de nossa caçulinha. Então demos meia-volta e viemos direto para a cidade. - Meu pai sorriu. - Claro, tratamos de chamar o serviço de faxina para fazer uma limpeza antes de chegarmos, você sabe como a sua mãe detesta chegar numa casa toda bagunçada. Em todo caso, olhe só para você, toda crescida! Espero que seu irmão e irmã tenham cuidado bem de você.

- Hm... sim.

- Onde eles estão, querida? - minha mãe perguntou, pegando um saco de laranjas numa gaveta na geladeira. - Eles não deviam deixá-la em casa sozinha assim.

- Eu acho que Patch tinha que estar em algum lugar... cedo esta manhã. Além disso, eu sei cuidar de mim mesma - acrescentei defensiva. Se eles soubessem... - Tudo bem se eu for olhar meus e-mails?

- Não demore muito - disse meu pai. - Estamos fazendo o café da manhã. Achei que vocês crianças iriam gostar de uma refeição caseira para variar.

- Claro - forçando um sorriso, eu fui para a sala de estar, me perguntando como eu ia explicar que não via meus irmãos fazia semanas. Mas antes que eu pudesse ficar preocupada demais, dei com o Patch largado no sofá da sala com uma camiseta escrito DEFEND BROOKLIN e jeans, comendo um *croissant*.

- Mãe! Pai! Patch voltou! - eu exclamei, tentando esconder o deleite em minha voz.

Minha mãe apareceu na porta da cozinha, segurando uma espátula.

- Ah, ótimo. Querido, não estrague o seu apetite. Estamos fazendo omeletes.

- OK - disse Patch, terminando seu *croissant* e lambendo os dedos. Minha mãe voltou para a cozinha.

- Onde você esteve? - eu sussurrei assim que ela ficou longe o bastante para não ouvir. - Achei que eu ia ter de dar sérias explicações.

- Estava na casa de uns amigos. Sabe... dando um tempo. - Ele encostou nas almofadas. - Conheci essa garota. Ela é muito incrível. O único problema é que o pai dela é um diplomata francês e eles estão voltando...

Eu balancei a cabeça.

- Ouça, Patch, sinto muito mesmo que você esteja passando por um mau bocado. Mas, sério, tenho problemas meus o suficiente agora - no minuto em que disse isso, me senti horrível. O que eu estava virando? A rainha das megeras?

Patch assobiou.

- Uau. Desculpe.

- Espere, eu não devia ter dito isso. É só que as coisas ficaram uma loucura desde que você foi embora. Você nem faz ideia. Aprontei a maior bagunça com tudo. Minhas amigas... esse garoto... - subitamente senti que estava aponto de chorar. Patch se endireitou no sofá e eu me deixei cair do lado dele, cobrindo o rosto com as mãos.

- Ei, ei, calma, eu entendo - Patch acariciou meus cabelos, compreensivo. - Às vezes acontece de eu esquecer que você está crescendo. Ainda penso em você como minha irmã caçulinha, sabe? Mas você tem a sua própria vida. É assim que as coisas

têm de ser - ele me olhou atentamente. - Você quer me contar o que está acontecendo?

- Ih, não - eu disse. - Não quero entrar nisso tudo agora. E só algo que eu preciso resolver de algum jeito. Mas obrigada por perguntar; mesmo. É bom saber que tenho alguém com quem conversar. - Não era todos os dias que meu irmão me tratava como um dos amigos dele. Pensei em quanto tudo tinha mudado desde que ele tinha me levado de carro para Connecticut no começo do verão. Ele estava certo: era fácil de esquecer às vezes, mas eu realmente estava crescendo. E fazendo disso um serviço dos mais malfeitos também. - Eu queria ser mais como você, Patch. Você é tão bom em fazer amigos.

- Mas você ainda não entendeu, Flan? Você não quer ser como eu, ou qualquer outra pessoa. O único jeito de se relacionar bem com as outras pessoas é sendo você mesma. É um clichê, eu sei, mas é também uma boa maneira de evitar um monte de besteiras. - Ele cruzou os braços atrás da cabeça. - Olhe, eu não sei o que está acontecendo com você, mas vou arriscar o palpite de que se você simplesmente se abrir com as pessoas, deixar que elas vejam quem você realmente é, um monte desses assim chamados "problemas" vai desaparecer. Porque as pessoas gostam de você, mana, realmente gostam... mas o que elas gostam em você é que você é real.

Eu assenti. Ele tinha razão, e eu tinha estado tão não fazendo isso. Mas agora eu estava começando a ter uma noção de como consertar a situação.

Enquanto meus pais faziam omeletes e espremiavam laranjas no novo espremedor *hi-tech* que tinham comprado, subi de volta para meu quarto. Sentei em minha mesa e peguei papel de carta - aquele amarelo-claro com iniciais que eu raramente uso - e cuidadosamente comecei a escrever. Ao escrever nomes nos envelopes, pensei sobre o que eu realmente queria. Porque eu costumava pensar que queria ser normal, só uma adolescente comum como todas as outras. Mas agora eu estava começando a perceber que era mais complicado do que isso. Eu não queria me integrar - eu queria me destacar. Não por conhecer celebridades ou todos os melhores clubes, não por quem meu irmão era ou por quanto dinheiro meus pais tinham. Não, eu queria me destacar por ser eu. A verdadeira eu - Flan Flood.

Capítulo 25

REMENDANDO AS COISAS

Na segunda-feira, fui para a escola bem cedo e comecei a esquadrihar os corredores atrás de Meredith e Judith, e foi bom ter feito isso, porque elas estavam praticamente impossíveis de encontrar. Não estavam perto do armário de Meredith, ou de Judith; não estavam no corredor em frente à classe da primeira aula delas, e não estavam na cantina. Por fim as encontrei escondidas perto da escada rolante do sexto andar. Eu meio que tinha a sensação de que elas estavam me evitando, mas tentei dizer a mim mesma que só estava sendo paranoica.

- Oi - eu disse. - Estive procurando vocês por toda a parte. O que vocês estão fazendo aqui em cima?

Meredith e Judith pararam abruptamente a conversa delas e se voltaram. Elas me olharam desconfiadas, como se estivessem tentando adivinhar se eu ia mordê-las ou não. Meredith estava usando uma camiseta clássica com uma estampa de Jim Morrison, mas Judith estava toda elegante com um *tailleur* e sapato de salto alto como se fosse trabalhar num escritório ou algo assim.

- Estou me candidatando ao grupo de debates - Judith por fim disse. - Era para eu estar aqui em cima para isso. Mas eles adiaram minha entrevista para depois das aulas.

- Isso é legal.

- Na verdade, não. Agora tenho que ficar andando por aí de *tailleur* o dia todo, ou trocar para roupas normais e então ter de trocar de novo. - Ela olhou o relógio. - O que não tenho tempo para fazer antes da primeira aula.

- Bom, eu acho que você está ótima - Meredith disse a ela.

- Eu também - eu disse.

Judith sorriu a contragosto.

- Você se divertiu no fim de semana? - ela me perguntou, mas de um jeito que me fez sentir que ela estava desconfiada ou algo assim. - Esgotada de tantas festas?

- A única festa a que eu fui foi aquela com vocês. - Eu baixei os olhos. Era tão injusto; como elas podiam achar que eu estava me divertindo quando na realidade eu só fiquei em casa chorando e me sentindo horrível porque achava que elas me odiavam? Mas também, elas não tinham como saber como eu me sentia. - Fora isso, não fiz muito mais do que as tarefas de escola.

- Nós também - disse Meredith. - Foi superchato.

- É, foi mesmo - eu concordei.

- Bom, da próxima vez que você ficar "chateada", você pode nos convidar para ir estudar com você - disse Judith. - Mas não sei por que duvido que isso alguma vez vá acontecer.

Era maldoso, mas eu merecia. Ficamos todas ali paradas embaraçadas por um segundo, até que por fim eu respirei fundo e peguei os convites que fizera no fim de semana.

- Na verdade - eu disse com voz tímida -, eu estava me perguntando se vocês já teriam algum plano para a sexta-feira.

- Esta sexta-feira? - perguntou Judith, o ceticismo abandonando a sua voz. Ela ajeitou as mangas de seu *tailleur*. - Por que você quer saber?

Eu entreguei os convites que tinha escrito tão meticulosamente em meu papel de carta. Esperava que não tivesse sido um desperdício: minha avó tinha mandado fazer para mim quando eu tinha doze anos, e eu vinha racionando-o desde então.

- É. Estava pensando em reunir alguns amigos - eu disse.
- Sabe, tipo uma festa. Na minha casa. Já que vocês ainda não foram lá.
- Uma festa? - perguntou Meredith.
- Na sua casa? - perguntou Judith.
- É. Quer dizer, vai ser bem pequena: vocês e algumas de minhas outras amigas. Estava pensando em convidar Bennet, Eric e Jules também, se vocês acharem que é uma boa ideia. Mas vocês vão ter de conhecer minha família; ver minha vida real. Tudo bem para vocês?

Meredith sorriu, e foi como um daqueles dias em que está nublado e não dá para saber se vai chover ou o sol finalmente vai aparecer. Dava para perceber que ela queria confiar em mim o tempo todo, e esse pensamento me fez sentir muito, muito melhor.

- Está vendo, Judith? - ela disse. - Eu disse que ela não era como as outras. Ela gosta de nós.

- É claro que gosto - me apressei em dizer. - Vocês são incríveis. Só lamento não ter sido mais honesta com vocês desde o começo.

Judith assentiu lentamente. Dava para ver que ainda havia um pouco de dúvida em seu rosto.

- Então, a gente precisa... levar alguma coisa?
- Não, não, só vocês mesmas. Mas vocês acham que vão poder ir?
- Claro - Meredith assentiu. - Não vamos perder por nada deste mundo.

Agora eu só tinha de convidar Bennett e os meninos. Eu achei que ia ser mais fácil depois de ter falado com Meredith e Judith, mas a reação delas não tinha me deixado tão confiante quanto gostaria de ter ficado. Não que eu as culpasse: você simplesmente não passa de ser uma falsa a ganhar de volta a confiança de alguém só entregando um convite. Mas eu gostaria que elas ao menos tivessem me convidado a nos encontrarmos depois da escola ou algo assim. Quando o dia estava chegando ao fim, tudo o que eu queria era ir para casa, deitar no sofá e assistir a *Bonequinha de luxo*. De algum modo esse filme sempre melhorava o meu ânimo quando não estava legal.

Eu sabia que não podia, entretanto, de modo que, assim que o último sinal tocou, eu saí à procura de Bennett. Mas encontrá-lo depois da escola foi quase tão difícil quanto tinha sido encontrar Judith e Meredith antes da escola. Depois de olhar o corredor onde ficava o armário dele e a sala de jornalismo, eu estava a ponto de desistir e assumir que ele tinha ido para casa. Mas, ao descer a escada rolante para o primeiro andar, eu o vi parado perto da entrada, conversando com alguns de seus amigos.

Eu fiquei nervosa, especialmente porque ele estava falando com pessoas que eu não conhecia. Mas parecia que eles estavam se despedindo - estavam fazendo aqueles cumprimentos complicados e tontos que os garotos sempre fazem, e alguns deles já tinham saído pela porta - e, além disso, era agora ou nunca. Então eu fui até onde Bennett estava e, o mais casualmente que consegui, estendi a mão e toquei no ombro dele.

- O-oi, Bennett - gaguejei quando ele se virou.
- Até mais - ele disse para seus amigos. Então pegou a mochila e pendurou-a nos ombros, e começamos a sair do prédio juntos. - Flan - ele disse, meio casual, mas também meio frio. - É aí, tudo bem?
- Médio. Olhe, eu só queria lhe perguntar uma coisa. - Eu parei de andar, e ele também. Lá estávamos nós, na calçada em frente à escola, com todos aqueles outros alunos passando em torno de nós.

- Bom, pergunte, então.

Por um segundo, eu não consegui falar, mas eu sabia que se apenas ficasse ali feito uma idiota, olhando para ele, só iria me sentir ainda mais estúpida. Então pus para fora o mais rápido que pude:

- Eu vou dar uma festa na sexta-feira, e estava me perguntando se você gostaria de vir.

- Hm. Bom, sexta... é, sexta, eu acho... - A voz de Bennett estava toda hesitante, como se ele não tivesse certeza se aquilo lhe importava, o que me chateou um pouco. Será que ele não sabia o quanto aquilo estava sendo difícil para mim?

Eu peguei o convite em minha mochila e entreguei para ele.

- Todas as informações estão aqui.

- Legal. - Bennett dobrou o convite e o colocou no bolso. Mas algo ainda estava errado. Talvez ele não estivesse tentando agir friamente, afinal. Ele estava com essa expressão esquisita no rosto, como se estivesse nervoso, mas não quisesse demonstrar. - Bom, vou ver se consigo ir. Uma boa tarde para você.

- O que está errado? - eu perguntei, tentando acompanhá-lo. Ele estava mesmo andando rápido de repente, como se estivesse tentando fugir de mim.

- Olhe, eu não quero a sua pena, certo? - ele disse, olhando para os táxis passando por nós na rua. - Se você gosta de mim, então goste de mim... Mas, se você sente pena de mim, com minhas festas mixurucas e meus gibis bobos...

- Bennett, sobre o que você está falando?

- Escute, eu não sou burro, OK? - Ele chutou uma pedrinha com o tênis. - Se eu soubesse que você era a rainha da noite, eu não teria tentado impressioná-la com uma festinha tão idiota.

Eu fiquei pasma.

- Você deu aquela festa... para fazer com que eu gostasse de você?

- Bom, você se divertiu tanto na do Devon... Eu só pensei que... Ah, esquece. - Bennett enfiou as mãos nos bolsos. Ele tentou dizer alguma coisa, mas o barulho de um ônibus encobriu suas palavras, e ele fez um gesto com a mão como se afinal não importasse mesmo. Mas, antes que ele pudesse começar a andar de novo, eu agarrei a manga dele.

- Escute - eu disse a ele -, eu adorei a festa que você deu. Foi a melhor.

- Sei - ele bufou. - Ouvi falar das festas na casa dos Flood. Celebidades, garrafas de cristal, todo tipo de coisas fantásticas e malucas. Duvido que tomar *ginger ale* no meu sofá realmente fique à altura disso tudo.

Nunca me senti mais irritada em toda a minha vida.

- Bennett, essas festas de que você ouviu falar eram do meu irmão. Eu nunca nem mesmo dei uma festa com meninos antes.

Ele franziu os olhos como se não tivesse certeza se confiava em mim ou não.

- É mesmo?

- É. E sinto muito se é decepcionante ou o que for, mas só estou convidando tipo umas dez pessoas para a sexta-feira.

Um par de garotas em *colantes* de dança veio na nossa direção, e Bennett deu um passo para o meu lado na calçada para deixar as duas passarem. Quando elas tinham se afastado, ele perguntou:

- Por quê?

- Porque eu não gosto de toda essa coisa de excessos. Eu só quero ficar um tempo com... com as pessoas de quem realmente gosto.

Bennett deu um meio sorriso, mostrando seu dente lascado, e começamos a andar juntos de novo.

- Como vão as coisas no jornal da escola? - eu perguntei.

- Ah, não é lá muito emocionante. Você não quer mesmo saber disso.

- Claro que quero.

- Hm - ele passou a mão pelos cabelos. - Bom, rolou um barulho e tanto quanto à coluna de fofocas esta semana. A gente publicou alguma coisa sobre o diretor Leland estar saindo com a treinadora do vôlei feminino.

- O diretor Leland? - eu ri. - Mas aquele cara é tão velho e horroroso..

- Foi isso que a treinadora de vôlei também disse. Ela ficou muito furiosa; chamou de calúnia. E o diretor Leland ficou tipo assim, "ah, dê-lhes um desconto, afinal são crianças", mas dava para ver que ele tinha adorado ler que estava saindo com essa mulher mais nova e toda atlética. - Bennett balançou a cabeça. - Meu, foi demais.

- Realmente engraçado, Bennet - eu disse a ele.

- É, acho que o jornal pode ser bastante divertido, sei lá, para os *nerds* que trabalham nele.

- Pare de dizer isso. Você não tem nada de *nerd*.

E então algo maravilhoso aconteceu. Estávamos descendo a guia, desviando de uma poça, quando do nada um táxi apareceu a toda. Bennett agarrou minha mão para me puxar para trás sem nem mesmo pensar no que estava fazendo, e de repente, lá estávamos nós: de mãos dadas bem no meio da rua, onde qualquer um poderia nos ver. Como um casal de namorados. Eu me senti incrível, com vontade de pular e saltar e correr em círculos, como se nada pudesse fazer meu dia ainda melhor. Mas acabou ficando melhor, porque Bennett continuou de mãos dadas comigo todo o resto do caminho até em casa.

Capítulo 26

SORVETE E SIMPATIA

Assim que estava de volta em casa, liguei para Liesel. As coisas tinham ido muito melhor do que eu podia ter esperado com o Bennett, de modo que não vi nenhuma razão para parar quando estava indo bem. Ela atendeu no quarto toque.

- Liesel? É a Flan.

- Quem? - ela gritou.

- Flan Flood! - berrei de volta. Soava como se ela estivesse num túnel de vento ou coisa parecida. - Eu realmente preciso falar com você.

- Eu estou ocupada mesmo, Flan.

- Por favor? É importante.

Houve uma longa pausa, como se ela não soubesse se queria encerrar a conversa ou não. Mas por fim ela disse:

- Encontre-me no Serendipity daqui a meia hora; não tenho tempo para ir até o centro!

E assim, cinco minutos depois de chegar em casa da escola, contente e otimista, eu estava num táxi a caminho do Upper East Side, sentindo-me nervosa e preocupada de novo. A minha esperança era que Liesel não tivesse guardado rancor.

O Serendipity é um dos lugares mais charmosos de Nova York, com luminárias Tiffany, paredes rosa, e mesinhas brancas de dois lugares que pareciam vindas de uma casa de bonecas. A comida era ainda mais gracinha, com pratos como o *Shake, Batter and Bowle* o *Madame Butterfly*, e eles vendem todos os tipos de coisas na frente da loja: de lancheiras e brinquedos de corda a caixas de chocolate, de modo que da rua quase parece uma loja de brinquedos. É o restaurante favorito de todas as meninas (e provavelmente de um monte de menininhos também, embora eles jamais admitiriam).

É também um ótimo lugar para ver celebridades - da última vez que estive lá, Gwyneth Paltrow estava almoçando com seus dois filhos - que é provavelmente a razão para Liesel conhecê-lo, afinal. Além disso, é na rua 60 perto da Bloomingdale's, a parte da cidade que é território dos pais dela, onde as ruas são largas e limpas, os cachorros têm salões de beleza, e as velhas senhoras começam a usar casacos de pele com a primeira brisa fria do outono.

Assim que entrei, vi Liesel sentada numa mesa num canto, usando óculos de sol Dolce e um vestido cinza sem alça feito de algum tecido luxuoso. Ela estava falando com a garçonete. Assim que me viu, acenou para eu ir até a mesa e pediu para mim um chocolate gelado, essa bebida realmente deliciosa que eles servem lá. Então ela me olhou fixamente do outro lado da mesa. Seus cabelos estavam presos nesse coque muito chique mas também muito severo, e por um segundo eu achei que ela ia brigar comigo. Então ela suspirou e balançou a cabeça.

- Flan, Flan, Flan, O que você *vai* fazer? - ela disse, desdobrando o guardanapo e colocando-o no colo.

- Eu não sei. - Olhei para o jogo americano no meu lugar. - Estava com a esperança de que se talvez eu falasse com você...

- Não, não quanto a mim. Quanto a Sara-Beth. Ela ainda está muito chateada, sabe?

Meu estômago deu um nó.

- Eu sei.

- Ela confiava em você; é muito difícil ganhar a confiança dela. E você a deixou totalmente na mão. - Liesel ergueu uma mão como se estivesse parando o trânsito. - Sei que Sara-Beth pode ser difícil às vezes, mas ela também é muito vulnerável. Ela nunca teve uma infância de verdade, você sabe. Você leu aquela matéria no *Times*?

- Li. - Eu olhei para uma das luminárias Tiffany. Tinha pássaros voando no vitral do quebra-luz. Eu desejei poder ser livre assim. - Sabe, não fui eu que escrevi aquelas coisas desagradáveis sobre a Sara-Beth, não mesmo. Eu estava trocando bilhetes com duas amigas na escola, e... Você acredita em mim, não acredita?

Liesel suspirou.

- Claro que acredito, Flan. Mas não sou eu quem você tem de convencer. Você precisa mostrar a Sara-Beth que não tem vergonha dela; que você realmente a considera uma amiga.

Eu assenti.

- Bom, eu meio que tenho uma ideia de como fazer isso.

Então contei a ela sobre a festa: que eu estava convidando Bennett e seus amigos e Meredith e Judith da escola, mas também SBB, Liesel e Philippa; que eu queria juntar meus dois mundos em minha casa, de modo que todo mundo, família, amigos, todos soubessem o quanto eram especiais para mim. Quando acabei de explicar, Liesel tinha um sorriso radiante no rosto. Ela segurou minhas mãos.

- Eu devia saber que você ia descobrir a solução perfeita. E você vai dar a festa mais fabulosa de todas. Tão fabulosa que eles vão ficar de quatro implorando para que você mantenha todos em sua vida. *De quatro!* E eu vou planejá-la para você.

- Ah não, Liesel, você não precisa fazer isso.

- Claro que sim! Flan, é a minha especialidade, o meu forte, meu dom. E você não deve nunca deixar que uma garota desperdice seu talento. - Ela abriu a bolsa e tirou uma agenda. - É no sábado, certo?

- Hm... sexta-feira.

- Hm, vou ter que remarcar algumas coisas. Mas não se preocupe, isso não importa. Quem devemos providenciar para o entretenimento? Eu tenho o número de Avril no meu celular, mas você vai querer alguém com mais classe, imagino. Que tal Leland Brinker? Ou Norah Jones? Ela ainda me deve um favor ou dois...

- Espere, espere, espere. - Pensei em Bennett e o quanto ele ficara constrangido com sua festa simplezinha. Se ele desse de cara com Alanis Morissette dando um show em meu quintal, ia simplesmente começar a se sentir horrível, tudo de novo. Além disso, eu não queria embasbacar ninguém; só queria mostrar a eles que eram importantes para mim. De modo que balancei a cabeça.

- Eu não quero que você se dê a todo esse trabalho.

- Mas não é trabalho nenhum! Isso é o que eu faço.

- Não, eu sei, é só que... - Tentei pensar como colocar aquilo de uma forma legal. - Ouça, uma festa é uma ótima ideia, mas eu não quero que seja algo muito grande. Quero apenas fazer algo legal e simples.

Liesel pareceu confusa. Ela fechou a bolsa com um clique.

- Mas, Flanny, querida, *por quê?*

- Sei lá, não sei explicar. Uma festa com Norah Jones e um milhão de convidados e sei lá, *paparazzi*, iria ser o máximo e tudo. É só que não é... eu.

Liesel mordeu seu lábio perfeitamente malva. Dava para ver que ela achava que eu estava completamente maluca, e por um segundo eu pensei em retirar o que acabara de dizer. Mas quando eu fiquei em silêncio, ela assentiu muito lentamente.

- Tudo bem, legal - ela disse. - Vamos fazer do seu jeito, então.

Eu sorri, e então ela olhou de esguelha para trás dela para uma figura loira e rosa sentando-se numa mesa ali perto.

- Ai, meu Deus, não é a Reese Witherspoon ali?

Liesel deu um rápido relance sobre o ombro, estalou os dedos para o garçom e se apressou a colocar algumas notas sobre a mesa.

- Precisamos sair daqui, querida. Eu não retorno as ligações dela faz meses.

- Mas...

Antes que eu pudesse terminar, Liesel me fez sair na calçada, onde ela empurrou uma família de turistas para fora de seu caminho e atravessou a rua. Assim que voltamos a andar em passo normal de novo, eu perguntei hesitante:

- Então, você acha que ainda pode me ajudar com a festa? Mesmo eu não querendo que Norah Jones esteja nela?

- Como você ousa perguntar uma coisa dessas? Claro que vou ajudá-la, Flan. Na verdade, vou considerar isso um desafio especial. Com andar na corda bamba sem uma rede.

- Isso é fantástico. Muito obrigada, Liesel.

- Não me agradeça! Se alguém devia agradecer alguma coisa, devia ser eu. Afinal, você me salvou das garras daquele *artiste* vil. Graças a Deus ele já quase terminou o mural agora - ela fungou. - Além do mais, vou fazer isso de qualquer forma. Você merece. Nem todo mundo consegue dar uma boa festa, mesmo com a minha ajuda, mas você consegue. Você tem o *je ne sais quoi*, sabe?

- *Je ne sais o quê?*

- Não venha me dizer que você nunca percebeu isso em você mesma, coração, porque há de montes. Você vai longe.

- Ah - eu não sabia bem o que ela queria dizer, mas encarei como um elogio. - Obrigada, Liesel.

Ela retocou seu batom e me deu um sorriso.

- Mal posso esperar para vê-la brilhar na noite de sexta-feira. Essa festa é só o começo do começo; só espere para ver, querida.

Liesel me chamou um táxi, e nos despedimos com beijos no ar. Enquanto eu voltava no táxi pela cidade, olhava pelas janelas. Mulheres jovens e elegantes passeavam com seus cachorros que combinavam com suas bolsas; meninos bonitos estavam sentados em bancos de parque, lendo romances ou ouvindo seus iPods. Vi butikues e lojas de mobília e um prédio de apartamentos estranho que parecia com um castelo, e de algum jeito tudo parecia novo e empolgante. Talvez Liesel tivesse razão - talvez eu tivesse um *je ne sais quoi*. Talvez as coisas fossem mesmo melhorar, agora que eu estava sendo eu mesma.

Eu fiquei devaneando sobre a festa, sobre como as coisas iam subitamente parecer simples e descontraídas e tranquilas assim que eu tivesse as pessoas importantes de minha vida no mesmo lugar na mesma hora. Imaginei Bennett e eu, juntos, no chão da minha sala de estar, resolvendo juntos problemas de álgebra, e imaginei Judith e Meredith e eu indo para o centro comprar os vestidos para o baile da escola. Nada disso parecia tão impossível como parecera naquela manhã, e era tudo porque eu tinha procurado meus amigos. Ocorreu-me pela primeira vez em muito tempo que é realmente para isso que os amigos existem - para fazer as pessoas se sentirem bem, em vez de sempre só miseráveis e estressadas. Fiquei achando que talvez eu estivesse começando a entender as coisas - como se eu estivesse pondo as coisas em ordem.

Capítulo 27

EU ♡ ALMAS GÊMEAS

Eu já estava quase chegando em casa com o táxi quando me dei conta de que eu tinha ao menos mais uma parada para fazer. Então, em vez de ir até a Perry Street, fiz o motorista parar na esquina da Washington com a Horatio Street. Desci, paguei e comecei a andar.

Philippa também vive numa casa no West Village, como eu, mas a rua dela é meio esquisita - é uma dessas ruazinhas estreitas, tortas que meio que acabam dando a volta para elas mesmas de novo, de modo que não era fácil achar onde ela morava, mesmo ela tendo me deixado seu endereço e instruções no dia em que saiu de casa. Por fim, na terceira vez que subia e descia a rua, eu encontrei. Era um prédio de antes da guerra que eu acho que tinha sido restaurado ou algo assim, porque era realmente bonito, com leões de pedra de aparência triste de cada lado dos degraus da entrada e uma porta da frente de madeira antiquada que era como se fosse a entrada para a terra mágica de Narnia.

Ao subir até a porta, pensei em Philippa e Mickey. Esperava que eles tivessem resolvido as coisas. Eu os tinha visto em festas e coisas assim no passado, quando estavam felizes, e eles sempre pareciam o casal mais bonito do mundo para mim. Mickey era mais baixo que Philippa, e meio cheinho, mas ele tinha esse senso de humor e maluquice contagiante, e sempre ficava mais engraçado quando estava com Philippa, como se estivesse disposto a qualquer coisa para fazer com que ela sorrisse. Philippa tinha mais uma espécie de dureza inteligente, e tendia a ser meio que distante e quieta às vezes. Mas Mickey despertava um lado mais doce, mais descontraído dela - talvez por causa de suas palhaçadas, é difícil alguém se manter distante. Uma vez, quando Patch, Jonathan e eu fomos a uma festa num *karaokê*, Mickey acabou cantando a plenos pulmões aquela música da Celine Dion, "All by Myself", agitando os braços na mesa de Philippa, e mesmo eles estando meio que brigados, ela acabou gargalhando histericamente e indo para casa com ele num táxi.

Eu me perguntei se alguma vez iria ter um namorado de verdade, firme assim. Me peguei pensando em Bennett de novo. Mas agora eu estava na frente da porta de Philippa, de modo que me preparei, respirando fundo e toquei a campainha. Eu esperava que ela não estivesse mais totalmente furiosa comigo, mas estava pronta para o que quer que acontecesse.

Depois de um tempão, eu estava para tocar a campainha de novo quando a porta finalmente se abriu. Lá estava Philippa, com aparência toda desgrenhada e sem fôlego, usando uma camiseta de menino e um short jeans rasgado.

- Flan! Graças a Deus que é você. Estava apavorada que meu pai tivesse vindo para casa mais cedo - ela disse, me fazendo entrar na casa. - Espere um segundo. Mickey está escondido debaixo da cama - ela correu até a metade da escada, gritando - Mickey! Mickey, você pode descer agora!

- Desculpe se eu interrompi alguma coisa - eu disse, sentindo-me constrangida de repente.

- Não, não se preocupe com isso. - Ela deu um olhar de relance sobre o ombro e acrescentou num tom um pouco dubio: - É bom ver você - ela desceu de volta a escada e se instalou numa das cadeiras da sala de estar. - Como vai você?

Eu decidi ir direto ao ponto:

- Sinto-me horrível quanto ao que aconteceu com vocês da última vez. Sério. Espero que você não me odeie.

- Jesus, Flan, não poderia odiá-la. - Philippa sorriu e balançou a cabeça. - Eu acho que só estava pê da vida naquela noite porque houve essa cena terrível entre Mickey e Sara-Beth e ele acabou me largando de novo. Mas fizemos as pazes agora. Em todo caso, não é comigo que você tem de se desculpar, é com a Sara-Beth.

Eu concordei.

- Eu sei. Vou dar uma festa em minha casa para tentar consertar as coisas com todo mundo. Aquele cara de quem eu gosto vai estar lá; e também minhas amigas da escola. Você acha que ela irá?

Philippa franziu o rosto, pensando.

- Você já falou com ela?

- Bom, deixei alguns recados, mas ela não me ligou de volta.

Olhei a sala em volta. A casa era decorada da maneira que eu imaginava que a de um *marchand* seria: em cores neutras, sobretudo branco e bege, para que a arte se destacasse muito mais. Havia pinturas e desenhos pendurados por todas as paredes - eu vi uma com bodes voadores e pessoas tocando instrumentos musicais que parecia ser de Marc Chagall, que eu tinha estudado no ano passado em história da arte - e havia pequenas colunas de mármore pela sala, com esculturas nelas iluminadas por *spots* como num museu.

- O caso é que ela está furiosa, mas acho que quer fazer as pazes com você. - Philippa sorriu. - Ninguém consegue ficar brava para sempre. Mickey e eu brigamos dia sim dia não, mas eu estou começando a achar que é o que mantém as coisas interessantes.

Bem então, Mickey desceu a escada pulando degraus. Ele tinha uma barbinha meio rala que de algum jeito o fazia parecer ao mesmo tempo mais velho e mais biruta.

- Oi, Flan - ele disse, passando a mão pelos meus cabelos como se eu ainda fosse uma menininha. Ele tentou se instalar na poltrona com Philippa, mas ela o acertou com um travesseiro. Ele fez um som de rugido e a agarrou. Então os dois começaram a fazer cócegas um no outro, até finalmente acabarem sentados na cadeira, com Philippa no colo dele. Com certos casais, coisas assim me fariam sentir realmente excluída, mas era tão doce ver os dois juntos daquele jeito. Eles se amavam tanto que aquilo meio que não me incomodava.

- Então, o que podemos fazer por você? - ele perguntou assim que todos pararam de rir.

- Eu só vim convidar vocês dois para a minha festa. Não vai ser um monte de gente ou algo assim, mas acho que vai ser divertida. - Entreguei a eles os convites. - É na sexta-feira. Todas as informações estão aí.

- Uma festa? Na casa dos Flood? Irei sem falta - Mickey disse, abrindo o seu convite. - Passou o verão inteiro desde que vocês deram a última.

- Mas espere um pouco. Sexta? - Philippa virou-se para Mickey. - Não é nesse dia que seu amigo tem aquele negócio de *skate*? Aquela competição?

- Ah, droga. Você tem razão, *baby*.

- Talvez a gente possa ir depois - Philippa disse para mim. - É só que já estava planejado faz semanas. Jorge, um amigo do Mickey, tem essa coisa de *half-pipe*, e nós prometemos que íamos até mesmo antes de ter brigado e feito as pazes de novo.

Tentei não parecer desapontada.

- Bom, minha festa não vai assim até tão tarde, mas se conseguirem, venham sim.

Philippa concordou.

- Eu realmente quero. Especialmente porque gostaria de conhecer esse famoso Bennett.

Eu corei.

- Bom, ele não tem nada demais.

- Nada demais? Claro que tem! Você é minha amiga e é a sua vida amorosa! O que as amigas fazem se não se intrometerem na vida amorosa umas das outras? - Ela se inclinou para a frente. - Então, como posso me meter? Precisa de algum conselho?

- Claro. Só me contem como vocês conseguiram ter um relacionamento tão legal.

Philippa deu um tapa do lado da cabeça de Mickey.

- Ouviu essa, Romeu? Ela acha que temos um relacionamento legal. Mickey piscou, fingindo-se atônito.

- Terei entrado num universo paralelo?

- Ah, parem com isso, vocês - eu disse, rindo. - Vocês sabem que fazem um belo casal.

- A beleza vai e vem. - Philippa aninhou-se nos braços de Mickey como se estivesse desmaiando. - É por isso que temos que ficar rompendo a toda hora.

- E saindo com outras meninas - acrescentou Mickey, muito sério. - Não, espere, só a Philippa que faz isso.

- Não tente a minha paciência. Posso voltar atrás. - Philippa o beijou para mostrar que estava só brincando, e então voltou-se de novo para mim. - Ouça, o melhor conselho que posso dar para você é: mostre a ele quem você realmente é. Não finja ser outra pessoa só para que ele goste de você.

- É - concordei. - Você está totalmente certa. Mesmo eu tendo levado uma eternidade para entender isso.

Philippa deu de ombros.

- Estamos todos aprendendo. É difícil se aproximar de alguém, sabia? A menos que o quintal desse alguém seja do lado do seu e ele venha incomodá-la a cada cinco minutos.

- Ei! - Mickey protestou. Todos rimos.

Fiquei com eles mais um pouco, tomei um refrigerante e voltei a pé para casa. Era tão legal como Philippa e Mickey ficavam completamente à vontade juntos - como se tivessem encontrado tudo que sempre quiseram embrulhado na outra pessoa e agora não tivessem mais de procurar. Eu me perguntei se iria me sentir desse jeito quanto a Bennett ao conhecê-lo melhor - ou se ele iria começar a se sentir desse jeito em relação a mim.

Capítulo 28

FAZENDO UMA LISTA, CONFERINDO TUDO

Com ou sem Philippa, eu ia dar uma festa na sexta-feira. Agora, a única coisa que faltava era garantir que fosse tudo bem com meus pais. Para ter certeza de que não haveria dificuldades, eu fiz o que Patch e February tinham me ensinado há muito tempo. Perguntei a minha mãe quando meu pai não estaria em casa. Ele saía para comprar uma *bagel* uns cinco minutos antes de eu ir para a escola, de modo que era o horário perfeito. Encontrei minha mãe arrumando flores na sala de estar, e não acho que ela estivesse mesmo ouvindo quando perguntei, porque ela apenas entoeou "parece ótimo, Flan! Pague com o cartão", como ela sempre faz quando estou pedindo um jeans novo ou coisa parecida. Mas dessa vez não era só dinheiro.

- Ouça, mãe. Quero que você e papai estejam presentes nela também. E Patch. E Feb, se alguém alguma vez ouvir falar dela de novo.

- Querida, isso é tão simpático. - Ela sorriu. - Será tão bom conhecer todos os seus amigos.

Eu sorri e fui ligar para Liesel. Tínhamos coisas a fazer.

Planejar uma festa soa como algo fácil de fazer, especialmente quando a festa é só para treze pessoas - ou, no caso, onze, já que Philippa e Mickey tinham dado para trás quando comecei a comprar coisas e tomar providências. Mas, na verdade, o planejamento de uma festa envolve muito em que pensar. Você não pode simplesmente encher umas bexigas e ligar para um palhaço, não quando você tem quatorze anos e está tentando juntar todas as peças disparatadas de sua vida complicada demais num só lugar. Então, nos dias seguintes, eu praticamente só me concentrei em conseguir tudo exatamente do jeito que eu queria.

Primeiro havia a questão: onde a festa ia acontecer, exatamente? Em nossa casa, a resposta é bem simples: tem de ser na área da sala de estar e cozinha. Imagino que poderia dá-la no sótão, mas então teria de tirar todas as sacolas poeirentas e caixas antigas da Barneys fora do caminho; além disso, teria o problema adicional de carregar toda a comida e bebida por dois lances de escadas o tempo todo. Então havia o porão, mas estava bem fora de questão, ao menos em minha opinião. É quase todo de concreto, sem acabamento lá embaixo, exceto por uma parte do espaço que está acarpetada com grama sintética de um breve período logo depois que mudamos, quando Patch achou que queria ser um jogador de beisebol. Grama falsa, lâmpadas penduradas e paredes subterrâneas de concreto sem janelas não eram definitivamente o visual que eu queria.

Então teria de ser na sala de estar. O que queria dizer que, para que a festa desse a sensação de ser realmente minha e não só uma espécie de versão menos doida e inusitada de uma das festas de meu irmão, eu precisava redecorar um pouco.

Liesel ajudou muito. Ela e eu concordamos que a iluminação para a minha festa deveria ser menos clara que a do dia e menos cafona que os *spots* de discoteca que sobraram da festa pós-baile de formatura de minha irmã. Então fomos a essa loja de luminárias incrível no Lower East Side, onde eles têm todo tipo de lâmpada conhecida pela humanidade, e ficamos lá por umas duas horas. Foi difícil, porque tínhamos de achar algo que fosse incrível mas não desse a impressão de que eu era tão mimada que podia me dar ao luxo de comprar o que bem entendesse, porque

ambas concordamos que seria antipático. Finalmente me decidi por umas que pareciam lanternas japonesas. Eram como tubos de papel amarelo iluminados por dentro, e, assim que as ligamos, vi que eram simplesmente perfeitas - não claras demais, mas também não escuras demais. Era um pouco como luz de velas durante uma tempestade.

Então havia a comida e as bebidas. Meu irmão e minha irmã às vezes me deixam tomar cerveja, e acho que meus pais sabem disso, mas é uma espécie de regra tácita em nossa família que nenhum dos três bebe perto de meus pais. Além disso, na realidade eu não queria mesmo que houvesse álcool em minha festa - não gosto muito do gosto, e tinha bastante certeza que Judith, Meredith e Bennet não tinham experiência em beber, o que significaria que teria um efeito esquisito neles. E esquisitice, em particular esquisitice de bêbado, era definitivamente algo que eu não queria ter em minha festa.

Então decidi que serviríamos apenas Shirley Temples e Roy Rogers¹⁷, mais *hummus* e pão sírio e *red velvet cupcakes* de minha doceira favorita. No dia da festa, estava planejando também picar uma variedade de frutas e colocá-las numa dessas tigelas feitas de metade de uma melancia esvaziada, o que era meio que ambicioso porque nunca tinha feito nada assim antes, mas eu estava determinada. E ainda teríamos uma tábua de queijos, com *crackers* e alguns sanduichinhos minúsculos como os que são servidos no *Tea for Two*¹⁸. Claro, teríamos também água mineral e doces crocantes de gergelim num prato especial para a SBB.

Porque eu ainda tinha a esperança de que ela viesse, mesmo não tendo conseguido que ela atendesse o telefone. Nas primeiras vezes que eu liguei, acho que ela simplesmente não queria falar comigo, porque caía direto na caixa de mensagens, mas depois ficou como se o celular dela tivesse sido desconectado ou algo assim, o que me deixou preocupada. E eu não fazia ideia de onde ela estava morando, de modo que não podia entregar o convite em mãos.

Eu me sentia um pouco horrível sempre que pensava em como as coisas tinham acabado entre nós duas. Mas eu havia dito a Liesel e Philippa para convidar SBB para a festa em meu nome, a fim de que ela recebesse a notícia por meio delas e começasse a entender o quanto eu estava arrependida.

Mas ao menos meus outros amigos pareciam ter me perdoado. Naquela semana, fiquei com Meredith, Judith e Bennett todas as horas de almoço e alguns dias depois da escola. E toda hora que não estava com meus amigos ou planejando a festa, eu tinha uma tonelada de tarefas de escola para me manter distraída e não pensar muito em SBB. Sei que isso soa meio esquisito, mas eu até me descobri ficando interessada pelas minhas aulas. Na de Inglês, por exemplo, lemos esse conto do Fitzgerald¹⁹ intitulado "Bernice corta o cabelo", e, mesmo se passando muito tempo atrás, na década de 1920, havia algo nela que realmente me tocou. A tal da garota chamada Bernice pareceu uma pessoa real para mim - eu também não ia querer cortar todo o meu cabelo. E da maneira que as festas eram descritas eu podia visualizá-las totalmente, mesmo porque, nas festas de agora, você tem sorte se consegue ao menos um cara para dançar, imagine então vários, um depois do outro.

Eu duvidava que fossem dançar na minha festa, mas mesmo assim eu queria que tivesse música. Então durante as noites comecei a fazer um CD com algumas de minhas músicas favoritas, que eu planejava deixar tocando de fundo enquanto a gente ficava lá conversando e coisas assim. Nunca tinha feito um CD com uma seleção antes, e fiquei surpresa com o quanto era divertido. Em cada música que escolhia, eu tinha uma nova chance de mostrar a meus amigos quem eu era e como eu era. Era

¹⁷ Drinque não alcoólico à base de coca-cola e xarope de romã e enfeitado com uma cereja (N.E.).

¹⁸ Filme de 1950 estrelado por Doris Day (N.E.).

¹⁹ F. Scott Fitzgerald (24/9/1896-21/12/1940), escritor norte-americano conhecido por narrar a Era do Jazz (N.E.).

ótimo. Nunca tinha estado antes numa festa em que gostasse realmente de todas as músicas, mas essa era a minha noite e eu ia fazer as coisas do meu jeito.

Na sexta-feira, o dia da festa, saí toda apressada da escola para casa, para deixar tudo pronto, mesmo que as pessoas só fossem começar a chegar por volta das sete e meia. No caminho para casa peguei os *cupcakes* na doceira, e o tempo todo que fiquei na fila esperando olhava para meu relógio a cada dois segundos. Assim que consegui os doces, praticamente fui correndo todo o resto do caminho para casa. No minuto em que entrei em casa, instalei as luminárias e pus uma toalha na mesa de centro. Coloquei o *hummus* e o pão sírio numa travessa de vidro, arrumei os doces numa bandeja e fiz uma jarra de Shirley Temples e uma jarra de Roy Rogers. Então estava praticamente tudo pronto, e eram só quatro e meia. Eu estava nervosa e ansiosa e com a sensação de que qualquer coisa poderia acontecer, de modo que decidi trabalhar um pouco mais na decoração só para me manter ocupada. Minha mãe entrou na sala bem quando eu estava subindo numa cadeira para pendurar papel crepom vermelho no teto.

- Flanny, querida, o que você está fazendo? - ela perguntou, pondo no sofá sua raquete de tênis e sua sacola amarela de esportes. - Desça dessa cadeira, você vai se machucar.

Eu rasguei o papel crepom e desci da cadeira. Parecia bobo, de qualquer forma.

- Estou arrumando as coisas para a minha festa, lembra?

- É hoje? Mas seu pai e eu queremos participar dela.

- Achei que vocês iam.

- Não, essa noite tem o jantar beneficente para... ah, alguma espécie de associação médica. Você devia perguntar para seu pai; eu nunca lembro dessas coisas.

- O quê? - Era a primeira vez que ouvia falar daquilo. Tentei não ficar chateada, mas era difícil. Afinal, é tão complicado assim lembrar da primeira festa do colegial de sua filha mais nova? Não acontece todos os dias. - Mas mãe, como vai ser? As pessoas vão vir hoje. Você e papai não precisam estar aqui? Para supervisionar ou algo assim?

- Você não está um pouco velha para precisar disso?

Sei que a maioria das adolescentes faria qualquer coisa para ter pais como os meus - mas como vinha descobrindo nas últimas semanas, eu não era como a maioria. Eu era Flan Flood, e uma vez na vida eu queria uma festa saudável, normal.

-Não.

- Hum. - Ela franziu a testa e pôs um dedo nos lábios; toda vez que faz isso, ela me lembra tanto de Marian, a bibliotecária em *The Music Man*²⁰, que eu tenho de sorrir. Já sei. Vamos chamar seu irmão. Ele pode ficar atento a tudo e garantir que não saia fora de controle.

Patch Flood *supervisionando* uma festa? Tentei não rir.

- Onde ele está, em todo o caso? Não o vejo desde... anteontem, acho.

- Aparentemente, está ficando na casa de uns amigos. Seu pai ligou para o celular dele esta manhã e alguém atendeu e disse que estava tudo bem.

- Quem foi?

- Será que o nome dela era Veronique? Não tenho certeza; vou ligar agora, e se ela atender, pedirei para falar com o meu filho. - E então ela começou a rir, como se agir como uma mãe de verdade fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Eu balancei a cabeça e me deixei cair no sofá enquanto minha mãe ia para a cozinha. De onde estava eu podia ouvi-la discando, e então falando com Patch.

- Patch? Sim, na realidade precisamos sim de você aqui... Ah, não, não é nada disso. Sua irmã convidou uns amigos para virem aqui... Sim, eu sei... Não, o homem da loja de pranchas de surfe deixou um recado; disse que só vai ficar pronta na

²⁰ Filme de 1962 baseado em um espetáculo da Broadway (N.E.).

semana que vem. Agora, querido, Flan convidou uns amigos, eu disse a você no outro dia. Eu estava me perguntando se você podia vir para casa e ficar de olho nas coisas... Com certeza espero que tenha acabado às duas da manhã! Certo... Sim. Seu pai e eu talvez o encontremos quando chegarmos hoje à noite... Bem, diga a ela que também digo olá. - Ela desligou. - Ele vai estar aqui por volta das oito.

- Mas minha festa começa às sete e meia!

- Vocês vão ter de se comportar por conta própria por meia hora, então. - Balançou a cabeça do jeito que ela faz quando acha algo engraçado. Eu suspirei, mas eu tinha de admitir que aquela conversa *era* meio ridícula. Como se eu nunca tivesse ficado sozinha em casa antes.

E, de repente, ouvi um som feroz - como um lobo devorando um rebanho inteiro de carneiros. Eu me endireitei, e lá estava Noodles, atacando o pão sírio como se estivesse morrendo de fome.

- Cachorro mau! Mau! Mau!

Noodles recuou, pressionando as orelhas bem junto à cabeça como se estivesse incrivelmente envergonhado, mas não me enganou nem um pouco. Continuou a mastigar.

- Esse cachorro é novo - minha mãe disse. Ela o observou. Os olhos dele se arregalaram ao devolver o olhar. E então saiu correndo da sala e escada acima. - Você o leva para passear?

- Sim! Todas as manhãs antes da escola e então... outras horas também. Tudo bem se eu ficar com ele?

- Querida, é claro. Não faça perguntas tão bobas.

De modo que enquanto minha mãe subiu para tomar banho e se arrumar para o jantar beneficente - ela ia encontrar com meu pai em algum lugar no centro dali a uma hora -, eu pus meus sapatos de novo e, com o Noodles pela coleira, fui até o mercado comprar mais pão sírio. Desastres de última hora - o que seria de minha vida sem eles?

Capítulo 29

QUANDO AS COISAS NÃO DESMORONAM

Eu estava tentando impedir que Noodles fizesse xixi numa motoneta azul que alguém havia estacionado na calçada quando meu celular tocou. Ainda puxando a coleira com uma das mãos, peguei o telefone no bolso com a outra e o abri. O número era o de Liesel.

- Oi - eu disse, praticamente arrastando Noodles pela rua. Ele tinha encontrado um falafel comido pela metade na calçada e, mesmo estando coberto de marcas de sapato, avançou nele faminto. Adorava o bichinho, mas às vezes seus hábitos alimentares eram um tanto nojentos. Contudo, talvez seja culpa minha, por dar a ele comida de gente tão frequentemente. - Largue isso, Noodles! Largue! Desculpe, Liesel. O que foi?

- Flan, querida, tenho uma notícia das mais horrendas. Não vou poder ir à sua festa.

- O quê? - Fiquei tão surpresa, que quase larguei a guia. - Mas ficamos planejando a festa juntas, tipo, a semana inteira!

- Eu sei, eu sei, e me sinto absolutamente horrível com a coisa toda - Ela suspirou profundamente. - Só não vejo que jeito dar. Veja, eles precisam de mim no Cube hoje à noite. O crítico do *Time Out* virá, e se ele vir alguém brega ou desengonçado, a matéria vai ser horrível.

- Mas o que é que eu posso fazer? Como vou fazer que minha festa seja incrível sem você nela?

- Não sei, coração. É uma catástrofe.

- É tudo uma lástima. Primeiro Philippa não pode vir... depois meus pais se esquecem da coisa toda... e agora você também não vai aparecer.

- Seus pais não vão estar em casa?

- Não! Eles esqueceram completamente e marcaram outro compromisso. Mandaram Patch supervisionar! Não é uma coisa de doido?

Liesel riu, e mesmo do outro lado da cidade eu podia ver os olhos dela radiantes.

- Querida, por que você não me disse antes? Se Patch é o encarregado, você não terá problemas para que a festa seja inesquecível. Tchau, por ora. Mando um torpedo mais tarde para saber como você está se saindo. - Ela desligou.

Parei de andar e olhei com desgosto para meu celular. Inacreditável. Por um minuto eu comecei a ficar realmente brava com Liesel - eu contara com ela lá, para ajudar a manter a festa sob controle. Como ela podia cancelar comigo na última hora? Fiz um esforço para respirar fundo e me concentrei em chegar inteira no mercado. Afinal, ainda era a minha festa. Mesmo que as coisas não estivessem saindo exatamente como eu havia planejado, eu ainda estava no comando. Talvez com um pouco de sorte eu conseguisse reverter as coisas.

Não é para levar animais de estimação ao mercado, mas Noodles é tão bonitinho que ninguém pareceu se importar. Peguei o *hummus* e o pão sírio e os levei para o caixa, ainda pensando. Talvez de certa forma fosse bom que Liesel não viesse. Ela era uma especialista em festas, sem dúvida, mas não em festas para meninas de quatorze anos, e ela provavelmente ia morrer de tédio no fim das contas. E quando ela

fica entediada, meio que tende a ser um pouco implicante. Ainda assim, eu preferia ter todos os meus amigos presentes, mesmo com os seus defeitos. O dia tinha ido de mal a pior.

Quando eu saí na rua de novo abri o celular e tentei ligar para Sara-Beth uma última vez. Mas de novo ela não atendeu. E então, de repente, me senti mais horrível do que em qualquer outro momento de minha vida.

Pelo resto do caminho para casa eu fiquei me preocupando com a festa. Tinha convidado dez pessoas: Bennett, Judith, Meredith, Liesel, Sara-Beth, Philippa, Mickey, Jules e Eric. Mais Patch e Feb. E eu. E já sabia que pelo menos três dos convidados não iam poder vir. Mesmo meus pais tinham cancelado a presença. Eu não queria que fosse enorme, mas estava começando a ficar ridículo.

A situação me lembrou de uma vez no terceiro ano, quando Olívia, uma amiga da Miss Mallard's, deu uma festa de aniversário na casa dela. Olívia era meio que *nerd* na época, sempre usando golas olímpicas marrons e coisas do tipo, e não tinha muitas amigas, mas ainda assim, quando convidou todas as meninas de nossa classe, ela meio que esperou que pelo menos metade apareceria. No dia da festa, no entanto, acabou sendo só ela, eu e esse mágico russo caro demais que os pais dela tinham contratado de algum serviço de festas europeu meio que maluco. Ele tirou cerca de vinte dólares em moedas de 25 *cents* detrás do meu ouvido, e então pediu todas de volta. Foi a pior festa de todos os tempos, e Olívia e eu jamais voltamos a falar nela. De jeito nenhum eu queria que aquela noite acabasse assim.

Quando cheguei em casa, no entanto, comecei a me sentir um pouco melhor. A sala de estar estava realmente legal do jeito que eu a tinha decorado - só as luminárias de aparência japonesa faziam uma diferença enorme - e eu disse a mim mesma que estava exagerando demais nisso tudo. As pessoas, ou iam gostar de mim, ou não. Se eu tivesse de dar a melhor festa de todos os tempos para ganhar a amizade delas, então provavelmente nem valia a pena tê-las como amigas. De modo que, depois de arrumar o *hummus* e o resto, parei de ficar obcecada com a arrumação da festa.

Dei comida para Noodles, coloquei um vestido verde Miu Miu realmente gracinha, que tinha comprado quando saí para fazer compras com a Liesel, e me instalei numa poltrona com um livro para esperar meus convidados. Eu estava me iludindo se achava que ia conseguir ler uma página que fosse, porque não consegui me concentrar nem um pouquinho. Fiquei lendo o mesmo parágrafo um monte de vezes até que enfim fechei o livro. Olhei pela janela e vi que já era realmente o outono, porque estava ficando escuro mais cedo. Às sete e meia, já era quase noite lá fora.

Patch foi o primeiro a aparecer - na verdade na hora, se dá para acreditar nisso.

- Estou tão contente que você tenha chegado - eu disse, levando-o para a sala de estar. - Tanta gente cancelou; e não posso acreditar que mamãe e papai não vão estar aqui. Então, ficou legal o visual? O que você acha?

Patch riu de mim.

- Você está se preocupando demais da conta.

- Talvez você tenha razão. -Joguei-me numa poltrona e suspirei. - Patch, como você consegue ser tão tranquilo?

Meu irmão deu de ombros.

- As coisas têm um jeito de se resolver por conta própria, sabia? Apenas respire fundo.

- É, você tem razão. - Coloquei os pés sobre um pufe e respirei fundo, relaxando. Mas então a campainha tocou de novo, e fiquei de pé num pulo. Podia deixar para relaxar depois. Naquele momento, os verdadeiros convidados estavam começando a chegar.

Capítulo 30

BEM-VINDOS AO MEU MUNDO

No minuto em que vi Meredith e Judith, fiquei satisfeita de ter caprichado na roupa. Meredith estava usando esse vestido de renda que parecia da década de 1960, e seu cabelo estava alisado, com essas presilhas incríveis com flores artificiais presas nele. Judith estava com uma blusa frente-única e sapatos de salto alto. E, mesmo não sendo o meu aniversário, elas tinham trazido presentes. Judith estava carregando uma garrafa de cidra espumante, e Meredith me fizera um cinto de tampas de garrafa. Soa como se fosse horrível, eu sei, mas na verdade era bem legal. Mesmo se fosse a coisa mais brega do mundo, no entanto, eu não teria me importado. Era simplesmente incrível que elas tivessem caprichado tanto para se preparar para a minha festa. Obviamente era algo ainda mais importante para elas do que eu imaginara.

- Uau, que legal - eu disse, recebendo os presentes. - Realmente, vocês não precisavam ter feito isso.

- É só que nós nos sentimos mal por ter duvidado de você e tudo - disse Meredith timidamente, pondo o cabelo para trás das orelhas.

- Oh! - Fiquei realmente comovida, quase como se fosse começar a chorar. - Bom, vocês tinham todo o direito de duvidar de mim. Sinto muito ter mantido tantos segredos. De agora em diante, não farei mais isso. Foi realmente estúpido.

- Nós é que fomos as estúpidas - Judith admitiu. - Ou, na verdade, eu fui. Meredith ficava me dizendo que podíamos confiar em você, mas eu acho que simplesmente não acreditei nela.

- Bom, não importa - eu disse. - Entrem. - Fiquei de lado junto à porta para elas poderem passar. Judith me entregou a garrafa de cidra, mas Meredith ficou segurando o cinto de tampas de garrafa, mexendo-o com as mãos como se estivesse preocupada de que eu não fosse gostar ou algo assim.

- Deixe eu lhe mostrar como funciona - ela disse.

Ela estava ainda me mostrando como o fecho que ela fizera funcionava - era ajustável e meio que complicado - quando entramos na sala de estar. Eu olhei em volta, surpresa. Patch tinha sumido - era como se tivesse se evaporado ou algo assim.

Mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa sobre isso, Meredith e Judith tinham começado a percorrer a sala, parecendo meio confusas. E, de repente, me ocorreu o que elas estavam pensando: onde estão minhas outras amigas? Minha família? Minha vida? Elas elogiaram a comida e o sofá e tudo, mas dava para ver que elas pensavam que eu ainda escondia alguma coisa delas.

- Ei, eu sei que não é bem como vocês estavam esperando - eu disse, parada e embaraçada num canto da sala.

Meredith mordeu o lábio.

- Bom, é um tanto... mais calmo.

- É, eu sei. Quando vocês ouvem falar da casa dos Flood, as pessoas sempre falam sobre nossas festas e como sempre vem muita gente. Mas o caso é que fica assim boa parte do tempo também. Meus pais viajam muito, e, quando meu irmão e minha irmã estão fora tendo suas aventuras, na realidade eu simplesmente fico sozinha.

Judith franziu o cenho.

- Deve ser tão esquisito. Sinto muito, Flan.

A princípio achei que ela estava sendo sarcástica; levei um segundo para me dar conta de que ela estava realmente se solidarizando comigo. Mas, antes que o clima ficasse pesado, Noodles entrou correndo, balançando o rabo e ganindo, e Meredith e Judith praticamente ficaram histéricas.

- Oh, ele é tão gracinha! - Meredith exclamou. Noodles ficou de pé nas patas traseiras, agitando as dianteiras para ela, até ela se abaixar e o segurar no colo.

- Quantos anos ele tem? - Judith perguntou, acariciando as orelhas dele.

Dei de ombros.

- Na realidade, não sei.

- Então ele foi adotado?

Pensei na modelo brega do bar - a camisa do Mickey Mouse, o anel no umbigo, a sandália de dedo.

- Pode-se dizer que sim, é - respondi.

- Bom, ele é incrível - Judith disse. - É a coisinha mais bonitinha que já vi! - Noodles imediatamente lambeu o rosto dela; eu acho que ele sabe quando está sendo elogiado.

Sentamos pela sala, comendo os docinhos e ouvindo o CD que eu fizera para a festa. Meredith recomendou algumas bandas e prometeu que ia fazer cópias dos seus álbuns. Sobre tudo ficamos jogando conversa fora e fofocando sobre pessoas da escola até os meninos aparecerem.

No segundo em que a campainha tocou, nós três levantamos de um salto. E, mesmo fazendo com que elas parecessem um pouco ansiosas demais, Judith e Meredith vieram comigo, dando risadinhas e ajeitando o cabelo, quando fui atender à porta.

Bennett, Eric e Jules estavam nos degraus, parecendo constrangidos quando abri a porta. Bennett estava usando uma camisa Madras com colarinho e penteara os cabelos para trás. Ele sorriu para mim, meio que tímido mas com as covinhas aparecendo, e me entregou um buquê de lírios amarelos. Como ele sabia que eram os meus prediletos?

- Para você - ele disse. Rapidamente acrescentou - ...de nós todos - E antes que conseguisse dizer isso, Meredith e Judith ficaram todas "Oooh...."

- Muito obrigada - eu disse, sorrindo.

Bennett corou. Acho que, se outras pessoas de nossa classe na escola pudessem vê-lo naquele momento, elas jamais o teriam chamado de o *segundo* mais bonito do segundo ano. Especialmente porque Eric, que era supostamente o primeiro, estava bem do lado dele em *blue jeans* enrugados, com essa expressão contrariada no rosto como se ele fosse descolado demais para estar ali ou algo assim. Definitivamente não era a expressão que você vê em modelos, disso tenho certeza. Até Jules parecia mais bonito, porque ao menos ele estava sorrindo. Ele estava atrás dos outros dois, com um paletó clássico de terno que parecia da década de 1970 ou algo assim, e *e/le* não poderia parecer mais feliz do que estava. No minuto que ela o viu, Meredith desviou os olhos baixando-os fixos para os pés - acho que ela estava contente que ele também viera.

- É tão bom vê-los aqui, meninos - eu disse, dando um passo para o lado para eles entrarem. - Estou muito contente que tenham vindo.

- Então essa é a famosa casa dos Flood - disse Eric, indo para a sala de estar antes de todos os outros. Ele olhou em volta e farejou o ar. - Humm. Humm. Não é das piores. É, é legal, Flan. Fico contente de enfim eu mesmo ver. Sabe, seu irmão tem a reputação de ser o maior festeiro do West Village. Mas não se preocupe, nunca acreditei nisso realmente.

- Obrigada - eu disse, olhando para o teto. Fui até a cozinha pôr as flores num vaso. Enquanto abria a torneira, me ocorreu pela primeira vez que talvez Eric tivesse inveja de meu irmão. E agora ambos estavam ali. Ora, ora. Essa vai ser uma noite e tanto.

Voltei para a sala de estar, onde meus amigos estavam bebendo a cidra que Judith trouxera. Sentei ao lado de Bennett no sofá e me servi de um copo. Os meninos tentavam puxar conversa com Judith e Meredith, mas sem muito sucesso.

- Então, Judith, quem você tem na aula de História?

Risadinha, risadinha.

- Ei, Meredith, você gosta dessa música?

Silêncio tímido.

Depois de um tempo, Jules e Bennett até conseguiram manter uma conversa sobre filmes - Meredith murmurou que gostava de piratas, e Judith deu umas risadinhas sobre cobras voadoras - mas não estavam tendo muita ajuda de Eric, que permanecia sentado numa das poltronas e de braços cruzados, ainda de cara feia. Eu me perguntei como eles tinham conseguido arrastá-lo até ali. Provavelmente ele apenas queria ver nossa casa para depois dizer na escola que as festas na casa dos Flood não eram essa coisa toda.

Finalmente nós servimos o resto da cidra, e a festa entrou numa verdadeira calmaria.

- Tenho alguns jogos de tabuleiro lá em cima em meu quarto - ofereci. - Podemos jogar palavras cruzadas, ou banco imobiliário.

- Eu faço o banco - Bennett se ofereceu.

- Sei de um jogo melhor para jogarmos - sugeriu Jules. Estava com um sorriso meio malicioso no rosto e, antes mesmo de ele estender a mão para alcançar a garrafa de cidra, eu sabia o que ele tinha em mente.

- Ah, não o de girar a garrafa! - exclamou Judith, deliciada. - Deixem eu ser a primeira.

Ela pulou de sua poltrona e foi até a mesa de centro.

- Espere um pouco, temos de sentar num círculo - disse Jules.

Assim, todos sentamos no carpete num círculo em volta da mesa de centro. Eu mudei a bandeja de doces (cuja metade já tinha acabado) para o chão, e Judith fez a garrafa girar, e então deu um gritinho. Porque ela acabou apontando bem... para... Eric.

Houve um momento longo e realmente embaraçoso em que Eric a encarou como se fosse uma total desconhecida no metrô, e então me dei conta de que Eric estava na verdade nervoso em relação ao beijo.

- Relaxe - disse Bennett. - É só um beijo.

- Cale a boca - Eric disse. E todo mundo meio que riu.

- Se você não quer... - Judith disse.

- Claro que quero! - Eric disse, e então seu rosto ficou com uma expressão que era meio que "certo, vou fazer isso, mas estou realmente constrangido". Ele fechou os olhos, juntou os lábios e se inclinou lentamente na direção da mesa de centro. Mas bem quando ela moveu o rosto para perto do dele...

- Ai, meu Deus, é o Patch Flood! - Judith berrou. Meredith, que estava levando o copo de cidra aos lábios, imediatamente derrubou-o no colo.

Eu me virei para olhar, e lá estava ele, meu irmão, parado na porta da cozinha, usando sua bermuda de surfista e uma camiseta limpa. Seu cabelo estava todo clareado pelo sol e ondulado. E ele segurava um saco de bichinhos de chocolate da Li-Lac, a minha loja de chocolates favorita.

- Ei - ele disse com um sorriso desembaraçado. - Percebi que não tinha trazido nada para a festa, então escapei pela porta dos fundos. Espero que gostem disso; Flan sempre costumava ter em suas festas quando era menininha.

Judith e Meredith olharam uma para a outra, ainda boquiabertas. Eric amassou seu guardanapo e o jogou sobre o ombro porque ele tinha sido totalmente desmascarado como alguém que nunca beijara de verdade uma menina antes, mesmo sendo bonito. Se ele tinha inveja do Patch antes, estava louco de raiva e constrangido agora. Por fim, Meredith foi a primeira a falar.

- Flan... - ela sussurrou - essa é a melhor festa de todas!

Fiquei contente que ela achou isso. E foi mesmo a noite mais perfeita. Exceto por uma convidada ainda faltando.

Capítulo 31

A MENINA DA CASA AO LADO

- *Está realmente uma ótima festa* - Bennett disse. Tínhamos saído lá fora para ter um momento sozinhos antes de ele ir embora. Ele passou a mão pelos cabelos, embaraçado. - Realmente é uma pena eu ter de ir embora tão cedo. Mas, como eu falei, meu irmão veio da universidade passar o fim de semana em casa, e...

- Não diga mais nada - eu o interrompi. - Entendo totalmente.

- É, bom, você vai ter de me dizer como acabou o jogo de detetive. Ainda acho que o professor Plum estava de algum modo envolvido.

Eu ri.

- Conto tudo na escola na segunda-feira.

- Na verdade, você gostaria se a gente se encontrasse antes disso? Amanhã à noite, quem sabe: tem esse filme passando no Angelika...

- Bennett Keating, você está me convidando para um encontro?

- É, acho que sim. - Ele esfregou a ponta do pé no degrau, e eu pensei o quanto o fazia ainda mais bonito ele ser tão tímido. - Quer dizer, se você não...

Eu peguei a mão dele.

- Não. Eu vou adorar.

- Ótimo! - Bennet sorriu. Eu estava gostando cada vez mais das covinhas dele.

- Passo aqui pelas sete para te buscar.

- Talvez meus pais estejam em casa a essa hora. Tenho certeza de que eles gostariam de conhecê-la. Eles existem de verdade, juro.

- Eu acredito. - Bennet olhou para seu relógio. - Bom, agora eu realmente tenho de ir.

- Claro.

Bennett se aproximou como se fosse me dar um abraço, e eu dei um passo à frente. Mas então, no último segundo antes de me soltar, ele virou o rosto na direção do meu - e nós nos beijamos. Não foi na orelha, não foi como parte do jogo de girar a garrafa, foi um beijo legal, normal, como os que trocam os casais de verdade, e foi absolutamente maravilhoso. Bennett recuou e nós ficamos ali por um minuto, sorrindo um para o outro, como dois idiotas.

Então Sara-Beth Benny saltou do meio dos arbustos e arruinou totalmente o momento.

- Ai, meu Deus, Flan, esse é ele? - ela gritou, encenando um sussurro atrás da mão. - O homem da orelha? Estou tão contente de ver que as coisas deram certo... finalmente!

Bennett ficou vermelho como uma beterraba, e acho que eu também. Mas naquele ponto Sara-Beth poderia ter dito qualquer coisa e eu não teria ficado brava, estava tão contente em vê-la. Antes que ela pudesse se mover um centímetro, a envolvi num grande abraço.

- Sara-Beth! Estou tão contente que você está aqui.

Ela me abraçou e deu um enorme sorriso.

- Eu não consegui ficar brava com você por muito tempo, Flan. Quando Philippa me disse que você queria que eu viesse, eu não pude dizer não.

- Eu me sinto tão mal pelo que aconteceu. Você nem faz ideia.

- Se tem alguém que devia se sentir mal, sou eu, aparecendo aqui desse jeito. Eca! Estou um horror!

Sara-Beth estava usando uma saia pregueada e um top Prada, mas tinha folhas grudadas nas costas e terra nos joelhos. Quando ela começou a limpar as roupas, me perguntei por quanto tempo ela havia ficado escondida ali - e por quê.

- Eu estava para chegar em sua festa adorável - ela continuou, como se respondendo à minha questão - quando vocês dois saíram e eu mergulhei nos arbustos. Essa foi uma coisa que aprendi nas aulas de jiu-jítsu: reflexos!

- Desculpe, acho que não fomos apresentados - disse Bennett, finalmente se recobrando de seu embaraço. Fiquei contente de ver que ele estava sorrindo de novo: era uma espécie de situação engraçada se você olhasse bem para ela. - Meu nome é Bennett.

- E o meu, Sara-Beth Benny - ela disse, estendendo a mão como se esperasse que ele a beijasse ou algo assim.

- Espere um pouco. Achei que você parecia conhecida, mas... a Sara-Beth Benny?

- A própria e a única - eu disse, e Sara-Beth pôs para trás os cabelos como a estrela de cinema que era.

- Bom, foi ótimo conhecê-la, Sara-Beth - disse Bennett. - Mas eu preciso ir embora. Até amanhã, Flan. - Ele me deu um longo e profundo olhar nos olhos, como se mal pudesse tolerar a ideia de partir, e apertou a minha mão. E então desceu os degraus da entrada. Acenou um pouco antes de desaparecer calçada afora, de volta a seu prédio.

- Você não faz ideia do quanto estou contente de você ter vindo - eu disse a Sara-Beth. - Você precisa acreditar em mim: eu não escrevi aquelas coisas desagradáveis sobre você.

- Ah, no fundo do meu coração, eu sabia o tempo todo. Você não tem esse tipo de maldade, Flan. Além disso, a letra não batia.

- Não batia com o quê?

- Seu diário - ela disse como se não fosse nada demais. - Encontrei-o na gaveta da mesa no primeiro dia que fiquei aqui, quando estava procurando pregadores.

Eu suspirei e balancei a cabeça. Algumas semanas atrás, eu teria ficado brava, ou ao menos em pânico; mas agora eu sabia que não havia nada escrito nele que eu não teria contado para ela de qualquer jeito. Ela podia ser um pouco maluca, mas eu percebia rapidamente que ela era também a minha melhor amiga.

- Ouça, onde você esteve? Tentei ligar para você o dia todo. Há vários dias, na verdade. Era como se você tivesse sumido da face da Terra ou algo assim.

- Eu diria que estava um pouco mais perto do que isso... Eu estava me mudando para minha nova casa, tonta!

- Casa nova?

Sara-Beth me deu um tapinha, como se eu já devesse saber. Mas, antes que eu pudesse perguntar do que diabos falava, ela já estava abrindo a porta e entrando em minha festa.

Jules, Eric, Meredith e Judith permaneciam jogando detetive, e eu ouvi dados caindo na mesa quando todos se viraram em uníssono para olhar para a estrela de cinema que acabara de irromper pela porta. Sara-Beth tirou seus óculos escuros com um floreio.

- Sara-Beth Benny - ela disse para a sala. - Prazer em conhecê-los.

Meredith e Judith se entreolharam e berraram:

- *Sara-Beth Benny* ?

- Desculpe estar tão atrasada - Sara-Beth deslizou pela sala. Ela subitamente parecia tão descontraída e sociável que nem eu mesma conseguia imaginá-la se escondendo atrás do sofá, segurando uma buzina de ar comprimido e usando as calças do meu pijama. - Vocês se importam se eu entrar no jogo? - Ela se empoleirou

no braço da cadeira de Eric, que a olhava sem piscar, como se ela fosse um anjo, ou uma visão, ou algo assim. - Como se joga?

Enquanto isso, Meredith e Judith estavam completamente sem fala. Se tinham ficado empolgadas em conhecer meu irmão, estavam em êxtase agora. Com as bocas escancaradas e os olhos esbugalhados, elas bem poderiam ser um par de peixinhos de aquário.

- De onde você conhece a Flan? - Jules perguntou, o único na sala, fora eu, claro, que não estava correndo o risco imediato de desmaiar.

- Ah, somos amigas faz uma eternidade - disse Sara-Beth. - Mas agora acho que se pode dizer que somos vizinhas.

- Vizinhas? - eu perguntei. Fiquei imaginando se ela estaria planejando se esconder num de meus armários.

- Eu acabei de mudar para a casa do outro lado da rua. Não é fabuloso? Será como você disse: teremos um pouco de espaço, mas ainda poderemos passar montanhas de tempo juntas! De fato, planejo vir aqui todas as tardes depois da escola. Não vai ser maravilhoso, Flan? Você faz suas tarefas de escola e eu decoro minhas falas. Vamos ser as melhores amigas de verdade!

Meredith e Judith soltaram pequenas interjeições deliciadas, mas eu apenas balancei a cabeça e ri. Minha vida estava condenada a ser maluca - eu sabia disso agora. Mas estava tudo bem, porque eu também sabia que era exatamente assim que eu gostava dela.

A vida de uma *inside girl* é tudo, menos comum

Descubra o que acontece a seguir em *A coisa mais doce*, o próximo livro da série *inside girl*, de J. Minter

Flan Flood finalmente está com a vida em ordem. Seus novos amigos - normais - da escola se dão bem com suas amigas estrelas e celebridades, e ela não poderia estar mais feliz sendo apenas a Flan.

Mas enquanto a vida segue seu curso, as novas amigas de Flan, Meredith e Judith se apaixonam pelo mesmo garoto: o zagueiro Adam, que é super gato e tem um sorriso tão impressionante quanto seus arremessos. E, quando a melhor amiga de Flan, a estrela teen Sara-Beth Benny, decide dar uma festa de Halloween, as duas amigas juram beijar seu príncipe do futebol americano até a meia-noite do grande evento.

Subitamente, Flan se vê no centro de uma batalha pela atenção de Adam. Conseguirá Flan convencer Meredith e Judith de que a amizade é bem mais importante do que qualquer garoto, ou será que ela ficará imobilizada bem ali no meio?

"Gostaria de ter conhecido Flan Flood no colegial - e não só porque ela tem um irmão mais velho que é um gato e com amigos gatos mais velhos (embora isso ajude bastante). Não deixe o nome enganá-la - essa é uma garota que você tem de conhecer, agora."

Lisi Harrison, autora da série ALFAS

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232>

